SET

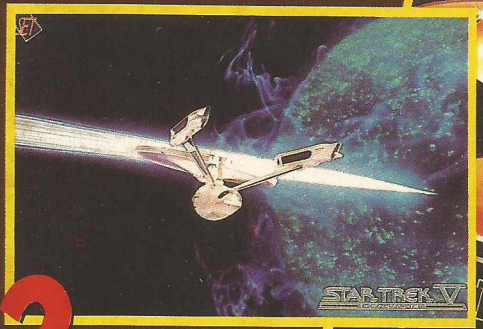
ESPECIAL

TERROR E FICÇÃO

5686 0001 · Ed. 27T — NCz$ 22,00

EDITORA AZUL

- **PESADELO 5**
  FREDDY KRUEGER ABRE O JOGO
- **BATMAN**
  CINQÜENTA ANOS DO MORCEGO
- **JORNADA NAS ESTRELAS**
  1964-1989: NA ROTA DO SUCESSO
- **GRÁTIS**



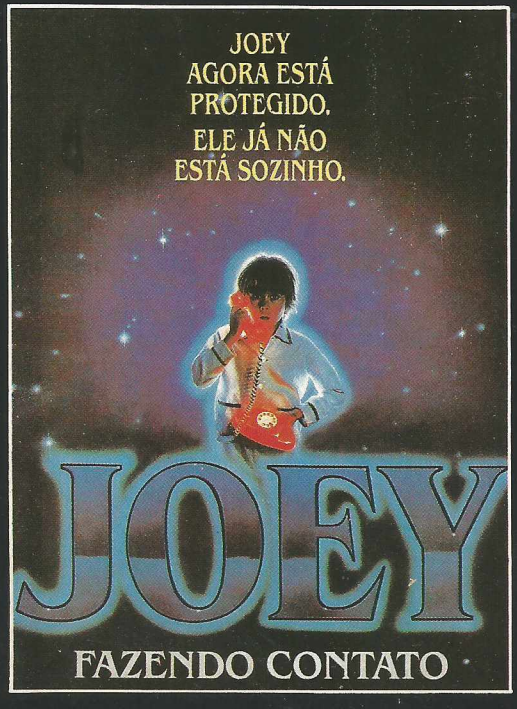
2 SUPERPOSTERS

OS NOVOS FILMES DE
- **STEPHEN KING**
- **JOHN CARPENTER**
- **JAMES CAMERON**

SELEÇÃO
100 VÍDEOS FANTÁSTICOS

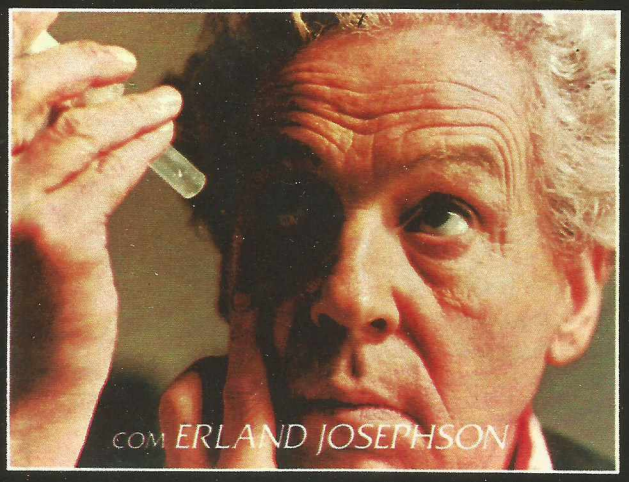
LIBERADO SEM CORTES

Estes filmes contêm as mais assustadoras cenas de terror!

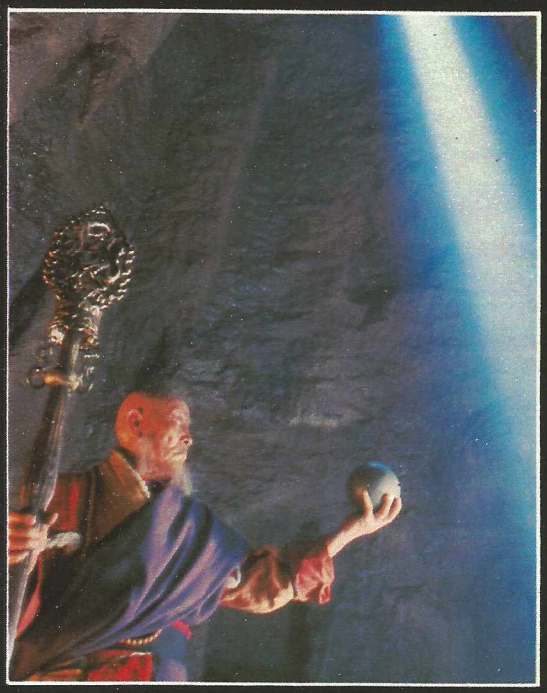


DEMONS 2
ELES VOLTARAM

A CASA DO TAPETE AMARELO



A LENDA DA PÉROLA DOURADA



Não percam as próximas atrações da

F J LUCAS

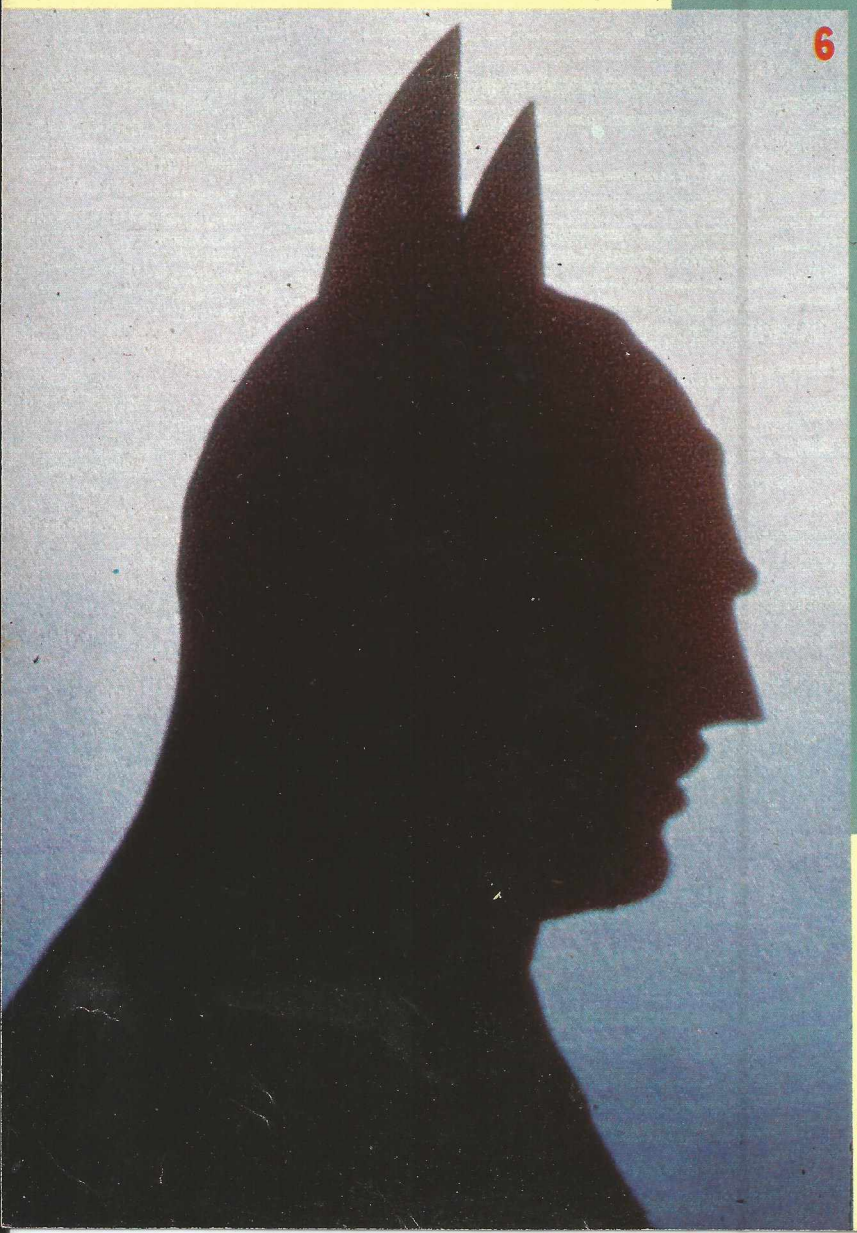
Av. São João, 1588 - 2ª sobreloja - Sta. Cecília
São Paulo - SP - CEP 01260 - Tel. (011) 220 6299

Foto de capa: New Line

Na capa: Freddy Krueger em *A Hora do Pesadelo 5*

Em outubro do ano passado, SET lançava o seu primeiro número especial temático: Terror e Ficção, saudado com entusiasmo pelos aficcionados do gênero. Os pedidos de uma nova edição a ele dedicada não foram em vão.

Do *Batman* cinqüentão, o hit da temporada, à *Jornada nas Estrelas*, hit de sempre. Das criativas pechinchas de John Carpenter às megaproduções do ambicioso James Cameron, já taxado de "Spielberg dos anos 90". Do depoimento exclusivo de Robert "Freddy Krueger" Englund, nosso monstro de capa, a um ensaio sobre o terror de Stephen King, na literatura e nas telas. Da nova seleção de 100 vídeos fantásticos aos dois posters gigantes — *Star Trek 5* e o cartaz oficial de *Batman*, o filme. Está tudo aqui — o que rola no limite da imaginação, o que salta no momento elétrico do arrepio, numa palavra: brrrrrr!

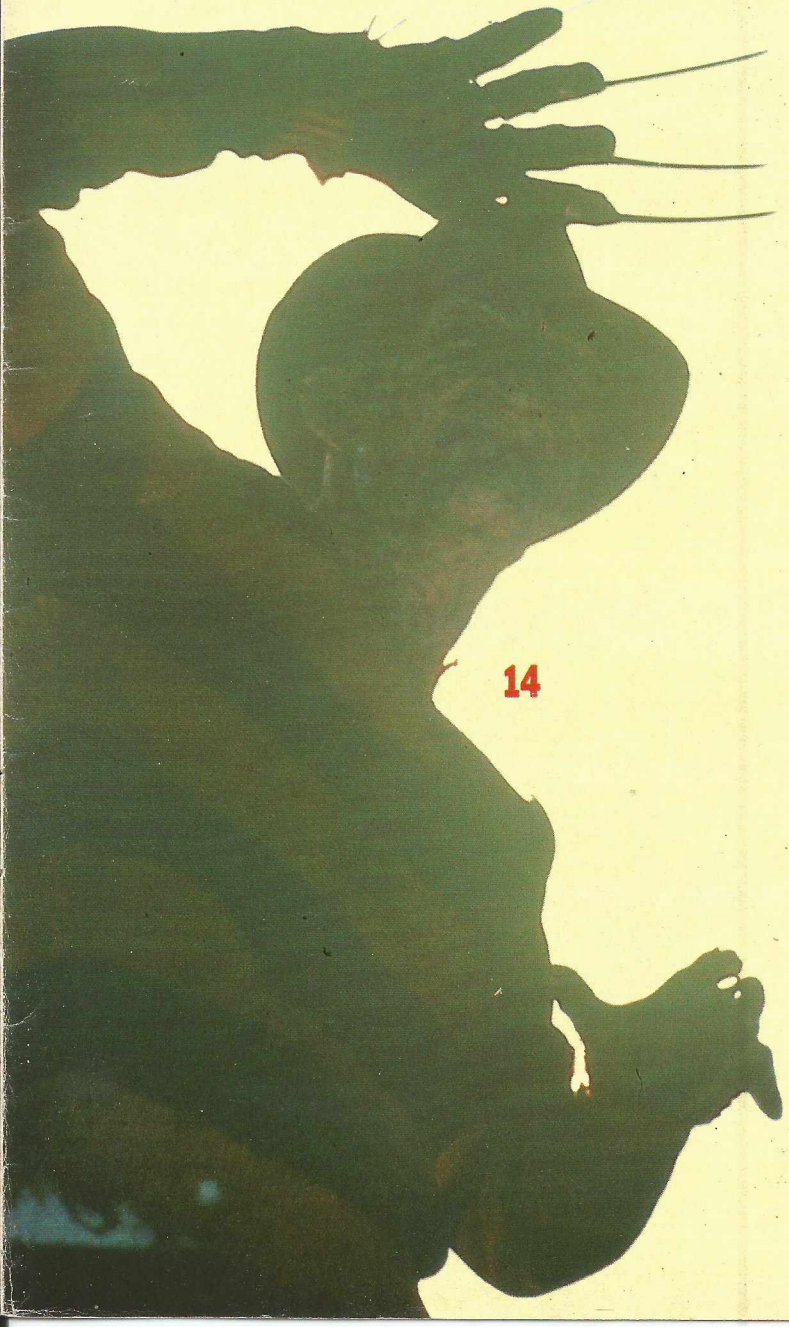


Warner

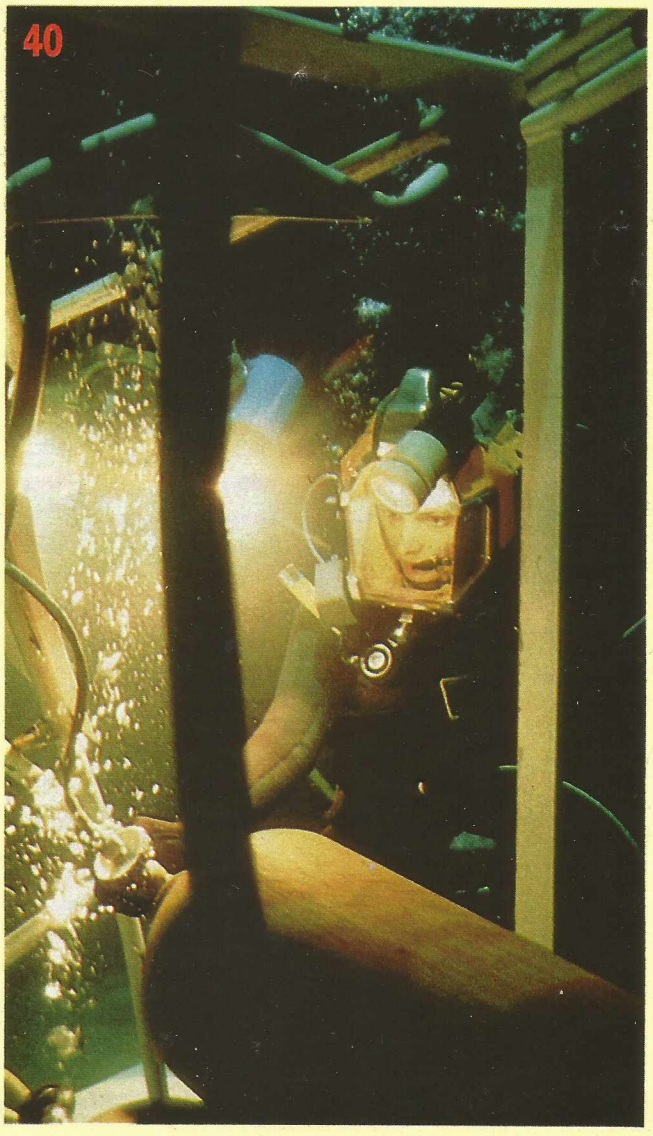
Paris

UIP

BATMAN
A volta do Homem-Morcego 6
ROBERT ENGLUND
Um papo com Freddy Krueger 14
STEPHEN KING
Um moderno mestre do horror 18
JORNADA NAS ESTRELAS
A primeira e a última missão 30
ELES VIVEM
John Carpenter e a nova investida alien 36
JAMES CAMERON
O diretor fala de O Segredo do Abismo 40
VIDEOGRAFIA
100 vídeos de terror, fantasia e ficção 45

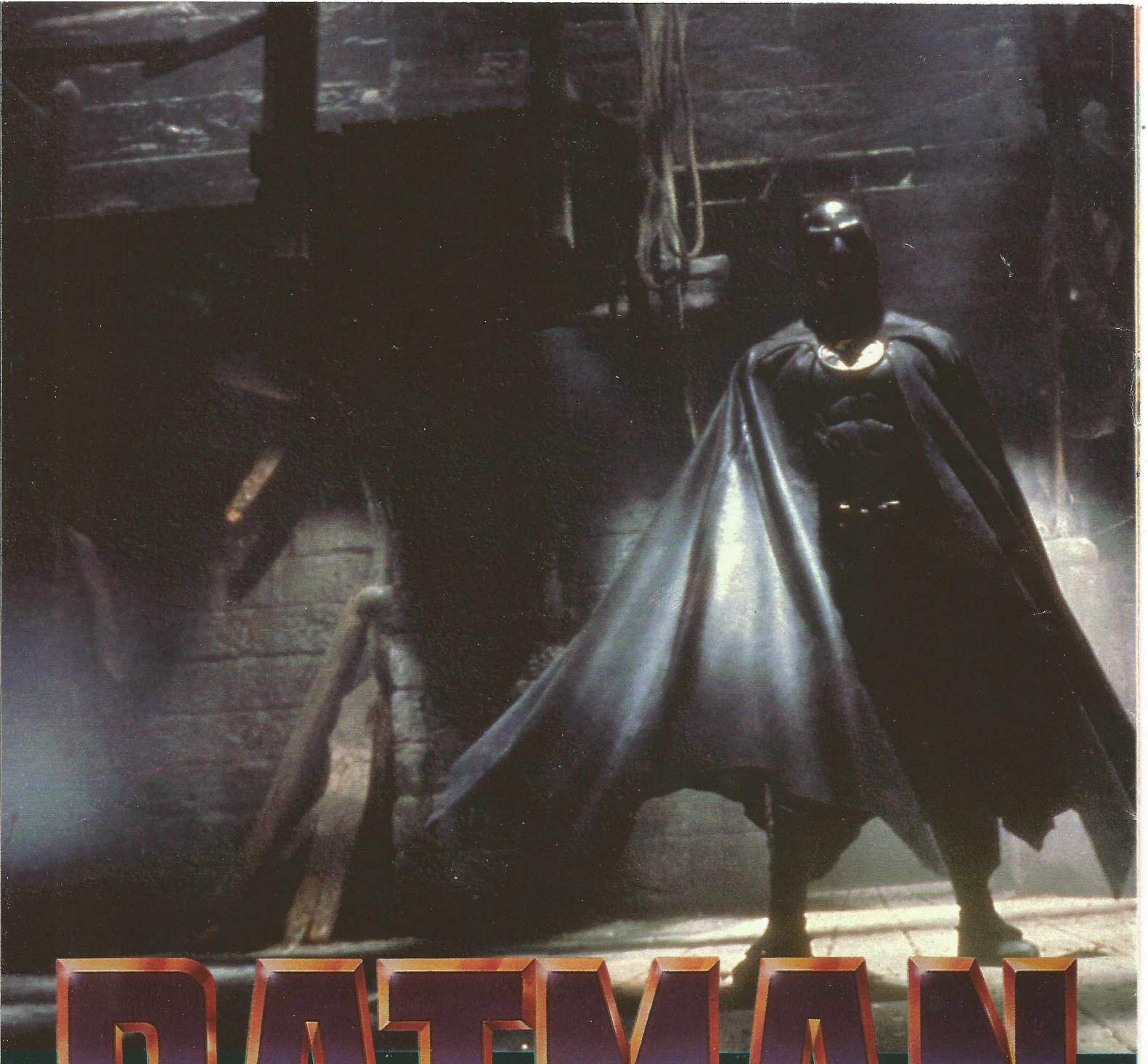


14



40

Fox



BATMAN

DE VOLTA ÀS SOMBRAS

Ele foi testemunha do assassinato de seus pais por um assaltante quando ainda era criança. O passar dos anos acabou transformando o trauma em obsessão, consumindo sua vida com um único propósito: o combate ao crime. Um morcego, voando através de uma janela, serviu-lhe de inspiração. Ele iria se tornar um morcego e levar pânico aos malfeitores.

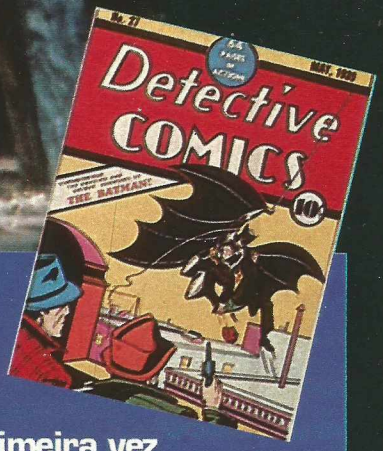
Não há leitor de quadrinhos que não conheça essa história, a origem de Batman, introduzida por Bob Kane e Bill Finger há cinqüenta anos. Nos últimos anos, as conseqüências psicológicas — e patológicas — de tal origem têm sido ressaltadas por uma nova geração de autores, para quem o personagem é uma espécie de ícone dos anos 80. O Batman que os atuais leitores conhecem e cultuam não passa as noites acompanhado por um moleque metido em roupas berrantes. Ele é uma figura atormentada, fria, lacônica, solitária, sombria. O personagem nunca foi levado tão a sério nem vendeu tantas revistas quanto neste final de década. Agora, a estréia de *Batman*, o filme, transforma o interesse no Homem-Morcego em uma verdadeira mania mundial.

A grande ironia é que o recente interesse de Hollywood pelo soturno herói responde a uma demanda que tem dominado o cinema desde o sucesso de *Guerra nas Estrelas*, expressa pelas vultosas cifras investidas na produção de filmes para criança. *Batman*, no entanto, não é um projeto novo. Os direitos de filmagem foram obtidos em 1979, na euforia que se seguiu ao retorno de bilheteria do primeira longa do Super-Homem. Vários diretores e roteiristas trabalharam no projeto desde então. Até que John Peters e Peter Guber, produtores ligados a filmes de grande bilheteria, como *Flashdance*, *As Bruxas de Eastwick* e *Rain Man*, tomaram conta do negócio. A decisão de tirar o pó dos arquivos respondia ao aumento de popularidade do personagem — e dos quadrinhos em geral — e à proximidade de seu cinqüentenário. Tim Burton soube da existência do projeto em 1984, ao abandonar os estúdios Disney, onde iniciara sua carreira — havia trabalhado na animação de *A Raposa e o Cachorro* e dirigido os desenhos *Vincent*, sobre um garoto que idolatrava Vincent Price, e *Frankenweenie*, sobre outro garoto estranho, que adorava dar choques em seu cachorrinho para vê-lo pular. O convite para trabalhar em *Batman* seguiu sua estréia como diretor de atores de carne e osso, em *Pee-Wee's Big Adventure*. Contudo, o roteiro que os produtores lhe apresentaram, de autoria de Tom Mankiewicz, não chegou a entusiasmá-lo. "Muito parecido com o roteiro de *Super-Homem*, no tom e na estrutura", ele lembra.

Burton e seu roteirista, na época Julie Hickson, sujaram as mãos, mexeram em tudo e, mesmo assim, continuaram insatisfeitos com o produto. O assunto acabou sendo postergado, na medida em que Burton se envolvia com seu novo filme, *Os Fantasmas se Divertem*, em que Michael Keaton, na pele de um fantasma pirado, perturbava a vida de um casal de fantasminhas suburbanos encrencados com uma irritante família pós-moderna. O filme, despretensioso em seu orçamento mas desenfreado em imaginação, acabou se tornando a grande e simpática zebra do verão americano de 1988, conquistando bilheterias consideráveis e dando a Burton o cacife para sua nova aventura: dirigir a maior superprodução do verão seguinte.

Quando o nome do diretor veio à tona, os batma-

Fotos Warner



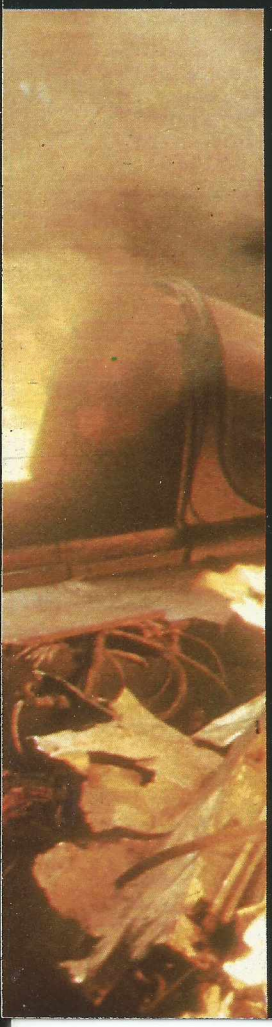
Cinqüenta anos depois de seu surgimento (a primeira vez que o personagem apareceu foi na revista americana *Detective Comics* de maio de 1939), o Homem-Morcego retorna ao lado mais sombrio da vida. É *Batman*, o filme, que, acompanhando a evolução dos quadrinhos, rompe com a face mais pop que o herói tinha ganho nos anos 60

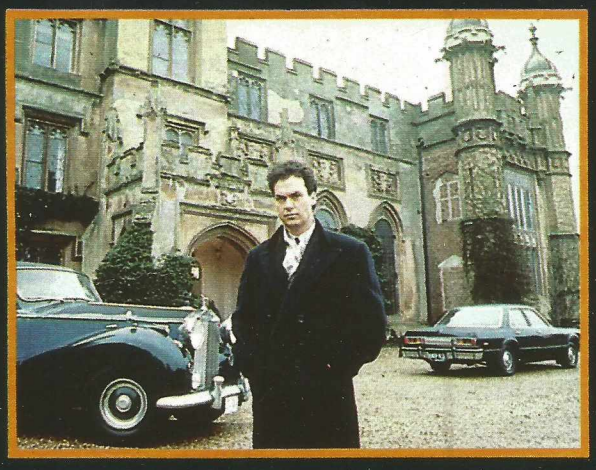
níacos dos quadrinhos passaram a transmitir sinais de descontentamento — afinal, tratava-se de um especialista em desenhos animados e comédias. A gota d'água foi a escalação de Michael Keaton para o papel principal. Os leitores queriam sangue! Como parâmetro, pode ser tomada a opinião de Harlan Ellison, ficcionista e porta-voz da comunidade quadrinística: "O único super-herói proeminente sem poderes especiais, o melhor detetive do mundo, interpretado por um comediante em uma armadura de plástico... Esse é o tipo de opção errônea que arruína filmes".

A irritação era motivada pela lembrança da série de TV de 1966, que apresentava Batman como um bufão, papel que Adam West desempenhava com mortal seriedade. A série foi um estrondoso sucesso nos anos 60 — sua trilha virou hit e seus efeitos gráficos, pop art —, mas os puristas nunca a perdoaram. Por causa dela, os quadrinhos do herói, que já vinham pendendo para o humor desde o fim dos anos 40 (nos desenhos de Dick Sprang), viraram pura chanchada. Como percebe Burton, "Batman começou como um detetive noturno, antes de adquirir uma porção de bugigangas para combater o crime. Acabou como uma figura *camp*, cujas aventuras nem sequer aconteciam à noite. Ao contrário do Super-Homem, que foi sempre o mesmo, Batman mudou demais".

Não foi Burton quem sugeriu Keaton para o papel, mas, desde o início, sua visão do personagem apontava para características diversas das esperadas pelos fãs. "Nos quadrinhos", argumenta Burton, "você pode ter um cara vigilante sem problemas, mas, num filme, você precisa cuidar para que ele não seja apenas um Rambo ou o personagem de *Desejo de Matar*. Batman é muito mais complexo psicologicamente. Com Michael Keaton, você pode ver, pelo brilho do olho, que ele é um ser humano real, que se importa com as coisas. E, então, você percebe que pode acreditar nele."

E nem todas as vozes influentes do universo se levantaram contra o filme. Denny O'Neil — o atual editor das revistas de Batman e que, nos anos 70, como escritor de suas histórias, despachou Robin pra longe da batcaverna, iniciando a recuperação da aura noturna do personagem — caiu de amores pelo roteiro de Sam Hamm. O'Neil só teve descanso após arrancar do roteirista uma história para os quadrinhos — *Blind Justice*, minissérie que comemorou o cinqüentenário do herói na revista *Detective Comics*. Em troca, Hamm, um ardoroso fã de quadrinhos, pediu a seu bat-escritor favorito, Denny O'Neil, que assinasse a inevitável adaptação de seu roteiro para os quadrinhos. Os desenhos, a cargo de Jerry Ordway, chegaram ao cúmulo de copiar *stills* das filmagens, para se aproximar o máximo possível da abordagem cinematográfica. Ainda assim, a quadrinização, que será lançada no Brasil, em outubro, pela Editora Abril, não reproduz exatamente o que está na tela, mas, sim, o que foi esboçado no primeiro roteiro de Hamm. As filmagens se desenvolveram sobre um terceiro roteiro, trabalhado por mais duas pessoas — Charles McKeown, roteirista de *As Aventuras do Barão de Munchausen*, e Warren Skaaren, co-autor de *Os Fantasmas se Divertem*. Hamm não acompanhou as mudanças posteriores por ter se solidarizado com a greve dos roteiristas de Hollywood. Os quadrinhos, assim, acabaram se tornando uma fonte de comparação privilegiada.





Fotos Warner

Melhor a versão final do filme? Melhor o que Hamm escreveu inicialmente para ser filmado? Tim Burton garante que as mudanças foram sutis, apenas no sentido de lapidar o papel do Coringa. Mas a verdade é que o roteiro de Hamm era encarado como problemático por alguns executivos da Produtora Warner, que sempre planejaram manter o mínimo de impropriedade em sua execução. A versão de Hamm: "Eu descrevi Batman como um psicótico", ele diz. "Um cara que está tendo uma terrível crise de consciência."

De uma coisa, porém, os batmaníacos podem ter certeza: *Batman*, o filme, definitivamente não é uma comédia. Ele é sombrio, como o *Batman* original de Bob Kane. A ação se passa durante os primeiros meses da aparição do vigilante noturno nas ruas de Gotham City, quando metade da população ainda duvida de sua existência e a polícia o caça como um fora-da-lei. Desde os anos 70, os escritores do Batman dos quadrinhos tentam recapturar este período como antídoto às bobagens que transformaram o personagem num herói *camp*. Nos 80, Frank Miller e Alan Moore chegaram respectivamente às versões definitivas de *Batman: Ano Um* e *A Piada Mortal*, histórias que serviram de guia ao roteiro de Hamm. A participação de Bob Kane em pessoa como consultor do filme conferiu ainda mais presteza na reconstituição dos eventos e do espírito das primeiras patrulhas do homem vestido de morcego.

"Digam a todos, eu sou a noite." Assim Batman se anuncia nos primeiros minutos do filme. Burton queria que ele fosse capaz de assustar até mesmo o Coringa. Por isso, seu uniforme recebeu especial atenção

dos designers do espetáculo. Mais negro do que nos quadrinhos, o traje é, na verdade, uma armadura de plástico, coberta com lycra, que dá ao físico normal de Keaton um aparência avantajada — botas reforçam a impressão. Seu cinto não possui as mil e uma utilidades da TV. Menos espalhafatoso, reduz-se ao arsenal básico, com batarangues, pistola lançadora e estrelas ninjas. Em compensação, os novos batmóvel e bat-aeronave são máquinas tão intrincandas e de design tão sofisticado que apenas milionários como Bruce Wayne podem se dar o luxo de ter — criações de John Evans, que já produziu engenhocas para James Bond e efeitos para *Os Caçadores da Arca Perdida* e *Nascido para Matar*. A certa altura do filme, o Coringa reclama: "Estes brinquedos! Onde ele arranja estes maravilhosos brinquedos?". Agora nós sabemos.

Além dos brinquedinhos de Batman, da trilha sonora de Prince e do superelenco (ver box), destacam-se as locações. Os estúdios britânicos de Pinewood foram transformados em uma metrópole. Suja, cheia de bandidos, mendigos e com um céu sempre nublado. Uma cidade que mistura épocas e estilos, e parece viver apenas à noite. Gotham City foi criada pelo mago dos efeitos especiais, transformado em desenhista de produção, Anton Furst — seus ricos instintos visuais podem ser vislumbrados em filmes como *Nascido para Matar* e *Companhia dos Lobos*. E é o maior set de filmagens desde *Cleópatra* (1963), com suas ruas, avenidas, teatros, museus, fábricas, catedrais góticas (uma, em especial, remete à igreja de Barcelona, projetada por Antoní Gaudi) e espigões — sem esquecer os interiores de vários prédios —, onde pipocam flashes enormes, tipo anos 50, em harmonia com modernos aparelhos de vi-

Na outra página, a dupla identidade de Wayne: milionário e herói. No topo, após uma aterrissagem forçada. Acima, um encontro do Morcego com Vicki, a namorada de Bruce... À esquerda, o Coringa em sua TV pirata

deocassete. Não se trata, todavia, de um lugar agradável para se morar, tamanha a corrupção de suas entranhas. Felizmente, Batman está lá para limpá-la.

O chefão do crime de Gotham se chama Carl Grissom, o homem que tem até os oficiais de confiança do comissário Gordon em seu livro-caixa. Seu braço direito se chama Jack Napier, um vilão bem vestido, cuja vaidade só é comparável a sua crueldade. Lutando contra a polícia e Batman, em uma refinaria de produtos químicos, Napier acaba caindo numa solução tóxica, que queima sua pele até torná-la branca, e deixa seus cabelos verdes. Nem a cirurgia plástica consegue evitar que seus traços permaneçam deformados, com um sorriso fixo na face. A loucura domina o vilão, que assume a identidade de Coringa e dá início a um diabólico plano para envenenar a população de Gotham com um gás do riso.

Todas as caretas que Jack Nicholson demonstrou, desde *Um Estranho no Ninho*, passando pela loucura rasgada de *O Iluminado*, foram cristalizadas no histrionismo do personagem. Ele não se resume a escancarar a boca, mexer os olhinhos, dar pulinhos e rir afetadamente, como Cesar Romero, o ator que interpretava o vilão na série de TV. Ele dá mostras de seu humor atirando ácido no rosto da modelo Jerry Hall, que, no filme, interpreta sua namorada. A única pista de que sua louca risada não passa de um véu jogado sobre uma vida de dor aparece durante um encontro com Vicki Vale, o personagem de Kim Basinger. "Eu estou rindo somente na superfície", ele diz. "Meu riso é profundo apenas na pele. Se você pudesse ver o que realmente há no lado de dentro, me acompanharia numa lágrima."

Abril

À esquerda, Bob Kane, o criador do personagem. Abaixo, Batman e o Coringa no traço renovador de Alan Moore

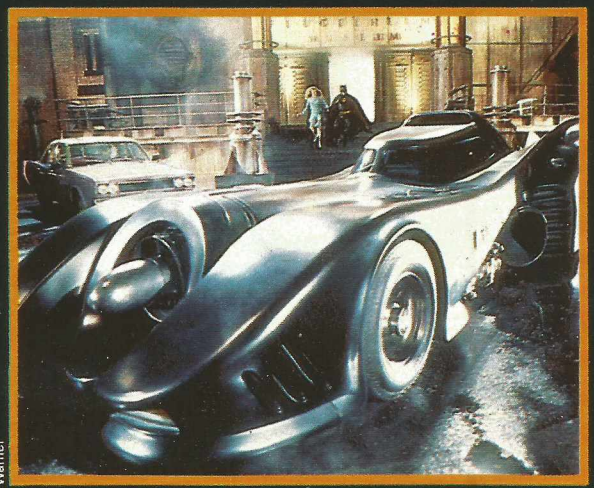
Acima, o Coringa de Nicholson. À direita, Cesar Romero no mesmo papel, ao lado da Mulher-Gato, do Charada e do Pingüim

Cinestar

Na tela, o conflito ensandecido entre Batman e Coringa não chega aos extremos psicóticos da última safra dos quadrinhos — recentemente, os executivos da Warner, que também estão forçando a volta de Robin (para incluí-lo no próximo filme), deram mostras de seu poder de pressão atrasando o lançamento da *graphic novel Arkham Asylum*, de Grant Morrison e Dave McKean, que apresenta o Coringa vestido como Madonna, insinuando que Batman e Robin tinham um casinho. A propósito, foi o Coringa que matou Robin. O filme não tem tantas entrelinhas, distorcendo a versão original da origem de Batman como forma de simplificar o conflito. Deste modo, o assassino dos pais de Batman aparece como sendo Jack Napier. Anos depois, Batman causaria o acidente que transformaria o gângster em Coringa. "Eu fiz você. E você me fez", diz Batman para o vilão, no final.

Warner

Burton defende sua versão de Batman: "Ele é um personagem arquetípico, uma espécie de personagem folclórico. Existem cerca de 50 diferentes *Sherlock Holmes*, 50 mil *Fantasmas da Ópera* e 100 mil *Belas e Feras*. As pessoas devem ser mais abertas"

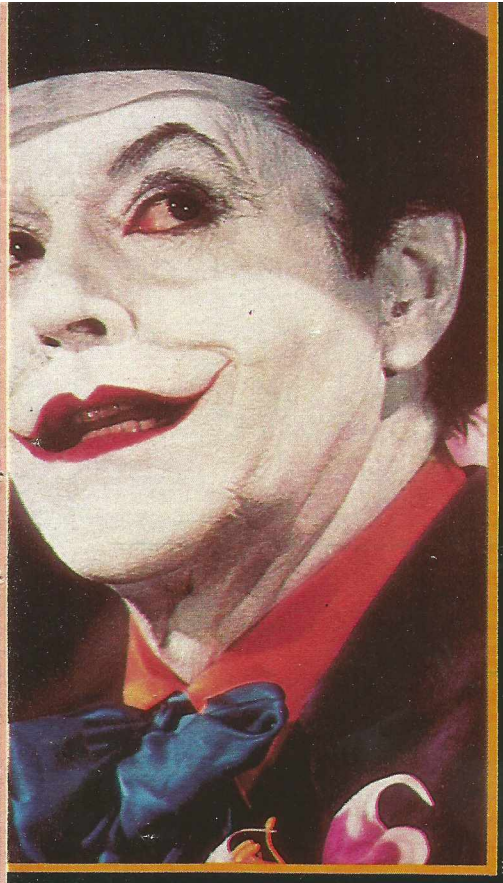


Warner

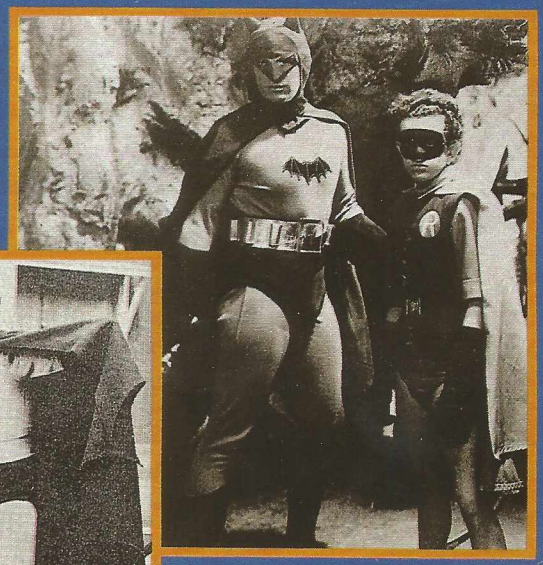
O facho de chamar morcego ilumina os céus novamente. À direita, um novo modelo para o batmóvel

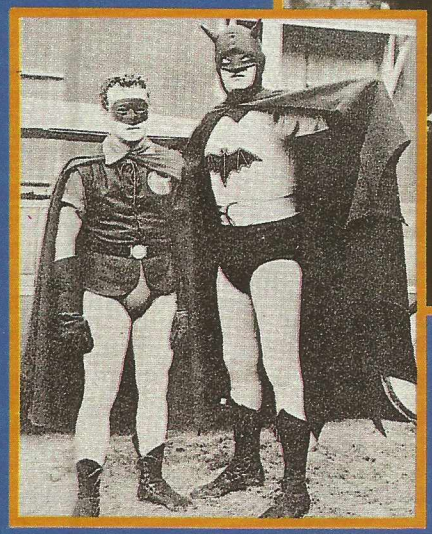
A verdade é que Batman foi o personagem de ficção mais citado nos anos 80. Sua transformação em filme não poderia deixar de gerar polêmica. Não enquanto tantos filmes, a TV, o rádio e a imprensa continuam insistindo em ver os quadrinhos do jeito que eram há vinte anos. Não há matéria sobre Batman que não inclua um *Wham!*, um *Biff!*, um *Pow!!!*, ou cometa uma gracinha com a palavra "santa". Chega a ser entediante. Mas o fato é que os quadrinhos cresceram. Será interessante ver se os filmes sobre quadrinhos — e eles estão sendo projetados às centenas — vão crescer do mesmo jeito. Até o momento, eles estão vivendo sua adolescência.

Marcel Plasse SET



Warner



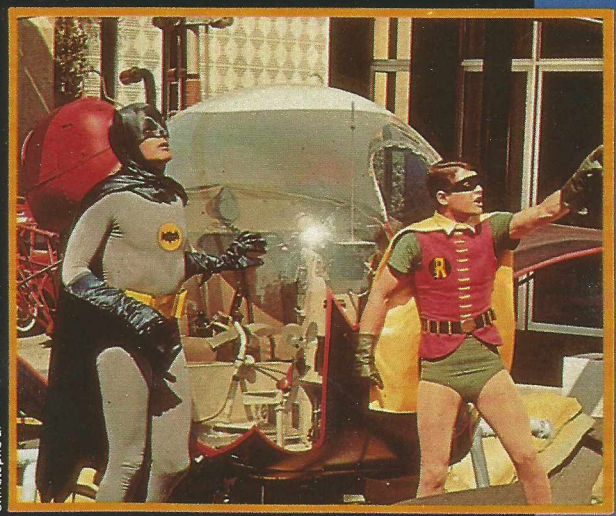


Acima: Wilson e Croft eram Batman e Robin em 1943. Em 1948 era a vez de Lowery e Duncan (à esquerda) e em 1966, a de West e Ward (abaixo, à esquerda, com o batcóptero)

AS BAT-GERAÇÕES

Além de aparecerem no rádio com Super-Homem, Batman e Robin já tiveram três gerações de intérpretes na tela. A primeira, no seriado Batman, *da Columbia, estrelado pelos desconhecidos Lewis Wilson (Batman) e Douglas Croft (Robin). O outro único personagem do filme inspirado nas histórias em quadrinhos era o mordomo Alfred, enquanto uma novata chamada Linda surgia como namorada do herói. O vilão era o dr. Daka — um japonês, claro, pois, em 1943, era forte o sentimento anti-Japão. Em 1948, a Columbia lançou o segundo seriado,* Batman e Robin, *em que Robert Lowery e John Duncan combatiam o Mágico, sem Alfred por perto para servir o chá. E, em 1966, veio a série de TV, espalhando* Biff, Bangs e Pows! *pelo mundo. A loucura da batmania daquela época só agora começa a ser igualada. Como nos quadrinhos, a ação era suspensa entre dois episódios, deixando Adam West e Burt Ward irremediavelmente presos em alguma armadilha circense, por artimanha de um de seus inacreditáveis vilões, Charada (Frank Gorshin), Pingüim (Burgess Meredith), Minerva (Zsa Zsa Gabor), Cassandra (Ida Lupino), Senhor Frio (Otto Preminger), Mulher-Gato (Lee Meriwether, em delicioso traje colante) e, claro, o Coringa (Cesar Romero) — às vezes, juntavam-se quase uma dúzia deles, como no longa-metragem que acabou sendo lançado no cinema. A série durou até 1968, chegando a introduzir a sedutora Batgirl, interpretada por Yvonne Craig, antes de saturar sua fórmula.*

Depois da série, apenas desenhos animados, dublados por Ward e West, em 1977. Os dois ainda tentaram voltar aos papéis que os consagraram, em 1979, através de dois especiais para a TV, que, infelizmente, se mostraram pobres demais. West, de todo o modo, continuou a ceder sua voz para o personagem, no desenho Superamigos, *e a animar lançamentos dos vídeos da velha série. Para muitos fãs, ele sempre vai ser o "verdadeiro" Batman. Uma coisa é certa, a experiência de se vestir como um super-herói marcou sua vida profundamente. Suas palavras: "Eu queria apenas que todos que têm sido parte do fenômeno Batman, nos últimos cinqüenta anos, pudessem se tornar o personagem por um dia (ou noite) e experimentar alguns dos momentos que eu tive, quando vestia o capuz e a capa". Hoje, West tem a idade perfeita para interpretar o Cavaleiro das Trevas descrito na série hiperviolenta de Frank Miller, de volta da aposentadoria para um último e mortal combate contra seu velho inimigo, o Coringa.* M.P.



Christophe L.

Fotos Warner

BATMAN

Até 1937, a maioria das revistas em quadrinhos se resumiam a reimpressões de tiras originalmente publicadas na imprensa. Foi nesse ano que a editora DC introduziu a figura do detetive como elemento central em sua linha de quadrinhos. Apesar do sucesso editorial, *Detective Comics* não incluía em suas páginas nenhum super-herói. Este tipo de personagem só passou a ser publicado no ano seguinte, quando a revista *Action Comics* lançou Super-Homem, curvando a indústria a seus pés.

Bob Kane, na época, desenhava histórias caricatas de humor. Mesmo assim, o desafio de criar um novo super-herói pareceu-lhe irresistível. Na verdade, tudo começou como uma encomenda, destinada a fornecer um supertipo para a capa de *Detective Comics*. Kane, um cinéfilo inveterado, inspirou-se em *Zorro*, herói do cinema, interpretado por Douglas Fairbanks Jr., que fingia ser fraco durante o dia para combater a injustiça à noite, vestido com uma capa e uma máscara negras. A figura do morcego veio de outro filme, *The Bat* (1926), que apresentava um vilão cavernoso, vestindo uma capa em forma de morcego. O desenhista também credita O Sombra, um vigilante noturno criado num programa de rádio, como fonte de referência. E, em relação à identidade secreta do personagem, lembra os nomes do rei escocês Robert the Bruce e de "Mad" Anthony Wayne, herói da guerra revolucionária americana.

Todas as características do herói foram concentradas em seis páginas, roteirizadas por Bill Finger (falecido em 1974), que também deu sugestões capitais para o design do personagem — como o formato das orelhas do capuz, afiadas como torres de uma igreja gótica. A publicação de *the* Batman finalmente ocorreu em *Detective Comics* 27, em maio de 1939. Não havia Robin, batmóvel ou batcaverna, então. Em seu primeiro ano, Batman era um solitário, quase um vampiro, combatendo supervilões sobrenaturais. Seu intérprete, no filme, é Michael Keaton.

FACE A

CARL GRISSOM

Antes de se tornar o Coringa, Jack Napier era apenas o lugar-tenente de Carl Grissom, o chefão do crime de Gotham City. Grissom é interpretado com elegância por Jack Palance. Tim Burton comenta o problema causado pelo papel: "Como Jack Nicholson é uma figura cinemática poderosa, não existem muitas pessoas que você possa imaginar como seu patrão. Mas Jack Palance preenche perfeitamente e é, de fato, capaz de fazer Nicholson, às vezes, parecer um garoto".

PREFEITO BORG

Como um verdadeiro político, o prefeito Borg adora discursar: "Em toda a nação, o nome Gotham City é sinônio de crime. Nossas ruas estão infestadas e nossos policiais idefesos. Como prefeito, prometo que eliminarei a causa da corrupção — o chefão Carl Grissom! Nosso novo promotor público, Harvey Dent, se encarregará de cumprir minha promessa. Eu prometo". Um dado curioso é a semelhança física entre o ator Lee Wallis e Ed Koch, prefeito eleito três vezes na cidade de Nova York.

COMISSÁRIO GORDON

O comissário James W. Gordon é o único personagem da mitologia Batman a acompanhar o personagem desde sua estréia, em maio de 1939. No início, Gordon caçava o mascarado da mesma maneira que perseguia os criminosos de Gotham. E é desse modo que Pat Hingle interpreta o papel. Mas, apesar de sua figura autoritária, irá aprender que somente Batman pode, de fato, lidar com o Coringa.

CORINGA

Os inimigos de Batman formam uma galeria memorável, criados com um olho nos vilões bizarros de Dick Tracy. Há o Pingüim, o Charada (protagonista de apenas duas histórias nos anos 40, que foi revivido como um superstar na série de TV), a Mulher-Gato (que começou sua carreira como uma ladra de jóias chamada Gata), o Espantalho, o Duas-Caras... Mas nenhum se compara ao Coringa, "sem sombra de dúvida, o maior vilão que Bill e eu criamos", orgulha-se Kane. "Bill e eu começamos a falar sobre a possibilidade de ter um vilão dizendo piadas e cometendo brincadeiras mortais com Batman. Então, ele trouxe uma foto de Conrad Veidt, do filme *O Homem que Ri*. Tratava-se de uma história de Victor Hugo, sobre um menino que teve sua face distorcida num sorriso espectral por um cirurgião cigano, quando tinha 13 anos. Ele parecia exatamente com o Coringa que eu tinha desenhado." A primeira aparição do vilão foi em *Batman* 1. Agora, quem se diverte com o papel é Jack Nicholson.

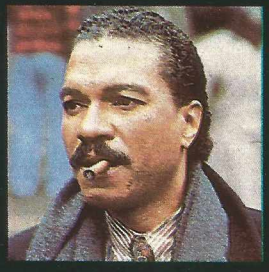
VICKI VALE

Como playboy, Bruce Wayne sempre esteve ligado a garotas. Seu primeiro *affair* nos quadrinhos foi Julie Madison, com quem, inclusive, chegou a manter um noivado, antes de se dedicar a Linda Page, uma *socialite* que desistiu do *glamour* para se tornar enfermeira. Mas talvez a mulher mais importante na vida do herói tenha sido a fotógrafa Victoria Elizabeth Vale, um pouco semelhante, em essência, a Lois Lane, a namorada de Super-Homem. A maior parte do tempo em que a ruiva Vicki Vale e Bruce Wayne passavam juntos era tomada pelo assunto Batman. Sua primeira matéria de fotojornalismo foi justamente registrar o detetive das trevas em ação, do início de um caso até sua conclusão. Sua primeira aparição nos quadrinhos ocorreu em *Batman* 49, de outubro de 1948. No filme, ela é interpretada por Kim Basinger, que, por sua vez, substituiu Sean Young, a atriz original, que caiu de um cavalo e fraturou o ombro. "Eu, provavelmente, teria ido em uma direção diferente com Sean", pondera Burton.

A FACE OS PERSONAGENS DA BAT-SAGA

ALFRED

Alfred Pennyworth é uma das poucas pessoas que conhece o segredo de Bruce Wayne. Como mordomo da família, ele foi uma espécie de pai para o órfão, e se tornou um verdadeiro aliado para o justiceiro, não apenas por passar suas capas mas também por seus conselhos preciosos. O tom britânico do personagem é maravilhosamente flexionado pelo ator inglês Michael Gough.



HARVEY DENT

Harvey Dent, o exemplar promotor de Gotham City, que acaba se tornando o psicopata Duas-Caras, após ter metade do rosto derretido por ácido durante um julgamento — cena que talvez ocorra em *Batman II* —, faz apenas uma ponta no filme, como um dos mocinhos. O casting não foi dos mais acurados, uma vez que o personagem original, ao contrário do ator Billy Dee Williams, é branco.

ALICIA HUNT

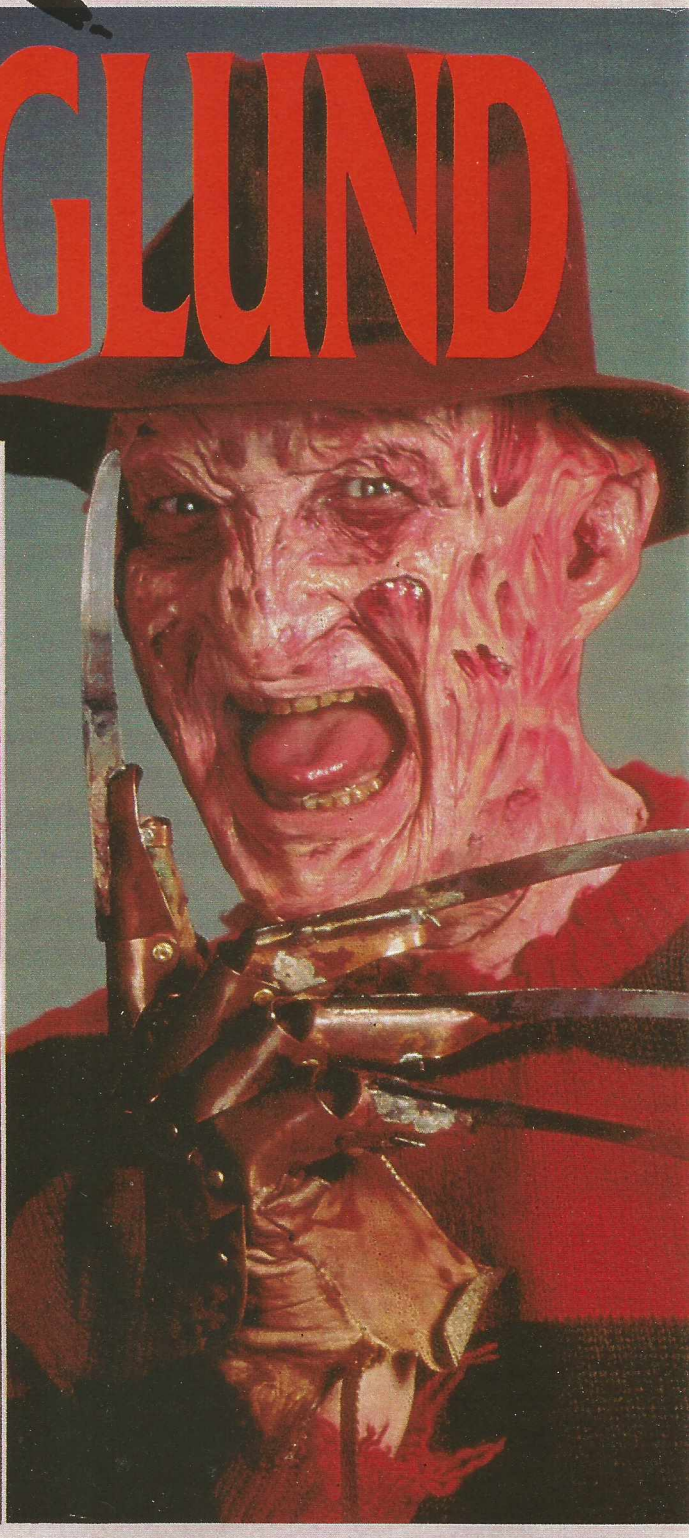
Alicia Hunt é a bela e narcisista boneca que trai Carl Grissom com Jack Napier, interpretada pela modelo Jerry Hall, que apareceu para dar uma olhadinha de 15 minutos nas filmagens e acabou recebendo um convite permanente. Em sua cena mais dramática, ela recebe ácido em sua beleza plástica, cortesia do Coringa, precisando usar uma máscara para esconder as cicatrizes e tomar pílulas para a dor.

ALEXANDER KNOX

Alexander Knox é o repórter que quer escrever a história de Batman. Seu intérprete é o ator Robert Wuhl, comediante, escritor e diretor, mais conhecido pelo público por seu trabalho como o disc jockey que confronta Robin Williams em *Bom Dia, Vietnã!*. Ele atribui sua presença no filme a "uma perda momentânea de razão de Tim Burton".

M.P.

ROBERT Krueger
Freddy ENGLUND



LFI

Vingança! Eliminado no último episódio da *Hora do Pesadelo*, o monstro mais popular do cinema americano prepara o contra-ataque. O ator Robert Englund, Mr. Krueger em pessoa, conta a SET Terror e Ficção como será o quinto filme da série

Fotos New Line

Freddy está cada vez mais maldosamente criativo. À direita, ele assombra Alice (Lisa Wilcox) e um de seus amigos na Hora do Pesadelo 5

Herbet Richers

Da mesma forma como *Dead Ringers*, de Cronenberg, fez todas as mulheres temerem seus ginecologistas, *A Nightmare on Elm Street 5 — The Dream Child* tem tudo para virar o pior pesadelo das grávidas. Destruído no filme anterior, desta vez Freddy Krueger escolhe o útero de uma mulher como seu campo de batalha.

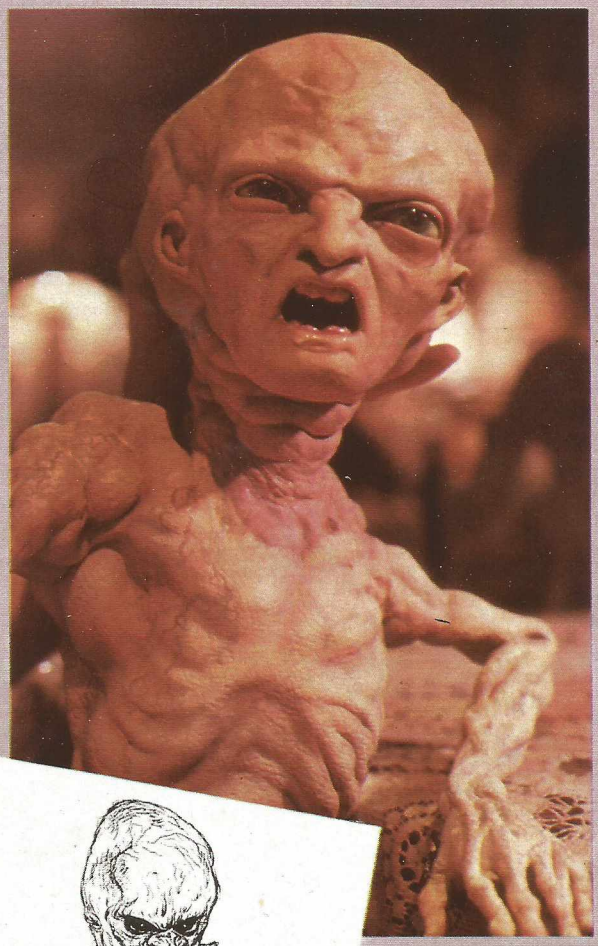
Dirigida pelo galês Stephen Hopkins — estreando depois de ter sido assistente de Russell Mulcahy em *Highlander* e realizado uma batelada de videoclips para Duran Duran, Elton John, Tina Turner e Roxy Music —, a nova saga de Freddy coloca o vilão diante de uma charada: para continuar seu reinado de horror, ele precisa ressuscitar e, então, morrer de novo, redobrando seus maléficos poderes. Alice Johnson, que o havia destruído no capítulo anterior, está grávida, e Freddy começa a penetrar nos sonhos do feto (!). O objetivo é apoderar-se do corpo da criança para renascer. Alice precisa, portanto, entrar nos sonhos do filho nascituro para combater Freddy. Nessa confusão, entram até mesmo os pais de Freddy — com cenas supostamente dantescas que registram o sofrido parto do vilão.

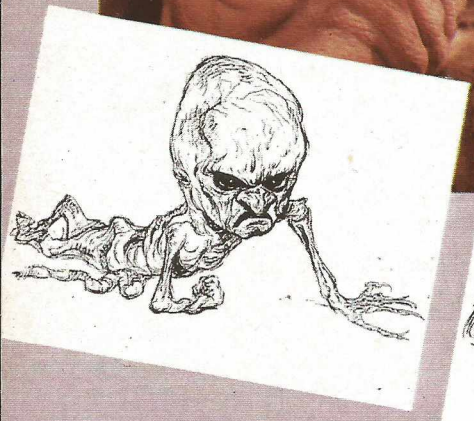
Mais do que em qualquer outra ocasião na mesma série, o visual é calcado na estética dos clips — um atrativo mais do que saboroso com que os produtores pretendem seduzir a geração MTV: cenas de extremo cuidado plástico.

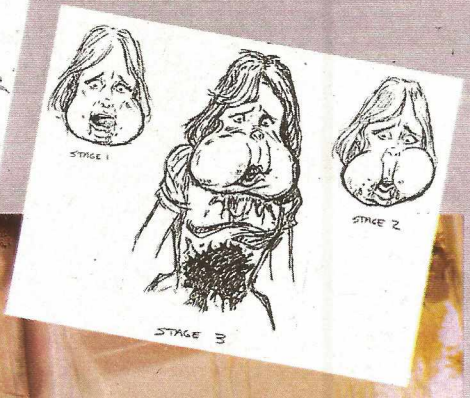
Antes mesmo que o filme estivesse pronto, Robert Englund — o Freddy Krueger — deu em Los Angeles uma divertida entrevista para anunciar *The Dream Child*. Fala, Freddy.

SET — *Você se assustou na primeira vez em que se viu no espelho como Freddy Krueger?*

ROBERT ENGLUND — Na verdade, a primeira vez em que vi essa maquiagem eu estava com David Miller, fazendo testes para Robert Shaye e Wes Craven *(respectivamente produtor e diretor/roteirista)* antes de *Pesadelo 1*. E a maquiagem foi envoluindo, ao longo de várias fases — em certo momento, apenas metade do rosto era composto de tecido humano queimado. Era divertido, por causa de todo o processo criativo. Portanto, depois de ter "sobrevivido" a todos os testes de maquiagem e à sua evolução, agora acabo usando aquelas duas horas e meia, três horas e meia que demoram para me "esconder" atrás do látex me preparando para surpreender o público, me preparando para atuar.







O feto-Freddy e a garota explosiva (Erica Andersen), duas seqüências das mais repelentes do novo episódio do* Pesadelo, *nas telas e nos esboços preliminares do supervisor de efeitos especiais, Allan Moore

Fotos New Line

SET — *Mas ver a si mesmo na tela como Freddy é uma experiência assustadora?*

ENGLUND — Não tão assustador quanto estar vendo a si próprio na tela. Mas nunca me desapontei. Para mim, todos os filmes da série *Pesadelo* são divertidos. Não acho que seja eu quem está lá na tela: como Freddy, ando de uma maneira muito diferente da que normalmente ando; a voz é modificada eletronicamente... Então dá para se assistir sem um mínimo de envolvimento pessoal.

SET — *Qual a coisa mais assustadora que Freddy faz nesse quinto filme?*

ENGLUND — Em termos de crueldade repelente... Freddy se manifesta nos sonhos de uma personagem, vivida por Erica Andersen, sob a forma de um banqueteiro maluco. E obriga essa menina, que sofre de bulimia *(necessidade compulsiva de se alimentar)*, a comer até a morte. Não que eu me divirta com essa seqüência, porque é a de humor mais negro, mas é provavelmente o momento mais cruel do filme.

SET — *Esse é seu último filme como Freddy Krueger?*

ENGLUND — Não sei. Todo verão me reúno com o pessoal da New Line *(a produtora da série)* e, a essa altura, é quase como ir para uma colônia de férias. Bem, um campo brutal, violento... *(Gargalhadas.)* Mas, enfim, cada vez que termino mais um filme da série, todo mundo me faz essa pergunta. Para ser sincero, não consigo me imaginar fazendo um sexto *Pesadelo*, porque só agora mesmo vi algumas das cenas que filmamos para o quinto. Estou mesmo é interessado em ver como a parte 5 vai ficar. Tudo que tenho feito é ficar diante dos telões de *chroma-key (cenas filmadas com fundo neutro, para que o personagem seja sobreposto a outras imagens)*, ser pendurado de cabeça para baixo e flutuar numa espécie de "banheira jacuzzi que veio do inferno". Realmente confiei meu trabalho neste filme ao diretor; me considero mais uma das "tintas" do filme, porque existiam trechos, durante as filmagens, que me desnorteavam, me deixavam sem rumo. E agora quero ver como tudo aquilo vai aparecer na tela. Por isso não consigo nem pensar ainda numa parte 6: ainda estou me "curando" da 5! Pode ser que a New Line esteja interessada, mas, pelo volume de filmes que eles têm planejado para esse próximo ano e meio, dificilmente um novo Freddy ficaria pronto tão rápido assim.

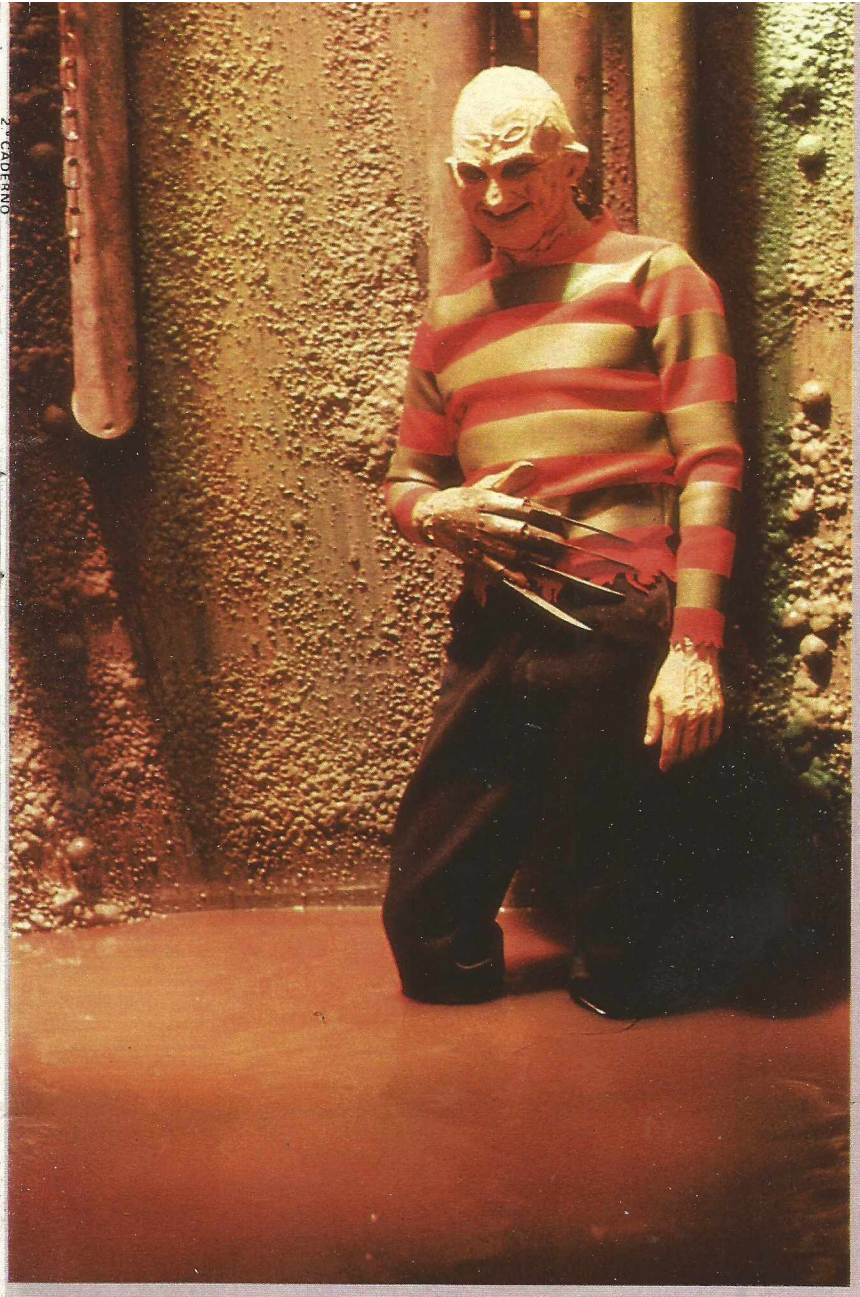
SET — *Você tem trabalhado em outros projetos?*

ENGLUND — Até ontem à meia-noite estive trabalhando em uma nova versão de *O Fantasma da Ópera*.

SET — *Mas a série* Pesadelo *rende muito para ser interrompida de uma hora para a outra... E você deve ganhar uma parte desse dinheiro. Não vale a pena continuar, nem que seja por ele?*

ENGLUND — Eu gosto de fazer o papel de Freddy. Não estaria aqui se isso não fosse verdade. A fama que o papel me trouxe é imensa, mas o problema que o personagem me deu foi o de não poder aceitar outras ofertas por causa do compromisso anterior com a série. Por mais que eu quisesse fazer outros papéis, não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo... Mas fazer Freddy é divertido. Depois que ponho aquela maquiagem, posso fazer o que bem entender no estúdio *(gargalhadas)*...

SET — *O personagem também trouxe um outro tipo de problema: você teria sido tão fortemente associado a Freddy*



que as pessoas passavam a não saber quem era o ator detrás da maquiagem, ou como era o rosto verdadeiro de Robert Englund, ou se você teve uma carreira anterior a Pesadelo. *Isso parece estar mudando agora...*

ENGLUND — Por causa da mídia. E eu sou muito grato a ela por isso. As pessoas sabiam da minha existência, mas não sabiam meu nome. Agora, que vêem as fotos de "antes e depois da maquiagem", começam a associar um nome ao rosto. Estive recentemente na Alemanha, trabalhando em *O Fantasma da Ópera*, e não conseguia andar dez metros na rua sem que me pedissem um autógrafo. Parece que *Pesadelo* quebrou recordes de bilheteria por lá. Aqui nos EUA isso também acontece, principalmente quando saio com a capota do meu conversível abaixada. A garotada me pára na rua. E agora, por causa de Freddy, estão desencavando todos os meus filmes anteriores — bons e ruins. Cada noite tenho uma surpresa quando ligo a televisão. De qualquer maneira, as pessoas vêem que eu tive uma vida anterior ao Freddy e, felizmente, haverá vida depois de Freddy.

SET — *Qual o atrativo de Freddy para o público adolescente?*

Acima, Freddy no quinto episódio. À direita, no anterior, Robert Englund homenageia Dustin Hoffman...

ENGLUND — Não diria que Freddy é "atraente". Acho que os sonhos são o denominador comum dos filmes, são eles que fazem com que a série seja um sucesso, porque a gente pode fazer o que bem entender num contexto de sonho. No caso do Freddy... acho que gostam é da imagem, do chapéu, do jeitão e, mais recentemente, do senso de humor. Talvez este seja o primeiro monstro com personalidade...

SET — *De qualquer modo, muita gente protesta contra o sucesso de Freddy, alegando que um monstro inescrupuloso está se tornando herói entre a garotada.*

ENGLUND — Entendo o que você está dizendo, mas não concordo com a palavra "herói". Existe um interesse em Freddy, principalmente entre os adolescentes, mas, para ser honesto, não acho que Freddy seja herói de quem quer que seja. Pode ser um ícone, pode ser uma marca... Sei que enfeito paredes de quartos no mundo inteiro, mas também sei que tipo de coisa enfeitava a parede do meu quarto quando eu era adolescente. E eu não queria ser nenhuma daquelas coisas — aquilo apenas me fascinava enquanto imagem. Quer dizer, as pessoas têm posters de *King Kong* na parede, mas isso não quer dizer que elas queiram ser King Kong. Sei que uma parte do público — por falta de melhor definição, chamo de "punk/heavy metal" — gosta daquela anarquia subversiva de Freddy. Mas minha resposta normalmente é a de que os pais deveriam então monitorar o que os filhos vêem. Quando um irmão ou irmã maior tenta assustar o irmão menor usando Freddy, acho que é aí que está o perigo.

SET — *Em* Pesadelo 5, *mais uma vez você aparece sem a maquiagem...*

ENGLUND — Em *Pesadelo 4* foi muito divertido fazer a enfermeira... Foi minha homenagem a Dustin Hoffman, usando óculos como os dele em *Tootsie*. Dustin e eu temos em comum o mesmo tipo nasal *(risos)*... Mas a idéia desta vez foi ter Robert Englund no papel de cozinheiro maluco e ir me transformando, gradualmente, no Freddy. Também faço o papel do pai de Freddy, o louco internado que é provavelmente o responsável pela semente de Freddy. Ele lidera um motim no hospício, e todos os loucos são libertados.

por José Emilio Rondeau,
de Los Angeles

Paris

STEPHEN KING NO CINEMA

SENHOR TERRO

King, vestido de pregador, anuncia o lançamento de O Cemitério Maldito, *baseado em seu romance* O Cemitério. *À direita, imagens do filme: um zumbi sedutor e o guardião do velho cemitério indígena, interpretado por Fred Gwynne ou... Herman Monstro!*

Gamma-Sigla

OR

Lovecraft, Poe, Mary Shelley, Bram Stoker... e por que não King? Ele, mais até do que os velhos mestres, popularizou a literatura fantástica e de horror, manipulando e recriando com habilidade antigos mitos e monstros. Claro, não faltam os que identificam em King o oportunismo dos escritores de encomenda. E sua relação com o cinema, bem, essa ainda está por ser resolvida. *O Cemitério Maldito*, de Mary Lambert, é a nova tentativa

Fotos UIP

Há artífices cujos nomes aparecem tão estreitamente ligados aos gêneros para os quais contribuíram, de uma forma ou de outra, com seu talento que fica praticamente impossível dissociá-los. O exemplo mais notável talvez seja o de Alfred Hitchcock e os filmes de suspense. Ou Philip Glass e a música minimalista, e ainda Milo Manara e os quadrinhos eróticos. Como numa equação matemática, esses artistas conjugam-se à perfeição com suas obras. É o caso, também, de Edwin Stephen King e a moderna literatura de terror.

Considerado o mestre contemporâneo do gênero, King é, para desespero e despeito dos críticos, o maior vendedor de livros de terror da história. Os números não mentem — seus livros já venderam mais de 70 milhões de cópias no mundo inteiro. No Brasil, a tiragem média de cada edição dos livros de King é de cinco mil exemplares, número respeitável num país tradicionalmente avesso a todo tipo de leitura e onde a marca de três mil títulos vendidos é suficiente para levar uma obra à lista dos best-sellers. Tais cifras fazem de Stephen King o mais popular cultivador do gênero horror de todos os tempos. Graças ao poder multiplicador da mídia, seu nome hoje supera os de Edgar Allan Poe e Howard Phillips Lovecraft na mente do público consumidor de pesadelos domiciliares. A cada novo livro lançado pelo mestre contemporâneo do macabro, repete-se uma única e mesma cena: dezenas de entrevistas na imprensa e zilhões de artigos, resenhas e ensaios nas revistas especializadas.

Nem sempre foi assim, porém. King ainda era um obscuro professor de colégio no Maine (cenário de quase todos os seus livros) quando seu primeiro trabalho foi publicado, em 1974. Não que ele não tivesse conhecido experiência literária anterior. Sua primeira história apareceu numa revista popular, quando ele ainda era um jovem de apenas 18 anos. O título: "Eu Fui um Adolescente Violador de Sepulturas". Seu mais recente trabalho era, no entanto, um ambicioso romance sobre uma adolescente dotada de poderes paranormais. *Carrie* foi publicado na esteira do fulminante sucesso obtido pelo *Exorcista*, de William Peter Blatty (lançado em 1971 e levado às telas dois anos depois), e talvez só por isso tenha sido aceito. Tanto que, quando surgiu em edição popular, trazia na capa a cabeça de uma garota sob a legenda *A Novel of a Girl Possessed of a Terrifyng Power* (Um Romance de uma Garota Possuída por um Poder Terrível) e nada mais. Nem o título original nem o nome do autor foram incorporados ao desenho. Isso não impediu que *Carrie* conquistasse corações e mentes, transformando-se rapidamente num sucesso editorial, com mais de um milhão de cópias vendidas em curto espaço de tempo. Um êxito de vendas tão substancial não poderia passar despercebido aos olhos sempre atentos dos produtores de Hollywood. Pouco tempo depois, as pessoas amontoavam-se nas bilheterias dos cinemas para ver *Carrie* em carne e osso, na pele de uma garota branquela chamada Sissy Spacek. Na direção, um nome que teria seu talento consolidado a partir daí: Brian De Palma.

E King? Bem, na verdade ele mal teve tempo para desfrutar o sucesso e contar os dólares, pois continuava a trabalhar como um alucinado. Sua próxima

história era sobre vampiros. Um bando de vampiros que invade uma pequena cidade instaurando o horror. Em *Salem's Lot* (publicado no Brasil como *A Hora do Vampiro*) havia muito dos desvarios góticos dos filmes de vampiros da velha Hammer e passagens extraídas do *Drácula*, de Bram Stoker. Nada demais para um escritor que diz ter dificuldades com novas idéias, mas considera-se "um infernal elaborador". Por isso, não é de espantar que seus romances, novelas e contos não passem de reciclagens de velhos temas do fantástico. De resto, referências e citações são constantes na obra de King. No conto "Gray Matter" ("Matéria Cinzenta"), por exemplo, um homem é reduzido a um líquido putrescente (tal e qual o "Caso do Senhor Valdemar", de Poe) após ingerir cerveja estragada. A idéia foi reelaborada a partir de uma novela do irlandês Arthur Machen, na qual o mesmo castigo é imposto a um indivíduo que se atreve a beber uma espécie de vinho servido nos sabás. Paródia ou simples imitação? Não importa, o público médio, ávido consumidor de King, é suficientemente desinformado para desconhecer a fonte original. Da mesma forma, em *Pet Sematary* (*O Cemitério*), King faz uso de uma criatura introduzida na literatura de horror por Algernon Blackwood. Trata-se do Wendigo, uma espécie de espírito da floresta, avesso à invasão de seus domínios pelo homem. Quanto a *Christine*, o próprio autor reconheceu ter sido influenciado pelo telefilme *O Carro, a Máquina do Diabo* (*The Car*, 1977). Aliás, a relação de King com o cinema é um caso à parte, como veremos mais adiante. Por ora, cabe lembrar que ele escreve para uma audiência que cresceu vendo os filmes de monstros da Universal e também para as novas gerações, fiéis entusiastas do horror explícito na linha *Sexta-Feira 13* e congêneres.

Seja como for, quando, em 1979, *Salem's Lot* foi adaptado para a televisão, Stephen King já era um nome mundialmente conhecido como autor de histórias de terror. Sua fama consolidara-se dois anos antes, com a publicação de *The Shinning* (*O Iluminado*).

A epopéia de um casal e seu filho — um garotinho dotado de poderes extra-sensoriais — enclausurados durante todo um inverno num hotel mal-assombrado é, na verdade, um dos ápices da moderna literatura de terror. Até mesmo os críticos, tradicionalmente avessos às concessões comerciais caras aos escritores de best-sellers, foram obrigados a reconhecer os méritos literários do autor na construção de um clima de permanente horror. As referências a essa história, King foi, novamente, garimpar no passado. Desta vez, dando novo colorido a um romance de Charles Brockden Brown, introdutor da literatura gótica nos Estados Unidos, no século passado. Em *Wieland ou a Transformação*, Brockden Brown, fazendo uso das cores exageradamente artificiais do gótico, narra a história de um fanático religioso que mata a mulher e seus filhos em sacrifício. Pois bem, King utilizou alguns elementos da idéia central do romance e, adicionando-os ao clássico tema da casa mal-assombrada, transportou-os para um cenário atual.

O Iluminado constitui, aliás, o paradigma da ficção do mestre contemporâneo do horror. Se o cenário não poderia ser mais tipicamente americano, tampouco os personagens caracterizam-se pela originalidade. No entanto, em meio a prosaicas cenas de vida em família, o mal espreita e apenas aguarda a oportunidade de dominar completamente o ambiente. Quando Wendy, a infeliz mulher de Jack Torrance, percebe o que está acontecendo, ela nada mais pode fazer para evitar o horror.

Em King, a irrupção do insólito no cotidiano se faz de maneira lenta mas gradual. Ao contrário, porém, das regras preconizadas pelo britânico M(ontague) R(hodes) James, para quem o autor deve sempre deixar no espírito do leitor uma sombra de dúvida quanto aos acontecimentos (pretensamente) sobrenaturais contidos no relato de medo, Stephen King quase não faz concessões à imaginação do leitor. O horror na maioria de suas histórias é visceral e explícito, e seu grafismo nada fica a dever às atuais produções cinematográficas do gênero. Basta recordar, em *O Iluminado*, a passagem na qual uma mulher, morta há anos, levanta-se da banheira onde seu cadáver estava submerso, para ameaçar um garotinho. Sem dúvida alguma é um dos momentos culminantes do horror literário, mais tarde transformado em imagens igualmente apavorantes por Stanley Kubrick.

Acima, as memoráveis interpretações de Sissy Spacek e Jack Nicholson em, respectivamente, Carrie, a Estranha *e* O Iluminado

CARRIE, A ESTRANHA

(Carrie, EUA, 1976)

Direção: Brian De Palma. Com Sissy Spaceck, Piper Laurie, Amy Irving. Warner.

Brian De Palma colocou todo seu talento a serviço de uma adolescente com poderes telecinéticos. Oprimida pela mãe, menosprezada pelos amigos, Carrie White aguarda o doce momento da vingança, que será terrível para todos aqueles que a injuriaram.

Baseado na primeira novela de Stephen King, o filme tem momentos antológicos. De Palma injetou beleza no horror e, sobre sua batuta, Sissy Spaceck nos brinda com uma de suas melhores performances. Ela e Piper Laurie foram indicadas para o Oscar, honraria rara para um filme de terror.

OS VAMPIROS DE SALEM

(Salem's Lot, EUA, 1979)

Direção: Tobe Hooper. Com David Soul, James Mason, Lance Kerwin. Inédito em vídeo no Brasil.

Um escritor isola-se numa pequena cidade do Maine para escrever um livro sobre uma casa que julga abrigar o mal. Suas suspeitas tornam-se reais quando um misterioso personagem aluga a moradia e estranhas mortes começam a ocorrer. O roteiro foi extraído de um dos melhores livros de King. E aborda um personagem clássico na literatura fantástica: o vampiro.

Exibido originalmente em capítulos na televisão americana, o filme foi distribuído posteriormente em vídeo, mas numa versão mutilada. James Mason está muito bem como Richard Straker, o fiel servidor do vampiro. Este, por sua vez, foi calcado na figura do Nosferatu de Murnau. O diretor Hooper, no entanto, esvaziou o personagem de todo romantismo embutido no mito.

O ILUMINADO

(The Shining, EUA, 1980)

Direção: Stanley Kubrick. Com Jack Nicholson, Shelley Duvall, Danny Lloyd, Scatman Crothers. Warner.

Os adeptos do horror nauseante poderão não gostar, mas certamente não ficarão indiferentes a esta incursão de Kubrick pelos desvãos da mente e da alma humanas. Mais do que um simples filme de terror, é um exercício de estilo que exige a cumplicidade do espectador. Num hotel completamente isolado da civilização, um professor desempregado (e escritor sem sucesso) passa a ser assediado por fantasmas. Realidade ou imaginação? Kubrick não está muito preocupado em fornecer respostas, e, por isso, seu filme foi taxado de confuso. Trata-se, na verdade, de uma obra pessoal, enriquecida com momentos de puro brilho. Kubrick prova, por A mais B, que pode haver beleza no horror mais abjeto.

Warner

Christophe L.

KING NO CINEMA — Ao contrário do que se poderia imaginar, porém, adaptar um livro de King para o celulóide não é uma empresa das mais fáceis. De maneira geral, os kingmaníacos detestam as adaptações cinematográficas da obra do mestre, o que pode parecer paradoxal para um autor de best-sellers. Afinal de contas, qualquer um de seus romances, argumentam seus fãs mais entusiastas, é visualizado pelo leitor à maneira de um filme. Poucos sabem, porém, que essa maneira de contar uma história, usando técnicas narrativas cinematográficas, não é casual e somente revela a influência que o cinema nunca deixou de exercer sobre a obra de Stephen King. Na verdade, os mórbidos pesadelos de King são contados mais em termos cinemáticos do que literários, com o emprego de *flash-forwards* e *flashbacks* que fazem a história avançar ou retroceder no tempo, variações de pontos de vista entre personagens, o uso e abuso de cenas que são cortadas abruptamente para dar passagem a monólogos interiores e a descrições de ambientes e estados de espírito. Aparentemente, tais recursos tornam seus romances, novelas e contos fáceis de serem

Acima, a agonia do morto-vivo em* Os Vampiros de Salem. *Abaixo, em* Creepshow, *a cabeça de uma esposa mã de bandeja para o marido

CREEPSHOW

(Creepshow, EUA, 1982)

Direção: George Romero. Com E. G. Marshall, Hal Holbrook, Adrienne Barbeau. Inédito em vídeo e cinema no Brasil.

Esta primeira homenagem prestada por Stephen King e George Romero às *E. C. Comics* dos anos 50 reúne cinco historietas de horror e imaginação. No melhor episódio, um marido subjugado pela esposa arrasta-a para as garras de uma horrível criatura encarcerada num baú. O humor negro assume papel preponderante em cada um dos episódios. O próprio autor participa de um dos *sketches*, na pele de um agricultor transformado num monstro vegetal, por obra da queda de um meteoro. Primeiro roteiro escrito por King a partir de histórias originais, o filme marca ainda o primeiro trabalho do escritor em dupla com um nome célebre no campo: George Romero.

Christophe L.

transformados em roteiros para as telas, e numerosos produtores e realizadores se viram tentados a fazê-lo. Todos, logicamente, de olho não somente nas possibilidades artísticas mas, principalmente, comerciais do projeto. Pois ninguém ignora que Stephen King é, hoje, sinônimo de excelentes bilheterias, a ponto de seu nome nos letreiros ser tão ou mais importante que os dos grandes mestres do cinema de horror contemporâneo com quem já trabalhou.

Acontece, porém, como bem observou um crítico, que os cineastas tendem a extrair dos livros do escritor tão-somente os efeitos de choque. O seu poder de evocar o horror a partir de elementos banais do cotidiano costuma se perder na transposição para o celulóide ou torna-se excessivamente depurado. Além do mais, o horror em King é freqüentemente interior e, por isso mesmo, difícil de ser manipulado, já que, de modo geral, os cineastas preferem privilegiar o exterior, acentuando o espetacular.

O próprio King não gosta das adaptações de suas obras, embora admita algumas exceções. Uma delas, claro, é *Carrie*. Aqui, no entanto, o mérito é muito mais do talentoso Brian De Palma, que fez um filme com vida própria, à custa de seu inegável domínio da linguagem cinematográfica. Para começar, De Palma restabeleceu a linearidade da novela, pois King fugiu da narrativa tradicional ao optar pela fragmentação do enredo, segundo a participação dos diversos personagens da tragédia. O roteirista de De Palma, Lawrence D. Cohen, ao contrário, verteu os diversos testemunhos num só relato, coerente e linear, que torna mais fácil o acompanhamento do filme pelo público médio.

Não bastasse isso, De Palma alterou algumas passagens do texto original e utilizou com brilho técnicas como o *split screen* (a tela dividida na seqüência do baile) e a câmera lenta, que, ao decompor as cenas de horror, transforma os efeitos de choque em seqüências quase poéticas. Por último, mas não menos importante, o final surpresa, que, além de ter gerado inúmeras cópias, fez com que King amaldiçoasse a si mesmo por não o ter imaginado para o livro.

Carrie foi um imenso sucesso, e os produtores logo se voltaram para aquele filão, que prometia ser inesgotável, adaptando, agora para a televisão, o segundo livro escrito por King. Embora dirigido pelo especialista Tobe Hooper (*O Massacre da Serra Elétrica*), *Salem's Lot* tinha como única novidade a utilização da figura do vampiro e trazia James Mason no papel do fiel servidor do monstro. Este resolveu aceitar o papel depois de ler o livro e gostar, pois prometera só voltar à televisão se lhe apresentassem um projeto interessante.

Nesse ínterim, ninguém mais duvidava da competência de King como autor de histórias de horror. Mesmo que duvidassem, isso já não faria qualquer diferença, pois seus livros continuavam a ocupar seguidamente a lista dos dez mais vendidos. O horror na literatura, até então considerado um gênero menor, nunca fora tão popular.

O filme *O Iluminado* entrou em cartaz nos Estados Unidos em meio a mexericos e especulações, aliados a uma grande curiosidade. Era a primeira vez que Stanley Kubrick flertava com o horror, adaptando justamente um romance do autor mais conhecido no gênero. Durante as filmagens, Kubrick não se fez de rogado e chegou a declarar que o romance não era uma obra literária séria, "mas a intriga é, em seu conjunto,

Gamma-Sigla

***A menina Drew Barrymore e suas* Chamas da Vingança; *mãe e filho acossados por um cão são-bernardo assassino em* Cujo**

A HORA DA ZONA MORTA

(The Dead Zone, EUA, 1983)

Direção: David Cronenberg. Com Christopher Walken, Brooke Adams, Martin Sheen. VTI.

Considerado pela crítica a melhor adaptação de um livro de Stephen King, o filme narra a trágica aventura de Johnny Smith, que, após sofrer um acidente automobilístico e permanecer em coma durante anos, adquire estranhos poderes premonitórios. Ao apertar casualmente a mão de um candidato a presidente, ele tem uma visão apocalíptica. A partir daí, Johnny passará a perseguí-lo incansavelmente, numa alucinante corrida para salvar o futuro da humanidade. Cronenberg foi fiel ao espírito do livro, procurando retratar o herói como um ser tornado marginal pelos poderes adquiridos. No papel principal, Christopher Walken consegue transmitir toda a dor e desolação de um personagem torturado pelos caprichos do destino.

CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO

(Christine, EUA, 1983)

Direção: John Carpenter. Com Keith Gordon, John Stockwell, Alexandra Paul. Inédito em vídeo no Brasil.

Christine, um velho Plymouth Fury 58, é restaurado por seu novo dono, que não desconfia ter comprado um carro mal-assombrado. Não desconfia nem mesmo quando estranhas mortes começam a ocorrer. Todos os que detestam Christine amanhecem, inexplicavelmente, mortos. O jovem Arnie Cunnigham não dá ouvidos a seu melhor amigo e muito menos a sua namorada. Arnie está possuído, embora não se dê conta disso. John Carpenter, na direção, transformou todas as boas idéias contidas no livro original num filme de terror banal que nem ao menos consegue assustar. Para azar do público e, claro, de Stephen King, cujo livro merecia um melhor tratamento.

CUJO

(Cujo, EUA, 1983)

Direção: Lewis Teague. Com Dee Wallace, Daniel Hugh-Kelly, Christopher Stone. Inédito em vídeo no Brasil.

Um imenso são-bernardo, mordido por um morcego, adquire raiva. É o ponto de partida para a deflagração do horror. O animal passa a atacar todos os que dele se aproximam, não poupando sequer uma mãe e seu filhinho. Os momentos mais eletrizantes ocorrem quando a mulher e o menino, ocultos no interior de um carro enguiçado, são aterrorizados pelo cachorrão. No livro, King flerta com o sobrenatural, mas o diretor Lewis Teague preferiu concentrar-se num terror mais real. O terror que só um animal tão pacífico quanto um cachorro é capaz de detonar.

muito bem conduzida, e, num filme, é freqüentemente isso o que conta".

O maior interessado, no caso o próprio King, detestou a transposição de seu romance para as telas e comparou o filme a "um grande e belo carro... sem motor". Na opinião do escritor, Kubrick fez um filme de horror sem compreender as regras essenciais do gênero.

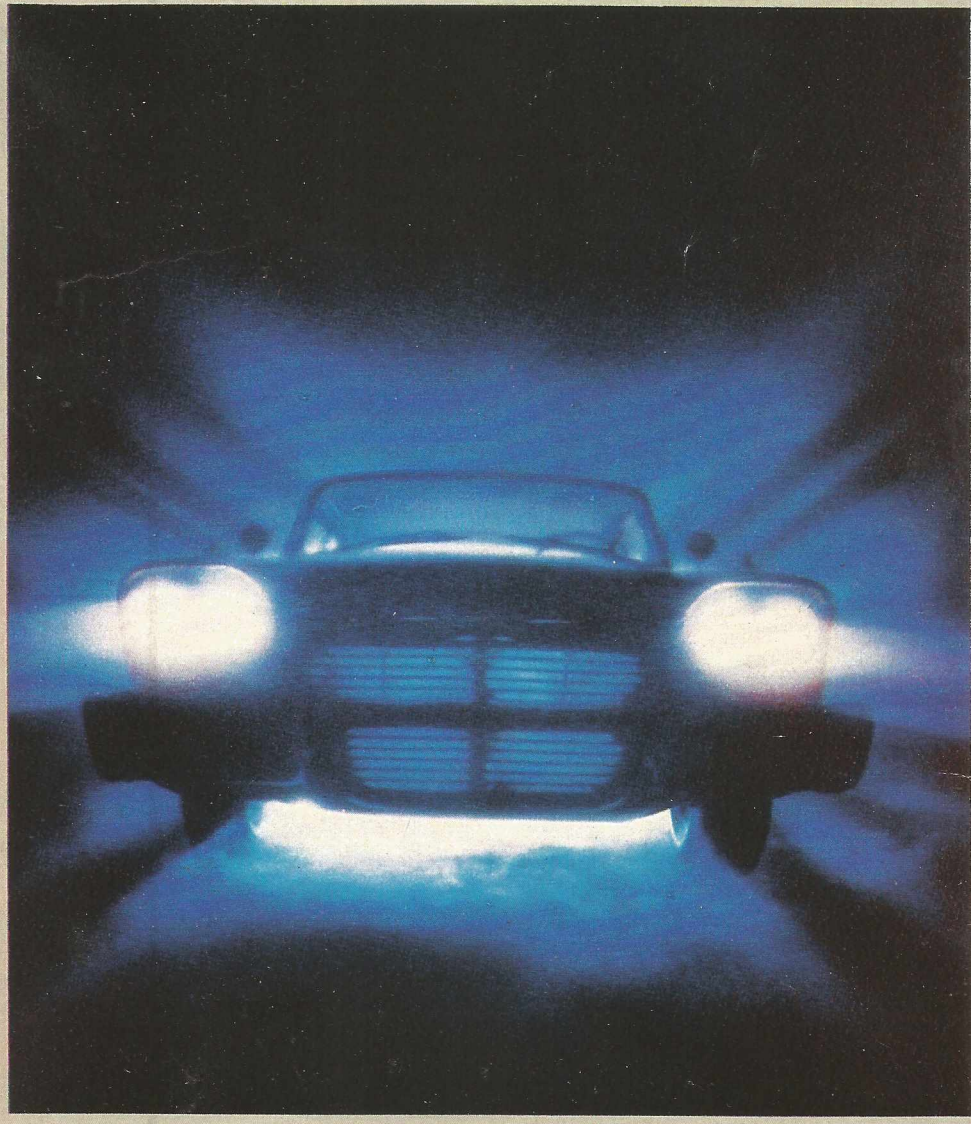
O certo, porém, é que *O Iluminado* é uma obra pessoal, mostrando os efeitos da solidão e da incapacidade de criação sobre um professor desempregado. O filme tem momentos isolados de puro brilho, como os passeios do garotinho Danny pelos longos corredores vazios do hotel e seu encontro com os espectros das menininhas retalhadas a golpes de machado pelo próprio pai. Absolutamente arrepiante.

Num ensaio publicado em 1981 (*Danse Macabre*), King segue os passos do horror no cinema, na TV, nos quadrinhos e na literatura. Mais do que fascinação pelo tema, o escritor revela o profundo conhecimento e domínio de um especialista sobre a gênese de seu trabalho. Por isso, ele estava em seu próprio campo quando, juntamente com seu amigo e também mestre do horror, George Romero, decidiu prestar um tributo às historietas de horror em quadrinhos. *Creep-*

VTI

À esquerda, Christopher Walken é o paranormal atormentado de A Hora da Zona Morta; *abaixo, Christine é o carro assassino*

Christophe L.



CHAMAS DA VINGANÇA

(Firestarter, EUA, 1984)

Direção: Mark Lester. Com David Keith, Drew Barrymore, George C. Scott. VTI.

Uma garotinha de oito anos de idade, dotada do poder de colocar fogo nos objetos e pessoas a sua volta, é usada pelo governo para experimentos pouco recomendáveis. É um filme em muitos pontos semelhante a *Carrie* e, principalmente, *A Fúria*, ambos de Brian De Palma. No entanto, nem a presença do veterano George C. Scott consegue salvar esse filme do desastre total. Mark Lester transformou a idéia central numa briga entre mocinhos e bandidos e, à moda de um filme-catástrofe, não poupou efeitos especiais, que, pelo menos, são de primeira.

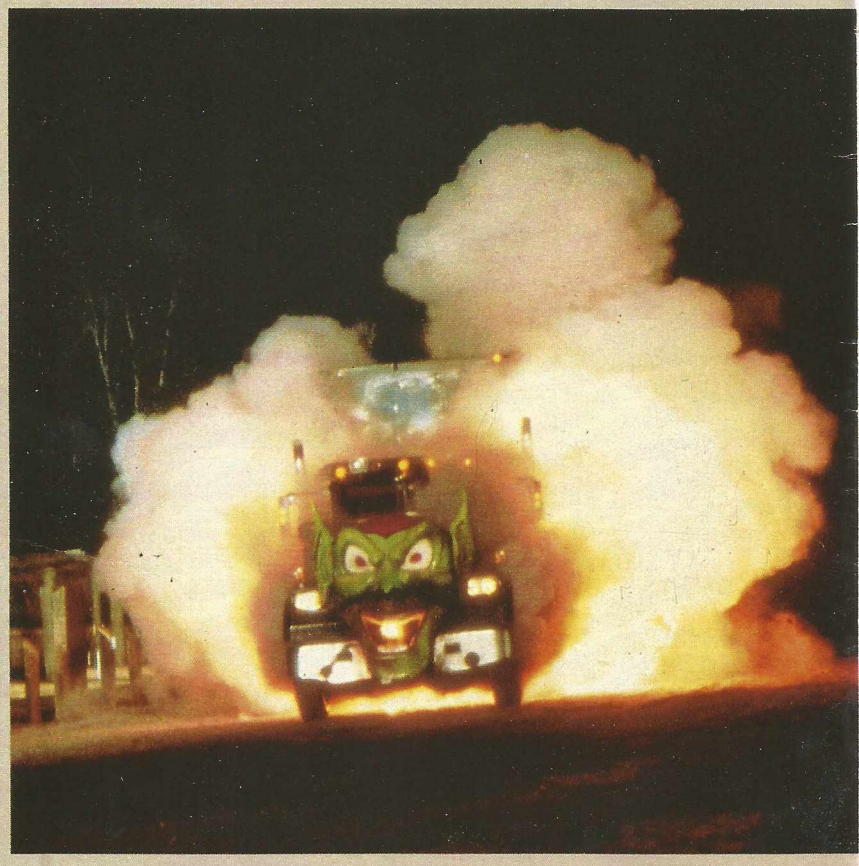
show tornou-se assim o primeiro roteiro original escrito por Stephen King em homenagem a uma antiga paixão de sua juventude: as *E. C. Comics*. Na verdade, dos cinco episódios do filme, apenas três são verdadeiramente originais; os outros dois ele adaptou de histórias já escritas. O resultado, porém, é irregular, e, como quase sempre acontece em filmes de *sketches*, alguns episódios são melhores do que outros. O filme tem o cuidado de reproduzir a concepção visual das *Comics* dos anos 50, mas isso não foi suficiente para poupá-lo das críticas. Apesar de seu inegável charme, *Creepshow* só agrada aos fãs incondicionais do gênero. Para os discípulos de Stephen King, no entanto, o filme reserva uma surpresa: a participação do próprio num dos episódios.

King teria mais sorte com a adaptação que David Cronenberg fez de seu livro *The Dead Zone* (exibido nos cinemas e em vídeo como *A Hora da Zona Morta*). O livro narra a desventura de um jovem que adquire estranhos poderes premonitórios após sofrer um grave acidente automobilístico. Mais uma vez, o escritor desenvolvia um tema que lhe é caro: o de um homem comum levado a enfrentar um mal extraordinário. Johnny Smith, o personagem encarnado nas telas por Christopher Walken é um ser de exceção que, a exemplo do Carrie White, carrega dentro de si o estigma de uma maldição. Trata-se de um dos melhores livros do autor, e David Cronenberg foi fiel ao espírito da obra ao renunciar aos efeitos espetaculares para se concentrar no drama do infeliz Johnny. Finalmente, um êxito.

No prefácio para a sua coleção de contos intitulada *Night Shift*, Stephen King diz que "a grande ficção de terror é quase sempre alegórica; às vezes, a alegoria é intencional, às vezes apenas ocasional". Quando escreveu *Christine*, King ambicionava muito mais do que uma história de possessão e amor maléfico entre um adolescente e seu carro. Por trás desse enredo aparentemente banal, despontam implicações subliminares e menos fantásticas, como a importância do carro dentro da vida americana, o prazer quase sexual dos adolescentes em busca da velocidade e a preponderância do materialismo na vida cotidiana. Ao elaborar o personagem de Arnie Cunningham, o autor jogou habilmente com os mitos criados por Robert Louis Stevenson (*O Médico e o Monstro*). Arnie é um estudante oprimido pelos colegas quando está fora do carro, mas age como um endemoninhado Mr. Hyde quando assume o volante. Tudo isso, no entanto, tornou-se nebuloso sob a direção de John *"Halloween"* Carpenter. Reduzindo a história de King aos esquemas habituais do gênero, Carpenter esvaziou-a de toda emoção, transformando o filme numa rotineira operação comercial. A crítica não deixou por menos e malhou o resultado de mais essa associação de dois nomes célebres no domínio do horror.

A essa altura, porém, pouco importavam as críticas. Os filmes de horror estavam na moda, e o público queria mais. E teria.

Em uma de suas muitas entrevistas, King disse que o horror é conservador, pois ao final, de uma maneira



***Em* Comboio do Terror, *a volta ao tema das máquinas assassinas e a estréia do escritor na direção. À direita, a* Colheita Maldita**

COLHEITA MALDITA

(Children of the Corn, EUA, 1984)

Direção: Fritz Kiersch. Com Peter Horton, Linda Hamilton. VTI.

Talvez a pior adaptação de uma história do mestre do horror moderno. O filme baseia-se num conto curto sobre uma seita de jovens que pratica sacrifícios em nome de uma entidade demoníaca. Um casal que, inadvertidamente, cruza o caminho dos monstrinhos será vítima de uma perseguição incansável. O conto original consegue reter a atenção por sua concisão e brevidade, mas o filme repete uma única situação até a exaustão. Contra-indicado até mesmo para os mais fanáticos admiradores do gênero. Na dúvida, fique com o conto e esqueça o filme.

O OLHO DO GATO

(Cat's Eye, EUA, 1985)

Direção: Lewis Teague. Com Drew Barrymore, James Woods, Alan King. Inédito em vídeo no Brasil.

É o segundo longa em que o diretor Teague adapta histórias de King (o primeiro foi *Cujo*). São três episódios ligados por um gato, que atravessa as histórias. Na primeira, um homem consulta uma organização para deixar de fumar. Se ele não largar o cigarro, seu filho e sua mulher serão mutilados. No segundo, um marido traído faz o amante da mulher andar sobre o ressalto de um altíssimo edifício. Finalmente, no terceiro episódio, um gato protege uma menina do monstro que se esconde no closet. As três histórias procuram retratar a súbita ocorrência do insólito dentro do cotidiano, um tema constante nos romances, novelas e contos de Stephen King.

A HORA DO LOBISOMEM

(Silver Bullet, EUA, 1985)

Direção: Daniel Attias. Com Gary Busey, Corey Haim, Megan Follows. América.

Este é baseado numa novela curta de Stephen King. A novidade aqui é que o lobisomem tem consciência de ser um assassino e tenta, em pleno dia, matar o garoto paralítico que descobre ser ele o autor das mortes que aterrorizam o lugarejo onde vivem. O problema é que os espectadores adivinham a identidade do monstro antes mesmo do jovem herói, criando um anticlímax. Além disso, os personagens não passam de estereótipos. O filme não enriquece em nada o mito do lobisomem, limitando-se a repetir tudo o que já foi visto antes no gênero. Por tudo isso, um dos mais fracos filmes baseados em histórias do mestre do horror moderno.

ou de outra, a normalidade sempre acaba sendo restabelecida e o leitor pode respirar aliviado. Por isso, ele quase não demonstrou surpresa quando o diretor Lewis Teague (de *O Jacaré Assassino*) alterou o final do filme baseado em *Cujo*. O livro, que começa como um inocente conto de fadas, com o tradicional "Era uma vez...", mostra a habilidade de King em renovar os temas do fantástico. O vilão aqui é um animal. Até aí, nada demais, pois desde o *Tubarão*, de Steven Spielberg, o tema já não constituía novidade. Só que em *Cujo* o assassino que acumula vítimas e mais vítimas é um são-bernardo enraivecido, um cão treinado para ser simpático e salvar vidas nos montes gelados. No texto original, o herói da história — um garotinho — acaba morrendo, o que, por motivos óbvios, não acontece no filme. Além do mais, o livro fala do medo que as crianças têm de monstros (um tema constante em King é o bicho-papão que espreita de dentro do armário na escuridão do quarto), mas esse condimento sobrenatural, cravado no inconsciente coletivo, passa praticamente despercebido no filme. King, surpreendentemente, gostou da adaptação, chegando a dizer que "ela guarda o espírito e o perfume do livro". Sobre a mudança no final, disse, simplesmente, que "os filmes não são a vida".

Há livros, no entanto, cujos temas King não considera pertencentes ao domínio do terror, embora sejam catalogados como tal pela crítica. São livros que deixam os vampiros, monstros e aberrações noturnas presos no porão, para tratar de poderes rotulados de paranormais pela parapsicologia. É o caso de *Carrie* e *A Hora da Zona Morta*. É também o caso de *Firestarter*

Paris

Acima, uma criatura encarna os medos infantis em* O Olho do Gato. *Abaixo, em* A Hora do Lobisomem, *mais um tema caro à ficção de horror

COMBOIO DO TERROR

(Maximum Overdrive, EUA, 1986)
Direção: Stephen King. Com Pat Hingle, Emilio Estevez, Laura Harrington. América.

Este filme marca a estréia do prolífico escritor de histórias de terror na direção. O ponto de partida é o conto "Trucks", que integra a coletânea *Night Shift*, mas King acrescentou alguns elementos novos à sua própria história. Aqui, a passagem de um cometa provoca uma rebelião não só de caminhões, mas de todas as máquinas: um carro em miniatura ataca um gato, cafeteiras transbordam, eletrodomésticos recusam-se a obedecer os comandos e assim por diante. Sensível aos novos tempos, King banhou seu filme em muito sangue, mas não conseguiu convencer. Para não fugir à regra, o escritor/diretor faz uma rápida e hitchcockiana aparição.

Famous Films

(*A Incendiária* ou *Chamas da Vingança*). Publicado em 1980, foi um dos três livros do autor que ocuparam ao mesmo tempo a lista de best-sellers (os outros foram *O Iluminado* e *A Hora da Zona Morta*), mas trata-se de um trabalho menor. O principal personagem é Charlie, uma garotinha de apenas 8 anos de idade com um estranho poder: a capacidade de colocar fogo em objetos e pessoas. Parente próximo de Carrie e Johnny Smith, é, como eles, vítima de uma maldição, mas uma maldição fabricada em laboratórios. O que King denuncia aqui é a utilização de poderes anormais por organismos estatais que cultivam experimentos a fim de melhor poder empregá-los em objetivos escusos. O romance foi levado às telas por Mark Lester, que, com sua peculiar mão pesada, reduziu tudo a um confronto linear e a fulgurantes efeitos pirotécnicos. No papel de Charlie McGee, a garotinha Drew Barrymore fez o que pôde para soar convincente, mas o filme foi um fracasso, para desespero do produtor Dino De Laurentiis.

Fracassos e sucessos à parte, as histórias de King continuavam a atrair produtores e realizadores, que passaram a sugar idéias até dos contos do escritor. Foi o que aconteceu com "Colheita Maldita" ("Children of the Corn"), um conto de algumas dezenas de páginas sobre uma comunidade de jovens que praticam sacrifícios em louvor a uma entidade maligna. É a mais medíocre adaptação de uma história de King. O conto — um dos mais assustadores da coleção *Night Shift* — é conciso e absorvente, mas nas mãos do obscuro Fritz Kiersch transformou-se numa bobagem do começo ao fim. Juntamente com *O Iluminado* e *Chamas da Vingança*, *Colheita Maldita* completa a trilogia dos filmes detestados por King.

Mais sorte teve Lewis Teague, que, ao voltar a trabalhar sobre temas de King, escolheu outros três contos, também da coletânea *Night Shift*. Todos os três episódios são ligados por um gato, que passa de uma história a outra. Ao procurar ilustrar a introdução do insólito no cotidiano, *O Olho do Gato (Cat's Eye)* não traz grandes novidades ao gênero, mas não chega a decepcionar. É um filme na tradição dos velhos seriados televisivos, como *Além da Imaginação*, embora nem de longe possua o mesmo charme. Mas ainda não seria desta vez que a obra de King receberia um tratamento melhor do cinema. Isso só viria a acontecer com *Conta Comigo (Stand by Me)*... Antes, porém, seria preciso suportar outras duas adaptações catastróficas.

A primeira delas, *A Hora do Lobisomem (Silver Bullet)*, foi extraída de uma novela *(Cycle of the Werewolf)* escrita por King à moda de um calendário. A novela foi dividida em doze capítulos, cada um deles representando um mês. King ficou entusiasmado com a idéia de que sua história teria muitas mortes, já que cada mês tem sua lua cheia, e, dessa forma, o lobisomem poderia atacar inúmeras vezes. Embora bem escrita, a historieta não contribui para enriquecer o mito do licantropo. A novidade aqui é que o lobisomem é um padre, e um garoto paraplégico é o único que sabe a verdade. O filme, dirigido por Daniel Attias, tenta construir um clima de terror e suspense em torno dessa situação, mas não consegue ultrapassar a barreira dos clichês.

Foi a essa altura, irritado com tantos fracassos sucessivos, que King resolveu ele mesmo passar à dire-

***Em* Conta Comigo, *a adaptação mais delicada de uma história de King. Embaixo, uma aparição medonha no* Show de Horrores**

Columbia

CONTA COMIGO

(Standy by Me, EUA, 1986)

Direção: Rob Reiner. Com Wil Wheaton, River Phoenix, Corey Feldman, Richard Dreyfuss. Inédito em vídeo no Brasil.

Nem parece um filme baseado em Stephen King. Mas é, e foi extraído da novela *The Body*. Só que aqui o horror dá lugar à poesia, e a morte não tem feições horrendas — é apenas o outro lado da moeda. O filme segue os passos de quatro adolescentes que partem em busca do cadáver de um amigo desaparecido. Nesse itinerário, resgatam sentimentos como o valor da amizade e da solidariedade, mas descobrem também a triste realidade da morte. É um filme sensível, terno e intimista, embalado por uma bela trilha sonora. King nunca foi tão poético.

SHOW DE HORRORES

(Creepshow 2, EUA, 1987)

Direção: Michael Gornick. Com Lois Chiles, George Kennedy, Dorothy Lamour. Hipervideo.

King e George Romero juntam-se novamente para homenagear as *E. C. Comics*. Desta vez, Romero escreveu o roteiro a partir de três histórias curtas de King. Na primeira, a gigantesca estátua de madeira de um índio cria vida para vingar a morte de um casal de velhos. A segunda história é a melhor e relata o que acontece a um grupo de jovens quando eles se atrevem a desafiar o perigo, mergulhando num lago dominado por uma espécie de bolha assassina. Na última história, uma mulher atropela um desconhecido, mas é perseguida pelo seu cadáver. King fez uma ponta nesse episódio, como o motorista de um caminhão. A exemplo do primeiro *Creepshow*, o segundo utiliza a estética das histórias em quadrinhos para ser fiel ao espírito das velhas *E. C. Comics*.

Tri-Star

FICÇÃO TERROR

MGM/UA™
HOME VIDEO

© 1989 MGM/UA HOME VIDEO, Inc.

★ A METRO TEM ★

2001 uma odisséia no espaço ★ POLTERGEIST O FENÔMENO

Mas como a METRO faz sempre seu gênero, também tem:

COMÉDIAS:	Feitiço da Lua Um Peixe Chamado Wanda S.O.S Tem um Louco Solto no Espaço
AÇÃO:	O Assassino do Presidente Strip-Tease da Morte
DESENHO:	Na Onda da Pantera Cor-de-Rosa
GUERRA:	Os Doze Condenados
SUSPENSE:	Coma
MUSICAL:	Sinfonia de Paris Pink Floyd The Wall

JÁ NA SUA LOCADORA

A METRO TEM
O MELHOR DO CINEMA
NO SEU VÍDEO

MGM/UA HOME VIDEO

VIDEO ARTE DO BRASIL

Rua Gumercindo Saraiva, 54, Jardim Europa, São Paulo, SP, Brasil - CEP 01449
Tel.: (011) 852-6301, 883-1193, 64-7366 - FAX.: (011) 881-6741

ção. E, remexendo em suas histórias, escolheu para adaptar um conto bastante elogiado pelos especialistas: "Trucks" ("Caminhões"), que retoma outra das obsessões de King — a tecnologia fora de controle. No texto original, caminhões criam vida e encurralam um bando de viajantes num posto de gasolina. King fez algumas poucas alterações, embora significativas, e em *Comboio do Terror (Maximum Overdrive)* é a passagem de um cometa que provoca a revolta dos objetos. O problema é que King não entende nada de cinema, e procurou compensar essa deficiência com muito sangue. Na verdade, o filme, de uma violência abusiva, fez jus a esses tempos de horror explícito e nenhuma criatividade. Como era de se esperar, *Comboio do Terror* foi malhado pela crítica, que o classificou de francamente decepcionante. Pela enésima vez, King e o cinema não haviam conseguido se entender. Seria preciso esperar por dias melhores. Eles viriam com *Conta Comigo*, de Rob Reiner.

Evocação poética da adolescência, crônica terna e intimista, o filme foi extraído de *The Body (O Corpo)*, uma das quatro novelas reunidas no volume *Different Seasons*. Mais importante, porém, é que se trata do primeiro filme a dissociar o nome de Stephen King do domínio do fantástico e do horror. Na verdade, é uma singela aventura de quatro adolescentes em busca de um cadáver, residindo aí o único aspecto mórbido do filme, que respeita a atmosfera nostálgica do texto original. Há quem sustente que a novela seja, se não toda, pelo menos em parte autobiográfica, embora o próprio King negue essa versão. Ele teria se baseado num incidente que lhe fora relatado por um antigo companheiro de colégio. Seja como for, essa odisséia de quatro adolescentes, que, brincando, descobrem a triste realidade da morte e a fragilidade da carne, é uma obra sensível e romântica, embalada por uma uma bela trilha sonora calcada no rock dos anos 50. O rock, aliás, é uma das paixões de King, e quase todos os seus livros contêm trechos ou citações de conhecidas canções. Em *Christine*, por exemplo, o rock chega a comentar passagens e a influenciar a própria arquitetura do romance.

Não deixa de ser irônico, contudo, que o melhor filme baseado num texto de Stephen King nada tenha a ver com sua especialidade, ou seja, o horror... No entanto, King voltaria ao tema novamente em *Show de Horrores (Creepshow 2)*, reunião de três sketches roteirizados por George Romero a partir de histórias curtas do autor. Dirigida por Michael Gornick, essa nova homenagem às *E.C. Comics* não ultrapassou o nível da mediocridade. O melhor episódio é aquele sobre uma espécie de mancha de óleo, cuja especialidade é dizimar jovens incautos que se atrevem a dar um mergulho num lago sinistro.

Será o fim? Dificilmente. Nos Estados Unidos, a adaptação de *Pet Cemetery (O Cemitério)* já está em cartaz (é a primeira história de King a ser filmada no Maine, Estado em que o autor nasceu), e outras histórias de King estão na lista de produtores e roteiristas. Como o escritor gosta de lembrar, há sempre mais histórias a serem contadas. Além disso, Hollywood não vive só de sonhos: continuamente, precisa realimentar sua usina de pesadelos. E, por acaso, pesadelos são a especialidade de Stephen King...

Paulo Capuzzo

Tec Home Video

Arnold Schwarzenegger é* Running Man, o Sobrevivente. *Embaixo, um morto volta à vida graças a* O Cemitério Maldito, *agora nas telas

RUNNING MAN — O SOBREVIVENTE

(Running Man, EUA, 1987)

Direção: Paul Michael Glaser. Com Arnold Schwarzenegger, Maria Conchito Alonso, Yaphet Kotto, Professor Toru Tanaka. Transvídeo.

"Richard Bachman", autor do livro em que foi baseado este filme, nada mais é do que um pseudônimo adotado por Stephen King entre 1977 e 1984, e sob o qual escreveu seis livros (*Rage, The Long Walk, Roadwork, Running Man* e *Thinner*, todos inéditos no Brasil). O diretor Glaser é o Starsky do seriado *Starsky e Hutch* e foi relativamente bem-sucedido ao contar esta história de ficção científica sobre um programa da TV do futuro, em que o Estado "empresta" presidiários para competir num circo eletrônico contra adversários assassinos que mais parecem figuras de *telecatch*: o Dynamo, o Bola-de-Fogo, o Homem da motosserra... Uma espécie de *Rollerball* em ritmo de programa *Silvio Santos*.

O CEMITÉRIO MALDITO

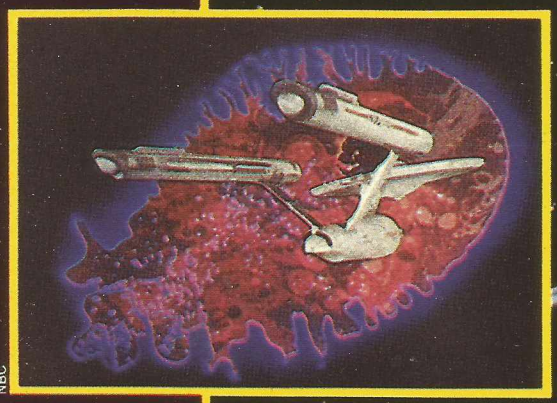
(Pet Cemetery, EUA, 1989)

Direção: Mary Lambert. Com Dale Midkiff, Fred Gwynne, Denise Crosby, Blaze Berdahl. Lançamento nos cinemas em setembro/outubro. Ainda inédito em vídeo.

Descontada a boa atuação de Fred Gwynne (o Herman da *Família Monstro*, seriado de televisão dos anos 60), a adaptação de *Pet Cemetery* é um desastre. No livro (lançado no Brasil como *O Cemitério*, e um dos melhores romances de King), a trama pode ser escabrosa e fascinante — um cemitério que tem o poder de devolver os mortos ao mundo dos vivos — mas a diretora Mary Lambert se perde na tentativa usual de criar sustos e repulsa. O grotesco da história original é transformado em patético e caricato: quando é para gritar, todos no cinema caem na gargalhada... Se quase todas as adaptações de King foram lamentáveis equívocos, a mais recente não quebra a escrita.

UIP

WR. FILMES
CINEMA E VÍDEO
WR. HOME VIDEO
UM SER COMPLETAMENTE DIFERENTE...
CHARMOSO
CAUTELOSO
DESAJEITADO
MALANDRO
ALEGRE
ESPECIAL
ESPACIAL
LUNÁTICO e...
EMOCIONANTE!
TODOS OS SONHOS DEVEM CONTINUAR!
O GATO DE BOTAS EXTRATERRESTRE
Heitor Gaiotti
Maurício Mattar
Flávia Monteiro
Carmen Silva
Felipe Levy
Tony Tornado
Nenna Camargo
Wilson Rodrigues
Atriz Convidada
Zezé Motta
Atores Convidados
Jofre Soares
José Mojica Marins
Participação Especial
Tônia Carrero
SORBINI
PRODUÇÃO WR-FILMES LTDA. DIREÇÃO E PRODUÇÃO EXECUTIVA WILSON RODRIGUES
ROTEIRO RUBENS F. LUCCHETTI ARGUMENTO IRMÃOS GRIMM DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA HENRIQUE BORGES DESENHISTA DE PRODUÇÃO WILSON R. CARVALHO
MAQUIAGEM CECÍLIO GEGLIOTTI MONTAGEM WALTER WANNY FIGURINOS MARTA MEDEIROS DIREÇÃO DE ARTE CENAS CONTEMPORÂNEAS CAMPELLO NETO
EFEITOS E MAQUIAGENS ESPECIAIS
BURMAN STUDIOS INC.
(Indicado para o Oscar 89)
OFTALMOLOGISTA RESPONSÁVEL
EFEITOS VISUAIS "OLHOS DO GATO"
DR. D. WES WHEADON
WEST HOLLYWOOD – CALIFORNIA – USA
PÓS PRODUÇÃO INTERNACIONAL
THE RODRI GROUP
LOS ANGELES – CALIFORNIA – USA



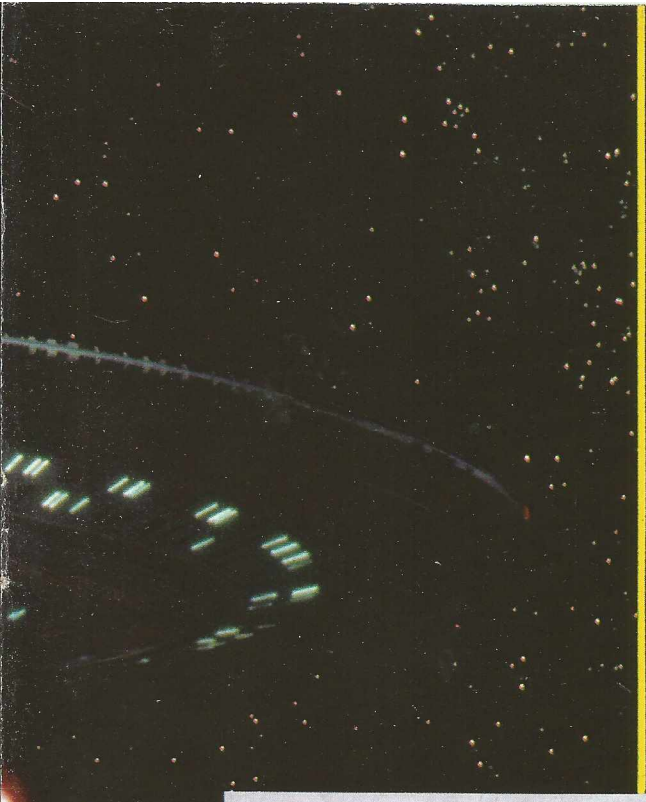
NBC

A nova e a velha Enterprise: na foto maior, a nave da geração 80; no detalhe, a nave do antigo seriado enfrenta um protoplasma cósmico em um episódio de 1968

Paramount

JORNADA NAS ESTREL

O ELO PERI



No momento em que *Star Trek* chega à sua quinta aventura nas telas de cinema, que o seriado de televisão produzido nos anos 60 desfruta de um prestígio inimaginável e que sua *Nova Geração* vive o segundo ano de sucesso na televisão americana (com alguns episódios disponíveis em vídeo no Brasil), o lançamento de "A Jaula" — o primeiro piloto da série, produzido em 1964 e inédito até agora —, mostra a persistência e a coerência de seu idealizador, Gene Roddenberry. Um *trekkie* brasileiro comenta essa saga

Lembro bem quando li a apreciação a *Star Trek, The Motion Picture*, nas páginas da *Folha de S.Paulo* em abril de 1980. O autor, cujo nome não me vem à cabeça, descia a lenha no filme, dizendo, entre outras coisas, que a série nunca deveria ter saído do meio televisivo, onde era exibida na forma de "despretensiosos" episódios de meia hora.

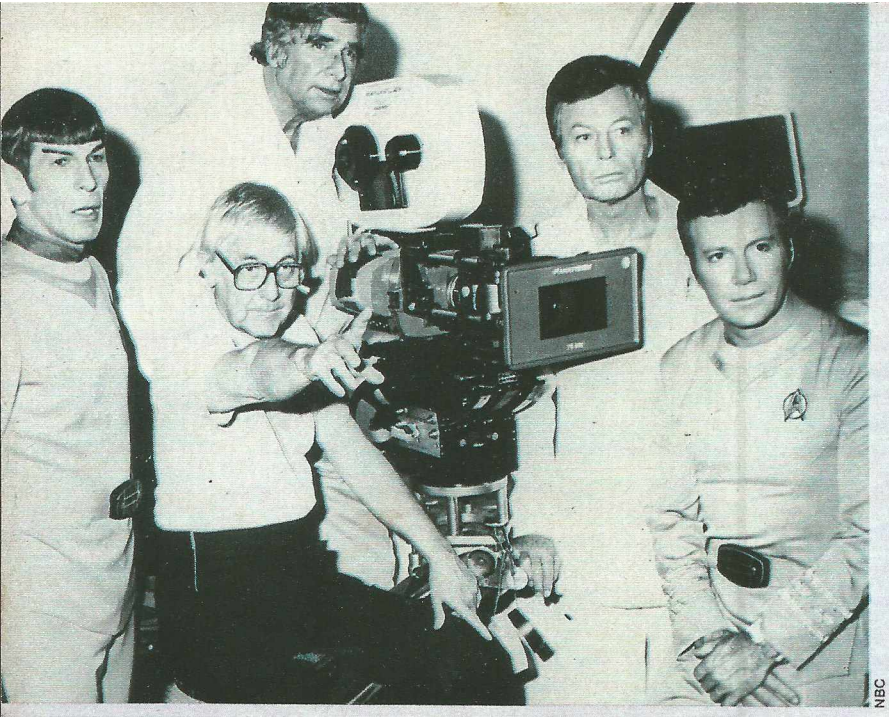
Essa crítica dizia quase nada. Que *Jornada nas Estrelas I* tinha sido muito mal conduzido, já se sabia. O grande fiasco era o roteiro. Os atores não tinham o que fazer depois dos vinte minutos iniciais até pouco antes dos vinte finais. Gene Roddenberry, o pai da série e do filme, queria realizar uma obra-prima de ficção científica, enquanto os produtores exigiam algo mais comercial, no rastro de *Guerra nas Estrelas*. A crítica que eu li em abril de 1980 não tentava explicar por que o resultado final deixou tanto a desejar. Nem ao menos falou sobre os efeitos especiais incomparavelmente verossímeis — supervisionados em toda sua confecção por dois doutores no assunto, Douglas Trumbull *(2001)* e John Dykstra *(Guerra nas Estrelas)* — ou sobre a presença, nos estúdios, de Jesco von Putkamer, consultor técnico da NASA que acompanhou muitas etapas da filmagem.

Mas não foi a omissão de informações o que mais incomodou naquela crítica a *Jornada nas Estrelas, o Filme*. O adjetivo usado para definir os episódios do seriado original — "despretensiosos" — foi o que realmente me deixou com a pulga atrás da orelha. Isso porque um qualificador bem similar havia sido utilizado por uma revista nova-iorquina (no estilo guia de TV semanal) logo na estréia do seriado *Star Trek*, em setembro de 1966. Duas críticas, separadas por catorze anos, fizeram, coincidentemente, quase o mesmo comentário, apesar da série ter se mostrado revolucionária e intencionalmente inovadora desde o seu primeiro episódio.

Gene Roddenberry, nascido no Texas e hoje com 68 anos, já havia feito de tudo um pouco antes de começar a produzir *Star Trek*. Foi aviador militar durante a Segunda Guerra e piloto civil da Pan American até 1949. Estudou literatura, foi policial em Los Angeles na década de 50, escreveu inúmeros roteiros para TV e, em 1963, produziu um seriado praticamente desconhecido chamado *The Lieutnant* (com o ator Robert Vaughn). Até então, suas incursões como roteirista e produtor haviam sempre se limitado ao gênero policial. Fazer ficção científica ficava só na intenção. Pelo menos até 1964, quando conseguiu escrever e produzir uma aventura intitulada "The Cage" (A Jaula), o primeiro episódio de *Jornada nas Estrelas*. Um *Jornada* bem parecido com aquele que você podia assistir pela TV Bandeirantes há alguns anos mas, ainda assim, cheio de diferenças significativas.

O roteiro original concebido por Roddenberry e filmado em 1964 relatava as aventuras da nave espacial Enterprise, em missão no planeta Talos IV, comandada pelo capitão Pike. Não o capitão James Kirk, interpretado pelo ator canadense William Shatner, mas Pike, Christopher Pike (encarnado pelo ator Jeffrey Hunter). Sob o seu comando, estavam o doutor Phillip Boyce, uma mulher no posto de imediato chamada Número Um e um cientista de orelhas pontudas (sério mas não muito) de nome... Spock. Todos esses personagens — com exceção de Spock, que seria mais tarde lapidado e interpretado de forma mais séria e sorumbática — foram substituídos quando o seriado sofreu uma remodelação para, só aí, poder estrear na emissora nova-iorquina NBC, com os uniformes, cenários, atores e personagens que bem conhecemos hoje. A fase de transição do episódio "A Jaula" para o *Star Trek* repensado é muito esclarecedora, já que é um trecho importante da própria história da televisão mundial.

Quando Gene Roddenberry exibiu seu episódio-piloto aos executivos da emissora NBC, a receptividade foi boa quanto à qualidade do filme mas péssima quanto à viabilidade do projeto. De cara, aqueles que iriam bancar a produção não acreditavam


NBC

Numa foto histórica, a equipe do primeiro longa para o cinema: Leonard Nimoy, o diretor Robert Wise (sentado), Gene Roddenberry, De Forest Kelley e William Shatner

que o seriado pudesse funcionar. "The Cage" era o retrato de uma boa e não-deturpada ficção, mas não era o tipo de filme com o qual o grande público estava acostumado. Não havia espaço para monstros vorazes e ameaçadores ou batalhas intermináveis de raios laser na história de Roddenberry. Parte da trama do episódio foi resolvida pela tripulação, na sala de conferências da Enterprise, quando o doutor Boyce explicou a vulnerabilidade em que fica a nave diante do poder de gerar ilusões nos habitantes de Talos IV, e em diálogos entre o capitão Pike e sua companheira Vina. O episódio-piloto trazia assuntos na área técnica e humana, que fugiam de uma audiência de massa, como distâncias espaciais e hiperpropulsão; a hierarquia de comando; desejos e frustrações que escondemos de nós mesmos.

Em outras palavras, o seriado foi taxado de "cerebral demais" para ser veiculado na televisão. Experimente assistir ao primeiro episódio de *Star Trek* — que finalmente, depois de 25 anos, estará disponível em vídeo — e você vai perceber que, desde o início, o seriado foi engendrado para ser ficção científica de altíssima qualidade.

Nos primeiros meses de 1965, a empolgação de Roddenberry foi freada. A NBC deu-lhe uma ducha de água fria e cancelou o projeto. Com muito jogo de cintura, o ex-piloto e ex-policial reorganizou suas idéias, substituiu os atores que não estavam mais disponíveis — entre eles, Jeffrey Hunter — e abocanhou a sua segunda chance de produzir *Star Trek*.

Graças à sua criatividade, Gene Roddenberry acabou sendo tão importante para *Star Trek* quanto Rod Serling foi para o seriado *Twilight Zone (Além da Imaginação)*. Quando a NBC rejeitou "The Cage" e, pela primeira e última vez na história da televisão, decidiu filmar um segundo episódio-piloto, Roddenberry soube escolher o roteiro contendo os elementos exigidos pela emissora, sem que fosse necessário sacrificar a essência de seu seriado.

Samuel Peeples, um roteirista extremamente versátil, desenvolveu a seqüência de *Jornada* com as reformulações de Gene, dando origem ao episódio chamado "Onde Nenhum Homem Jamais Esteve" (Where No Man Has Gone Before). Nesta nova história, o argumentista soube revestir a trama com muito mais ação. Os diálogos foram concentrados nas figuras de Kirk e Spock, o que dinamizou bastante o roteiro. A NBC comprou a idéia e deu sinal verde para a produção de um seriado semanal.

A partir daí, Roddenberry e sua equipe introduziram personagens secundários tão carismáticos quanto os principais: o doutor McCoy (que acabou formando um tripé psicanalítico com Kirk e Spock), o *engenheiro* Scotty, o senhor Sulu ("warp speed, Mr. Sulu!" — isto é, "dobra espacial, Mr. Sulu!" — virou uma expressão idiomática nos EUA), Chekov (um russo colocado a bordo bem antes da Perestroika) e uma linda negra chamada Uhura.

Sempre procurando não fugir muito de uma audiência de massa, principalmente porque a série esteve constantemente à beira do cancelamento, devido ao alto custo de produção e índices de receptividade não mais que razoáveis, os estúdios da Desilu Productions, em associação com a Paramount Pictures a partir do segundo ano de exibição, aprovaram e filmaram roteiros de especialistas em ficção científica, muito conhecidos por aqueles que apreciam esse tipo de leitura, como, por exemplo, Theodore Sturgeon, Richard Mathson, Harlan Ellison e Norman Spinrad.

O episódio escrito por Harlan Ellison, "A Cidade na Beira da Eternidade", foi tão soberbamente filmado que chegou a ganhar o cobiçado prêmio Hugo, o mais importante do gênero, e o script original foi agraciado com outras indicações e prêmios.

Star Trek destacava-se de qualquer outra série do gênero porque dosava bem o humor e a aventura com as abordagens científicas. Não podemos dizer que a qualidade se manteve a mesma durante os três anos de produção. Alguns episódios deixaram muito a desejar. Chegaram a ser filmados roteiros de nível questionável, em que o cérebro de Spock era roubado (sic!) ou a Enterprise miniaturizada (sic!). Nem sempre as leis físicas foram respeitadas. O ritmo frenético que imperava no limitado prazo de criação chegou a comprometer *Star Trek* algumas vezes, e muita coisa deixou de ser revisada. Questionava-se por que a Enterprise ficava sem seus principais oficiais em uma emergência — Kirk e Spock muitas vezes se encontravam fora da nave quando esta mais precisava deles — ou por que a maioria das raças que participavam das histórias falava inglês fluentemente.

Sempre existiu no seriado um potencial não explorado, algo que, melhor aproveitado, daria a devida maturidade à série. Gene Roddenberry tentou resgatar esse potencial em *Star Trek, The Motion Picture*, e falhou. Para salvar a safra do *Jornada* no cinema, o produtor foi trocado. Então, em 1987, Gene teve novamente uma segunda chance. E essa chance foi batizada de *Star Trek—The Next Generation*, uma série brilhante que só será vista na televisão brasileira no próximo ano, mas que já teve episódios lançados aqui, em *home video*, pela CIC.

Quem vê a avalanche de filmes de ficção científica e fantasia nos cinemas, que se deu basicamente a partir do explosivo sucesso de *Guerra nas Estrelas* de George Lucas, pode pensar que esse gênero tam-

bém é o preferido dos produtores de televisão. Não é. E, na verdade, está longe de ser.

Regra básica: seriado de ficção científica é altamente dispendioso e não tem receptividade suficiente para compensar o trabalho e os custos. Na maioria das vezes, policiais de segunda categoria e congêneres ganham a preferência do americano médio com mais facilidade do que se imagina. Em se tratando de uma produção bem cuidada, como é o caso do excelente *O Homem da Máfia*, as chances de ficar entre os líderes de audiência aumentam. Assim, explica-se o número tão limitado de séries de ficção científica produzidas nas décadas de 70 e 80.

Já a nova geração de *Jornada nas Estrelas* é um caso à parte. Desde sua estréia nos EUA em 3 de outubro de 1987, a nova série de Gene Roddenberry não tem sido veiculada nem produzida como o *Star Trek* original. A Paramount Television, hoje, não divide a produção com a emissora que detém os direitos de exibição da série e, conseqüentemente, está muito menos sujeita a pressões do que a Desilu Productions estava naqueles anos 60. Os efeitos especiais, realizados em vídeo, são proporcionalmente mais baratos do que os efeitos de sistema convencional utilizados no passado. E o resultado, no fim, é muito mais satisfatório. Somado a tudo isso, está, é claro, o mito *Jornada nas Estrelas*. A série original, sendo fetiche, colabora para a aceitação do novo programa, mesmo com toda a renovação de atores, personagens, roteiristas, conceitos etc. e tal.

Entre o seriado de vinte anos atrás e o atual, existem diferenças que saltam aos olhos e outras que são percebidas apenas por um público mais atento,

Da tripulação original de "A Jaula", apenas o doutor Spock sobrou. Abaixo, Jeffrey Hunter interpreta o capitão Christopher Pike, ao lado de Vina (Susan Oliver)

Fotos CIC

A ÚLTIMA FRONTEIRA: UM NOVO VÔO DA ENTERPRISE NO CINEMA

Existirão ainda novas fronteiras para a tripulação da Enterprise desbravar? Haverá no Universo alguma aventura ainda não tentada pelo capitão Kirk e seus comandados? A julgar por esse quinto longa da série Jornada nas Estrelas, *a resposta parece ser sim.*

Pelo menos é o que nos faz crer o roteiro, ao interromper as férias da tripulação da Enterprise, para enviá-la a uma missão de resgate. Uma viagem feita às pressas, com a nave ainda necessitando de diversos reparos depois dos vôos mais recentes. O resgate, porém, acaba sendo um mero artifício para que o dr. Spock reencontre um meio-irmão que gostaria de esquecer, um conterrâneo de Vulcano tomado por questões espiritualóides, que garante saber o caminho que leva à casa de Deus... "Deus", é claro, mora pouco além de uma barreira cósmica à qual ninguém jamais sobreviveu. Aquela que o vulcânico religioso vai exigir que a Enterprise cruze, para levá-lo de encontro a seu criador...

Se as banhas e as rugas do elenco retiram um pouco do aspecto aventureiro de seus personagens, a dose de bom humor injetada nas falas e nas cenas de Jornada nas Estrelas 5 — A Última Fronteira *impede que se leve esses detalhes a sério demais. Num dos momentos mais inteligentes, Kirk questiona os motivos de Deus, quando este pede-lhe a Enterprise para levá-lo daquela área distante para outras paragens... "Me desculpe", indaga Kirk, "mas por que Deus precisa de uma nave para se locomover?"*

O dr. Spock continua sendo uma fonte de sabedoria inefável e prenhe de sarcasmo pragmático — são hilariantes os raciocínios que ele faz para tentar entender a lógica por detrás da letra de uma cantiga de roda terrestre. E o capitão Kirk ainda consegue ser o mais divertido canastrão por estes lados da Galáxia. Com ou sem barriga.

J.E.R.

O vulcano Sybok (Laurence Lockinbill), meio-irmão de Spock, força o capitão Kirk a partir em busca de Deus. À direita, Kirk, Spock e o sr. Sulu na ponte reformada

geralmente apreciador da ficção científica em geral. Se você é sortudo a ponto de possuir em seu acervo episódios da *Jornada* original, repasse seus teipes e estabeleça as comparações entre as duas obras de Roddenberry. Se você não tem capítulos antigos à sua disposição, apele para a memória. É fácil.

A VELHA GERAÇÃO

● A antiga nave estelar Enterprise, que depois de reformada explodiu no filme *A Procura de Spock*, levava uma tripulação fixa de 434 militares. A "velha garota", assim chamada pelo engenheiro Scotty, pertencia à classe Constitution (nome da primeira nave daquela linha).

● Na maioria dos episódios, os roteiros eram feitos para dar destaque a Kirk, Spock e McCoy. A amizade e confiança entre o capitão e o primeiro-oficial, que ganhava maiores proporções a cada capítulo, é uma prova de que os argumentistas sabiam aproveitar bem o carisma destes personagens. Vê-se também pleno aproveitamento dos intermináveis confrontos entre a lógica e o caos, através de Spock e McCoy. Ponto negativo: não houve presteza em aproveitar de forma devida o restante do elenco.

● A Enterprise original (NCC-1701) foi imaginada para se separar no espaço. Por falta de recursos com efeitos especiais, isso nunca aconteceu. Kirk, no episódio "The Apple", deixa claro que a parte superior (aquele disco similar a uma pizza) pode se destacar das alas inferiores (casco secundário).

● Os roteiros de *Jornada* refletiam muitas vezes problemas americanos da década de 60, com inferências à Guerra do Vietnã, aos conflitos raciais nos estados sulistas dos EUA e até ao movimento hippie. Quando os argumentistas se metiam a fazer essas misturas, geralmente se davam mal, pois as histórias ficavam fracas. Aproveita-se o episódio "Let It Be Your Last Battlefield", em que o racismo é colocado em xeque por Spock, de maneira sublime.

● Kirk, Spock, McCoy e Scotty teleportavam-se para a superfície de um planeta qualquer, tinham seus comunicadores (lembram?) perdidos, confiscados ou bloqueados e passavam o resto da aventura tentando restabelecer contato e voltar à nave. Este era o pano de fundo de, pelo menos, um quinto dos episódios de *Jornada nas Estrelas*.

A NOVA GERAÇÃO

● A Enterprise do século 24 pode ser definida como uma versão estilizada de sua falecida irmã. Leva uma tripulação de mil pessoas, entre civis e militares (há famílias inteiras a bordo), e pertence à classe Galaxy. Este último dado é fornecido pelo capitão no episódio "Encounter at Farpoint".

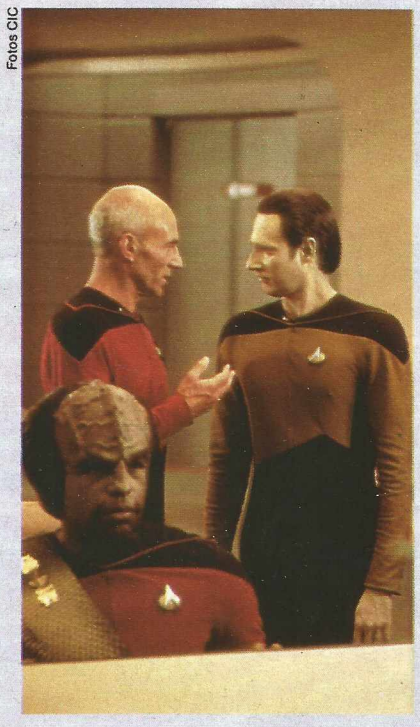
● No livro *The World of Star Trek*, onde o escritor David Gerrold disseca a série original, essa insatisfatória utilização do resto do elenco é relatada como um dos pontos baixos de *Jornada*. Roddenberry, corrigindo o erro com sua colaboradora DC Fontana, está equilibrando mais a importância dos papéis. Ainda assim, destacam-se no novo elenco Jean Luc Picard (capitão), William Riker (primeiro-oficial), Data (o andróide), Geordi La Forge (o jovem negro que usa uma prótese nos olhos) e Worf (o Klingon).

● A Enterprise NCC-1701 D separou-se logo no episódio-piloto de *A Nova Geração*. O desengate poderá ser visto novamente num outro capítulo do primeiro ano de produção, chamado "The Arsenal of Freedom", em que Geordi La Forge assume o comando na ausência de Picard.

● Os roteiros atuais são bem menos apegados a problemas regionais estadunidenses. Já foi feito um episódio sobre tráfico de drogas com alusões óbvias à Aids. Mas é sempre bom lembrar que, de uma forma ou de outra, os roteiristas de TV estarão sempre partindo de um ponto sólido da nossa realidade para desenvolver suas histórias. Isso, inclusive, é uma característica inerente à ficção científica.

● Agora, com os comunicadores implantados dentro das insígnias do uniforme, os tripulantes da Enterprise raramente se vêem impedidos de retornar à sua nave quando desejam. Não pelo fato de os comunicadores terem mudado de posição, mas porque os roteiristas estão tentando não cometer o erro de seus antecessores.

Fotos CIC



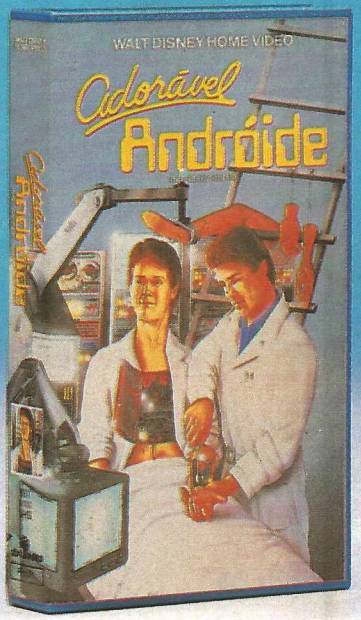
De McCoy (Kelley), Spock (Nimoy) e Kirk (Shatney) a Picard (Patrick Stewart), Data (Brent Spiner) e Worf (Michael Dorn), o sonho realizado de Gene Roddenberry

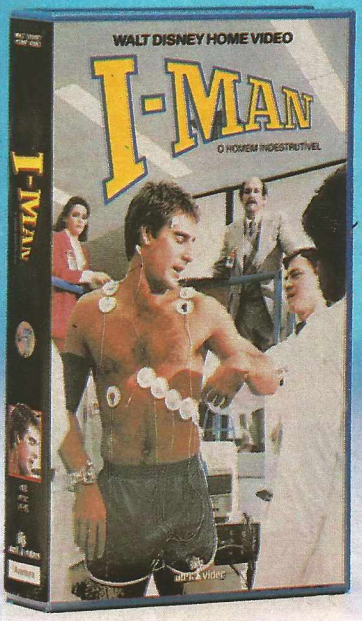
Uma centena de outras comparações poderiam ser estabelecidas. Se o antigo *Star Trek* foi tese para muitos PHDs em Comunicação, a nova série também abre um amplo leque de discussões sobre a própria essência da televisão. Talvez esta *Next Generation* nunca consiga ter o mesmo carisma dos atores da série original, que hoje são astros sessentões dos filmes de *Jornada* no cinema. Mas uma coisa é certa: o trabalho de Roddenberry foi aprimorado. E, graças ao caminho aberto pelo tradicional *Star Trek* há vinte anos, a *Nova Geração* está sendo aceita muito mais facilmente pelo público e vem se mantendo entre os dez programas de maior audiência nos EUA. A grande curiosidade é que este seriado atual está bem mais próximo de "The Cage", o episódio-piloto produzido em 1964, do que a própria série da década de 60. Hoje, Gene Roddenberry trabalha com menos pressão e mais recursos. E isso permite que ele dê muito mais vazão ao seu sonho.

Sérgio Figueiredo

O FUTURO VAI INVADIR SEU VÍDEO!

E você vai vibrar com a aventura e ação
destes incríveis vídeos Disney de ficção científica!





VOYAGER RUMO ÀS ESTRELAS

Em 2008, os seres humanos destruíram a terra e buscam desesperadamente outro planeta. Mas o perigo ronda de todos os lados... Efeitos especiais fantásticos criados por RICHARD EDLUND (*Guerra nas Estrelas* e *Caça Fantasmas*).

ADORÁVEL ANDRÓIDE

Chip foi construído para ser quase humano. Quase... Meio máquina, meio homem, esse andróide em forma de garoto passa pelas mais engraçadas situações quando tenta conviver normalmente com as pessoas.

TRON - UMA ODISSÉIA ELETRÔNICA

Um homem é miniaturizado e entra nos circuitos de um computador. Lá, encontra Tron. Juntos eles enfrentam uma batalha — em clima de videogame — contra o poderoso cérebro do computador.
Um filme eletrizante, com os mais extraordinários efeitos criados pela tecnologia!

I-MAN O HOMEM INDESTRUTÍVEL

Jeff Wilder se expõe acidentalmente a um gás misterioso da NASA, tornando-se indestrutível. E recebe de seu governo uma missão quase impossível: salvar a Terra de um maníaco que ameaça provocar uma explosão nuclear!

NA SUA LOCADORA PREFERIDA. PEÇA!

© Walt Disney Company

abril vídeo

WALT DISNEY HOME VIDEO

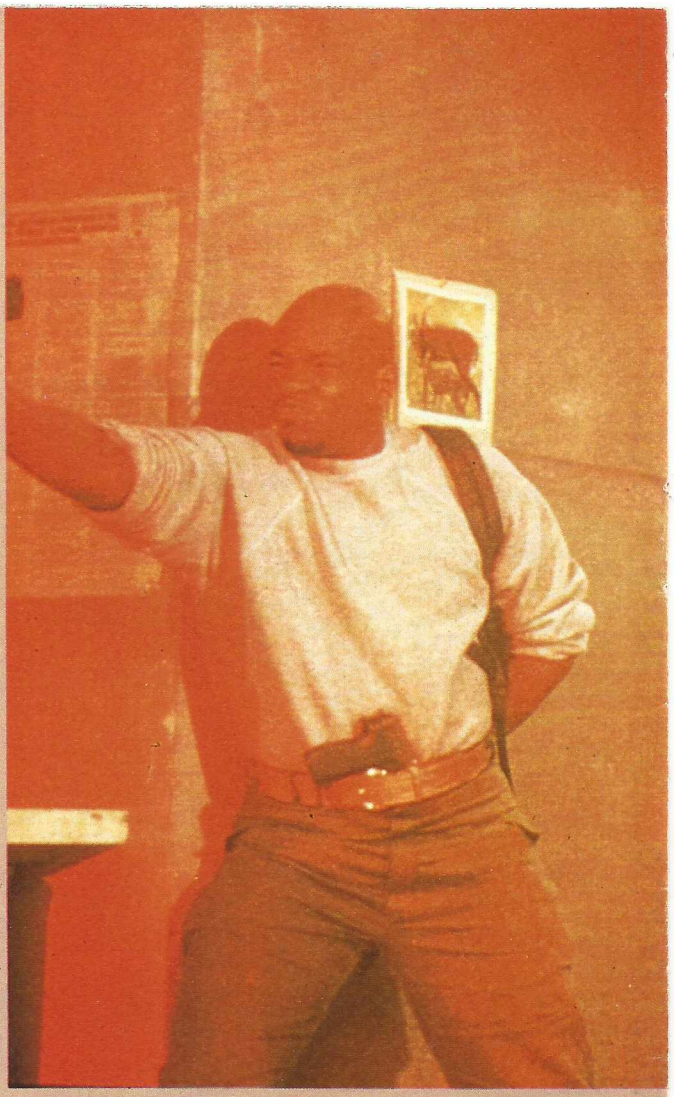
ATENÇÃO: ESTE SELO HOLOGRAMA está nas embalagens e fitas Disney. Exija-o para ter garantia de qualidade original.

VENDAS EM TODO O BRASIL: SÃO PAULO: (011) 814.8803 ou 814.8426

• RJ: (021) 295-2089/546-8172 • ES: (027) 229-2223 • RS: (0512) 34-2772 • DF/GO: (061) 243-8815 • PE/AL/PB/RN: (081) 224-2124 • BA/SE: (071) 240-1543 • MG: (031) 227-8014 • PA: (091) 226-9130 • AM: (092) 234-8164 • PR/Curitiba: (041) 253-7610 • Londrina: (0432) 24-6812 • MT/MS: (067) 624-9002 • SC: (0482) 23-6975 • MA/PI: (098) 227-4105 • RO/AC: (069) 221-7354 • CE: (085) 226-3806 • SP/Ribeirão Preto: (016) 625-1316 • Campinas: (0192) 31-2355 • Bauru: (0142) 34-2774 • Santos/Vale do Paraíba - SP: (011) 701-1590

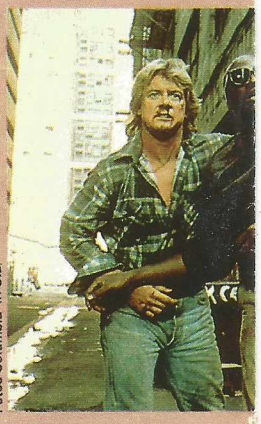
ELES VIVEM

INVASÃO CONSUMADA



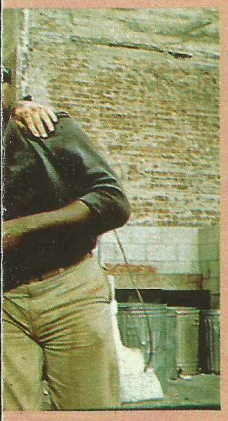
O filme mais recente de John Carpenter — de novo um orçamento modesto — parte de onde outras ficções terminavam: a Terra *já está* dominada pelos alienígenas. Veja quem são "eles"...

Christophe L.



Fotos Columbia Tri-Star

John Nada (o branco Roddy Piper) e Frank (o negro Keith David) combatem a invasão. Nas fotos menores, os óculos que permitem localizar os alienígenas, o momento em que John obriga Frank a usá-los e a jornalista Holly (Meg Foster)



Eles vivem. E vivem bem: têm imensas fortunas, controlam a polícia e os políticos, dominam os meios de comunicação e contam com legiões de aliados e escravos. Mas quem são "eles"? O novo filme de John Carpenter dá a resposta: são seres de outro planeta que já invadiram, sem alarde, as grandes cidades da Terra, de onde eles controlam toda a humanidade através de mensagens subliminares transmitidas pela mídia. Tão logo tenham exaurido todos os recursos daqui, eles partirão para colonizar outros planetas. Assim funciona o imperialismo cósmico. Não adianta chorar.

O terror arrepiante de *Eles Vivem* sustenta-se menos em efeitos especiais mirabolantes do que nesta idéia simples mas engenhosa: a ameaça já se cumpriu, o inferno é aqui mesmo, é a vida de todos os dias. Confira: um punhado de yuppies engravatados usufrui de toda a riqueza, enquanto a maioria trabalha, obedece e vive mal, embasbacada diante da TV e do discurso hipócrita dos políticos. Se alguns poucos desajustados se rebelam, a polícia está aí para esmagá-los.

Resumido assim, o filme pode parecer apenas um panfleto de ficção científica, uma obra de "conscientização". Mas não se esqueça de que o diretor chama-se John Carpenter, o que garante a *Eles Vivem* doses igualmente generosas de crítica, ação e divertimento. A despeito de seu tema sombrio, o filme tem a imaginação delirante e o pique juvenil característicos das histórias em quadrinhos. Não por acaso, uma das fontes em que o cineasta se inspirou foi a HQ *Alien Encounters* (da *Eclipse Comics*), de onde tirou o personagem central, John Nada. A outra fonte foi o conto de Ray Faraday Nelson "Eight O'Clock in the Morning", publicado nos anos 60 na *Magazine of Fantasy and Science Fiction*.

No roteiro de Carpenter — que o assina com o pseudônimo Frank Armitage, em homenagem a um personagem do escritor fantástico H. P. Lovecraft —, John Nada (Roddy Piper) é um andarilho que chega a Los Angeles e arranja emprego temporário numa fábrica. Com a curiosidade dos recém-chegados, ele percebe logo que há algo de estranho com os pregadores de rua de uma seita aparentemente cristã. Investigando por conta própria, acaba descobrindo tudo: "eles" vivem; "eles" estão entre nós; "eles" controlam tudo. Em tempo: "eles" não são os pregadores de rua.

Como o David Vincent da série televisiva *Os Invasores*, da década de 60, Nada tem que convencer os outros da terrível verdade. Mas não é fácil. A primeira pessoa a quem ele revela o segredo, a jornalista Holly (Meg Foster), telefona para a polícia. Pior ainda é a tentativa de convencimento do negro Frank (Keith David), seu companheiro de trabalho na fábrica. Impermeável aos argumentos, Frank é o tipo do sujeito que só aprende na porrada. E é na porrada que Nada tenta convencê-lo, dando origem a uma das brigas mais longas (sete minutos e meio) e violentas da história do cinema, com cotoveladas na cara, joelhadas no saco, chutes no estômago e tudo mais.

A duração e a crueza da luta se justificam — ela é o centro do filme e serve para mostrar sua "tese" central: "eles" colocam os homens uns contra os outros para continuar mandando. Foi principalmente pensando nessa briga que Carpenter escolheu seus dois atores principais. Roddy Piper, ex-campeão mundial de luta livre, é o *tough guy* em estado bruto, com perdão da redundância. Ao contrário dos heróis convencionais, Piper não é bonito nem charmoso, mas tem "a vida escrita no próprio corpo", para usar a definição de Carpenter. Seu companheiro no filme deveria ter a mesma estatura física e humana, e por isso o diretor resolveu chamar o maciço Keith David, que já havia aparecido no seu *O Enigma do Outro Mundo* (1982) e, posteriormente, no *Platoon*, de Oliver Stone. Os dois juntos formam uma dupla verdadeiramente assustadora, daquelas capazes de destruir um bar em três minutos e um bairro em meia hora. "Eles" não sabem com quem estão se metendo.

A idéia mais genial de *Eles Vivem*, e também a que mais o aproxima da tradição do filme B de ficção científica, é a invenção de óculos escuros especiais que permitem a quem os usa ver os aliens como eles são de verdade, sob a aparência de pacatos cidadãos. E eles são pavorosos. Nascidos da competente artesania do maquiador Frank Carissosa — responsável também pela maquiagem de *Príncipe das Sombras* (Carpenter, 1987) —, seus rostos são basicamente caveiras com pedaços de carne remanescentes e olhos de metal.

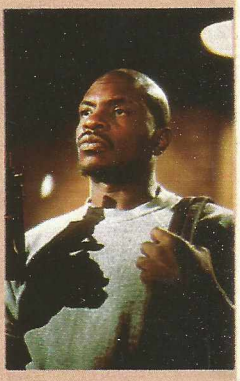
Mas o mais interessante é que os óculos especiais não deixam ver apenas a cara do inimigo mas também suas mensagens subliminares impressas em outdoors, cartazes, jornais e revistas. Assim, por exem-

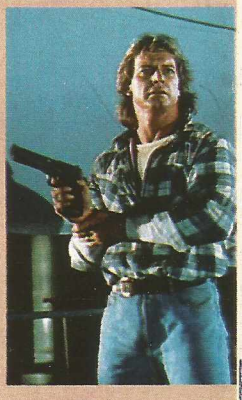
plo, um painel com propaganda de roupas da moda transforma-se, através dos óculos, numa ordem em letras garrafais: CONSUMA. Os textos e fotos aparentemente inocentes de uma revista dão lugar a mensagens como OBEDEÇA ou NÃO QUESTIONE A AUTORIDADE. As cédulas de dinheiro estampam o slogan ESTE É SEU DEUS. E por aí afora.

Ao fotografar em preto-e-branco a imagem reveladora captada através dos óculos especiais, Carpenter transformou um procedimento narrativo num achado estético e numa declaração política. É como se dissesse: a realidade que vemos todo dia, com sua profusão de cores e imagens, não passa de aparência. Os óculos especiais (as lentes do conhecimento) habilitam a ver a essência das coisas, para além de sua aparência imediata.

Da mesma forma, ao naturalismo das cenas captadas em cores opõe-se o expressionismo visionário e poético do preto-e-branco, sua pureza, sua limpidez. Também em preto-e-branco são as únicas cenas em que aparecem os discos voadores dos alienígenas. Desenhados à moda antiga (leia-se anterior a *Contatos Imediatos, E.T.* e congêneres), os discos aparecem fugazmente no céu como uma homenagem de Carpenter e do fantástico fotógrafo Gary Kibbe aos velhos filmes de ficção científica, como *Guerra dos Mundos* (Byron Haskin, 1953) e *Guerra Entre Planetas* (Joseph M. Newman, 1955).

O que distingue *Eles Vivem* dos clássicos B de ficção científica é uma inversão radical de perspectiva. Se naqueles os invasores eram perigosos porque vinham destruir o *american way of life*, neste filme são eles que patrocinam e sustentam o mesmo *american way of life*, apresentado como o verdadeiro mal a ser combatido. Enquanto os velhos filmes de marcianos ostentavam um viés nitidamente anticomunista, em *Eles Vivem* são aqueles que combatem os invasores que são perseguidos como comunistas. Os heróis daquelas produções eram policiais ou bem postados cidadãos de classe média. Os heróis de *Eles Vivem* são trabalhadores braçais que enfrentam o desemprego e a falta de moradia. Mudou a América ou mudou o cinema? As duas coisas, certamente, mas o mais interessante é observar como o cinema de John Carpenter acompanhou essas mudanças.





Keith David: à altura do campeão de luta-livre Roddy Piper

Eles Vivem pode ser considerado o coroamento e a explicitação de objetivos de uma carreira construída como um longo comentário crítico ao cinemão americano dos últimos 15 anos. Contagiado pelo clima libertário da Califórnia de 1968, onde chegou para estudar cinema na USC (de Los Angeles), vindo do Kentucky, Carpenter jamais se curou. Seus filmes, bons ou maus, sempre remaram contra o *mainstream* de Hollywood.

Em 13 filmes, ele experimentou as diversas possibilidades de interpenetração entre dois gêneros considerados "menores": o terror e a ficção científica, ora com maior ênfase no primeiro — *Halloween* (1979), *O Príncipe das Sombras* (1987) —, ora no segundo — *Dark Star* (1974), *Starman* (1984). Não por acaso, parece ter conseguido seus melhores resultados na fusão profunda dos dois gêneros em *O Enigma de Outro Mundo* (1982) e *Eles Vivem* (1988).

Em maior ou menor medida, entretanto, todos os seus filmes podem ser vistos como paródias, pastiches ou radicalizações de grandes produções bem-comportadas. Se Spielberg é o garoto prodígio dos últimos 15 anos, Carpenter é o seu colega endiabrado, inteligente mas avesso à disciplina, um colega mal-educado, rebelde e que cola pelo prazer de colar. Desse ponto de vista, *Starman*, por exemplo, seria uma versão barata, erótica e violenta do cândido e açucarado *E.T.* spielberguiano, assim como *Christine, o Carro Assassino* (1983) é uma radicalização perversa do bobo-ca *Se Meu Fusca Falasse* (Robert Stevenson, 1969).

Carpenter, o maquiador Frank Carissosa e o alien yuppie, que no filme só aparece em preto-e-branco. Abaixo, o andarilho Nada

Fotos Columbia Tri-Star

Desde que revitalizou o horror com o imitadíssimo *Halloween* — o filme independente mais bem-sucedido de todos os tempos —, Carpenter é assediado permanentemente pelos grandes estúdios para realizar filmões. Depois de algumas experiências nesse esquema, Carpenter decidiu voltar às produções de baixo orçamento, por não conseguir se entender com os burocratas da grande indústria. A gota d'água para a volta às origens foi o resultado final insatisfatório de *Os Aventureiros do Bairro Proibido* (1986), que com seus exageros pirotécnicos e marciais pode ser considerado um pastiche implacável de *Indiana Jones*. Só que o herói de Carpenter, em vez de arqueólogo, é um caminhoneiro, e o lugar mais exótico onde ele vai parar é a Chinatown de São Francisco. É divertido, mas o diretor se chateou com as interferências do estúdio.

Acompanhado do fiel produtor e assistente de direção Larry Franco, mudou-se de mala e cuia para a Alive Films, com a qual assinou contrato para dirigir quatro filmes baratos. Os dois primeiros foram o arrepiante *Príncipe das Sombras* e este *Eles Vivem*. O primeiro custou 3,5 milhões de dólares. O segundo, "um pouco mais", de acordo com o diretor. A platéia aguarda ansiosamente os dois que vêm por aí. Se "eles" deixarem.

José Geraldo Couto

Abrir um videoclube? Uma boa!!! Um negócio de futuro...

Orientação grátis é no

SHOPPING VÍDEO

Em um só lugar sua pronta-entrega

Alvorada - ARGO - Brazil Home - DIF - DIV - Dado - Elite - Everest - FJ Lucas - FOX - Hunter - Herbert Richers - J. Home - JB - Jaguar - Lips - LMP - Love Land - Manchete Vídeo - Machine - Mundial - MEGA - MBA - Nacional - OMNI - Office - Pole Vídeo - PBV - Politel - Royalty - Sagres - Sunshine - Sétima Arte - Tec Home - Tai Pan - Tevelândia - Triex - Top Tape - Trans Vídeo - Universo - VIC - VMW - Weras - WR - Yellow - Zircon.

E mais todos acessórios para locadoras.

CENTRAL DE ATENDIMENTO:

Estrada do Portela, 99 sala 310
Tels.: (021) 390-7100 350-4966 - FAX: (021) 390-7831
Pólo I - Madureira - Rio - RJ

ENTREGA PARA TODO O BRASIL.

NO SUL - VALTER DUTRA
Tel.: (055) 221-1482

CURITIBA - RAFAEL BLASI
Tel.: (041) 262-0158

VITÓRIA - CÉLIO LOPES
Tel.: (027) 227-3074

CENTRO OESTE - PAULO HILTON
Tel.: (062) 251-8993

NORDESTE - SÉRGIO/MARCELO
Tel.: (081) 228-4924

Visite uma de nossas locadoras modelo.
Garantia de Qualidade.

BARRA DA TIJUCA - RJ
Av. Sernambetiba, 6250 loja 1
Tel.: (021) 385-5768

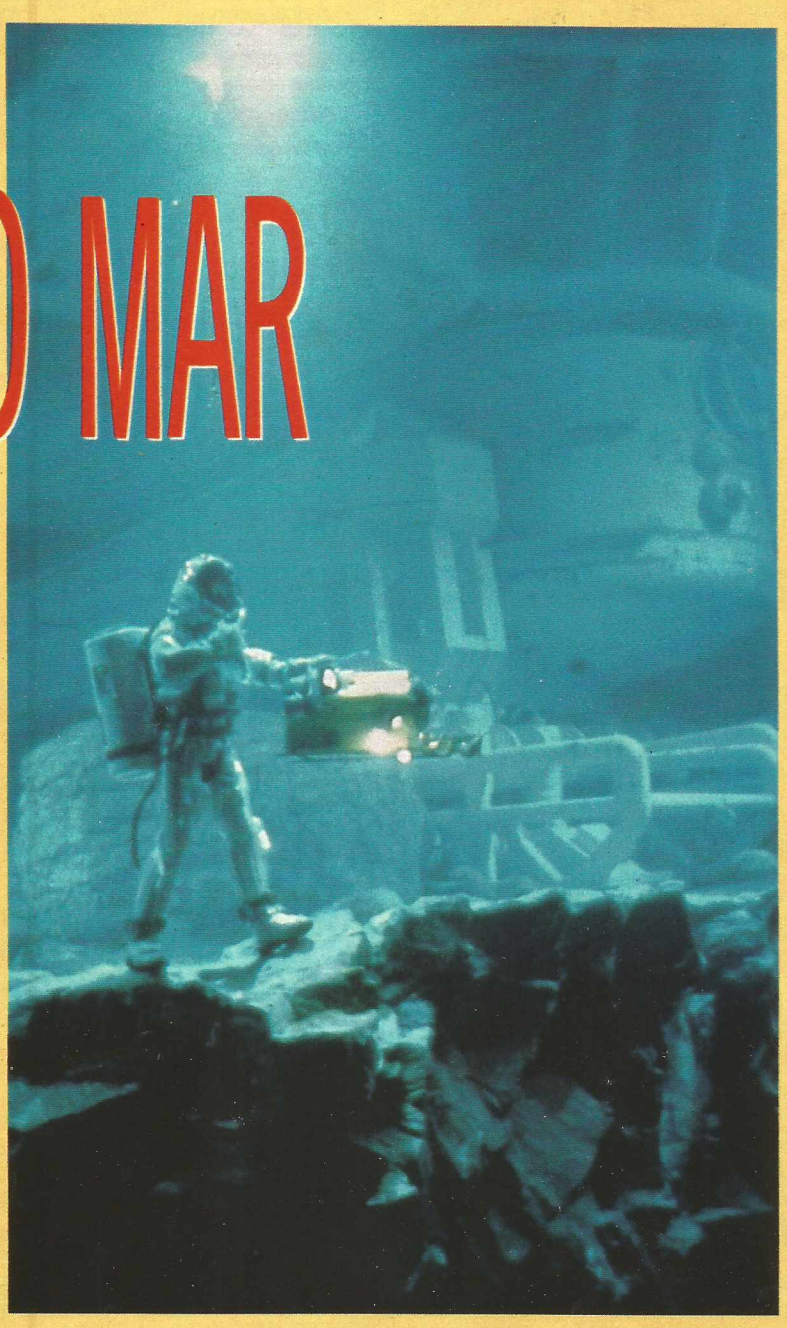
EM CAMPO GRANDE - RJ
No calçadão - Galeria Brastel
Rua Cel. Agostinho, 142 loja 105

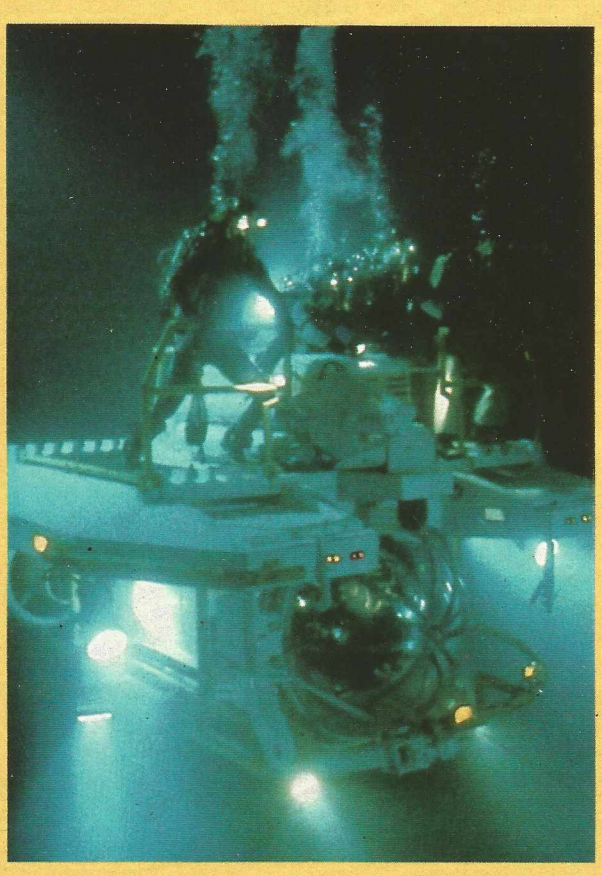
EM CAMPOS - RJ
Na fatia de queijo
Praça do Canhão
Tel.: (0247) 230545

EM MACAÉ - RJ
Ao lado do restaurante do Haroldo
Tel.: (0247) 625522

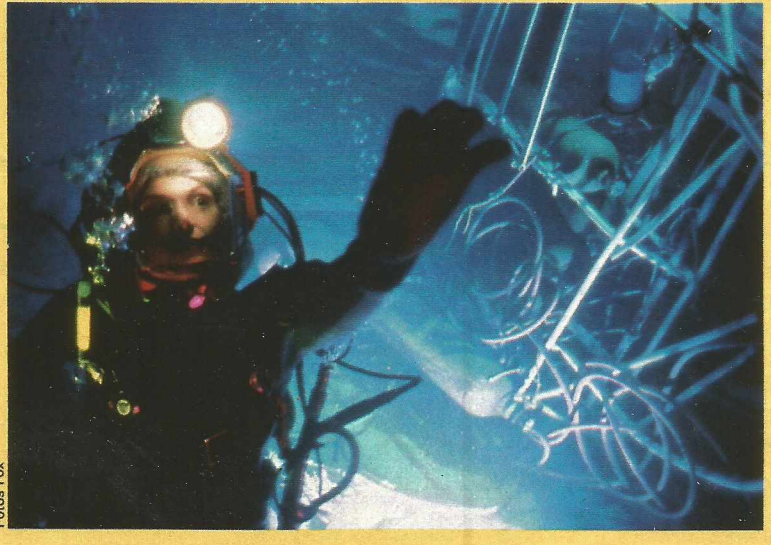
EM RIO DAS OSTRAS - RJ
Rua Rego Barros, 217 - Centro

JAMES CAMERON
MORRER NO MAR



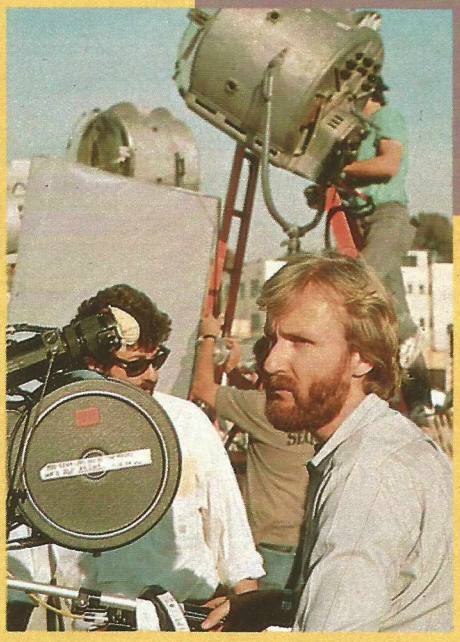


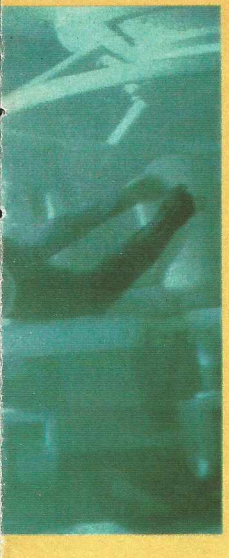
Acima, a tripulação do **Deepcore**, *um engenho submarino civil, explora as profundezas do Atlântico a serviço da Marinha americana... e encontra o inesperado*



Fotos Fox

O diretor de *Exterminador do Futuro* e *Aliens — O Resgate* está de volta, em ritmo de superprodução. Aqui, ele fala com exclusividade a SET Terror e Ficção sobre *O Segredo do Abismo*





Abaixo: à esquerda, Mary Elizabeth Mastrantonio é a engenheira de bordo; Ed Harris arrisca um mergulho livre

A idéia para o *Exterminador do Futuro* lhe veio quando, doente, ardendo em febre, em Roma, teve um pesadelo com um esqueleto metálico que o perseguia implacavelmente. Para enfrentar o desafio de *Aliens* — continuar a obra-prima de Ridley Scott sem violentá-la —, ele se concentrou na lembrança de sua mãe "e de todas as mulheres fortes da minha vida", inclusive a produtora do filme e então futura esposa Gale Anne Hurd. O argumento de seu último filme, o espetacular *O Segredo do Abismo* (*The Abyss*, que estreou em agosto nos Estados Unidos), ele escreveu como uma redação de ginásio, aos 17 anos, "inspirado por todos aqueles filmes submarinos de Jacques Cousteau".

Sensível, metódico, perfeccionista, extremamente eficiente — todos os seus filmes, mesmo o incrivelmente complexo *Abismo*, foram entregues dentro dos prazos e das estimativas de custo — e, segundo seus amigos e atores, dono de impecável gosto musical (filmou *Abismo* com uma seleção dos Smiths tocando nos fones de sua roupa de mergulho), o canadense James Cameron é uma unanimidade dentro da indústria cinematográfica americana, uma indústria pouco dada a unanimidades. É seu jovem talento declarado em ficção, ação e terror, um dos criadores mais bem equipados — senão o mais bem equipado — para levar o gênero além de suas fronteiras e torná-lo inteligente, reflexivo. A si mesmo Cameron descreve como "uma pessoa religiosa, não no sentido tradicional mas em termos de preocupações morais, éticas", e a seus filmes como "manifestações de minha preocupação nesse setor".

Descoberto em 1980 por Gale Anne — então assistente de produção de Roger Corman —, nas oficinas de maquetes do filme *Mercenários das Galáxias* (*Battle Beyond the Stars*), Cameron foi rapidamente guindado ao posto de desenhista de produção porque, segundo Hurd, "era o único que sabia desenhar alguma coisa" dentro da equipe. Sua estréia na direção veio em 1982, com o duvidosíssimo mas muito engenhoso *Piranha 2* — "que, pelo menos, me serviu como treino para filmagens debaixo d'água", ele recorda.

Foi durante as filmagens de *Piranha 2*, na Itália, que Cameron adoeceu e sonhou com o obsessivo esqueleto metálico. De volta a Los Angeles, não precisou muito para convencer Hurd que ali estava a idéia que, pelos planos de ambos, os apresentaria definitivamente ao mercado.

Estavam certos: produzido por Hurd, escrito e dirigido por Cameron, estrelado por Arnold Schwarzenegger — que os dois recrutaram depois de ver *Conan, O Bárbaro* —, o *Exterminador do Futuro* foi o hit-surpresa de 1985. E abriu espaço para a cartada decisiva: *Aliens*, que, em 1986, instalou Cameron definitivamente na linha de frente de Hollywood — sete indicações para o Oscar, duas estatuetas da Academia, capa da revista *Time*, 78 milhões de dólares apurados nos Estados Unidos, 110 milhões internacionalmente, tudo isso ao custo (irrisório, para um filme deste porte) de 18 milhões de dólares.

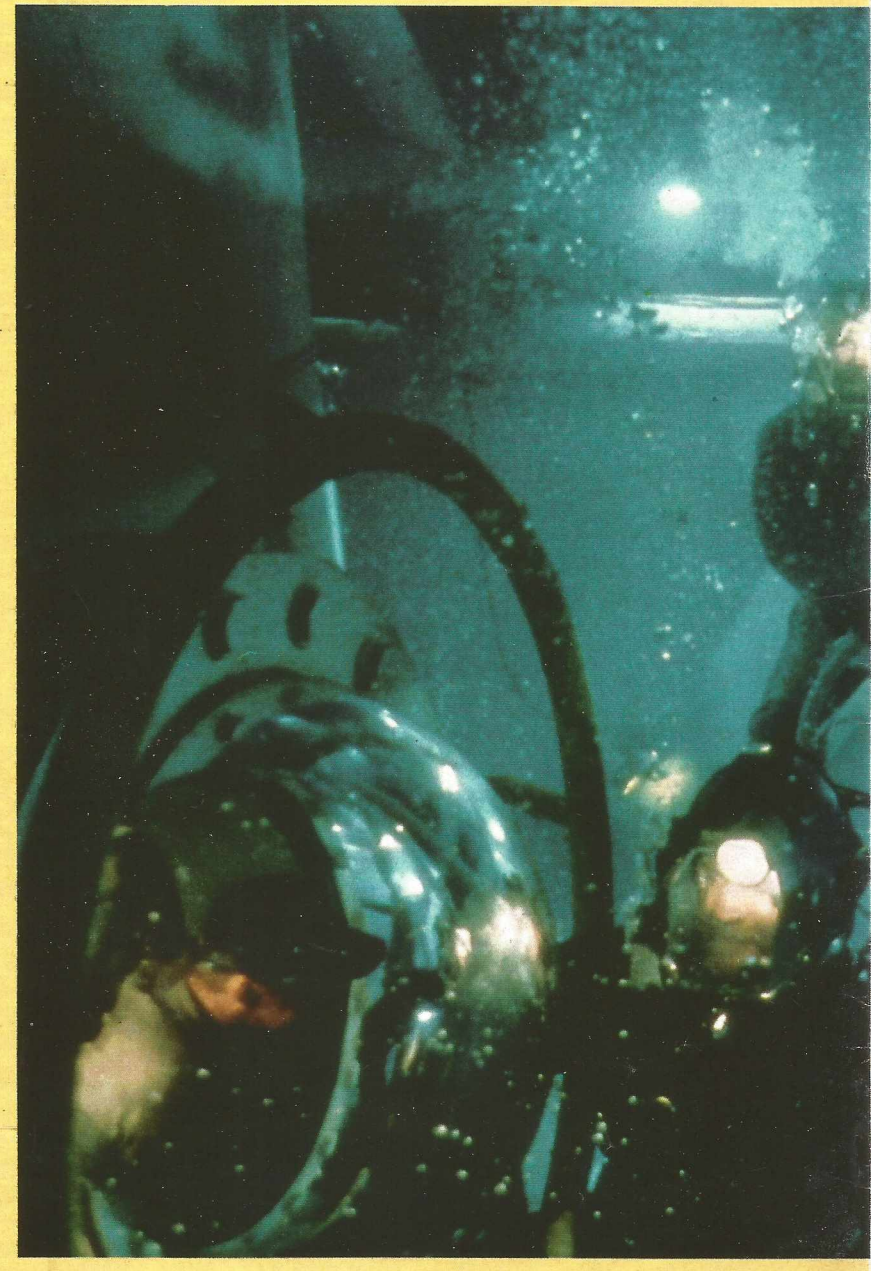
Nos três anos seguintes, Cameron escreveu, preparou e dirigiu *O Segredo do Abismo*, casou-se e divorciou-se de Hurd — que, contudo, continuou a ser sua produtora favorita e assina a produção deste filme — e ainda achou tempo para namorar a diretora Katryn Bigelow (*Quando Chega a Escuridão*).

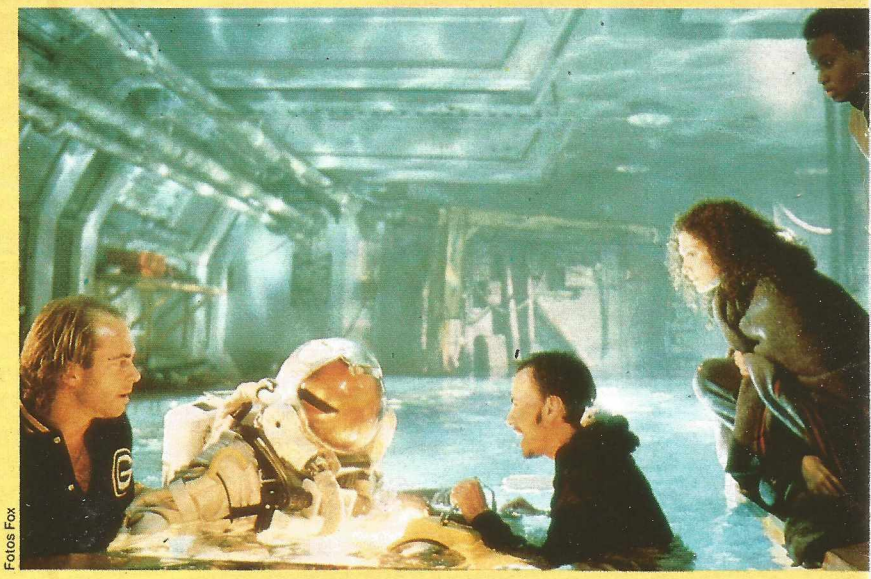
Com *O Segredo do Abismo*, Cameron pode considerar-se formado, mestrado e doutorado, membro de uma elite fechada que já inclui Roger Corman, George Romero, Stanley Kubrick, Ridley Scott, David Cronenberg, Brian De Palma. Com suas belíssimas, quase inacreditáveis, filmagens debaixo d'água — o filme teve 40% de suas cenas filmadas num gigantesco reator nuclear abandonado, inundado com sete milhões de galões de água especialmente tratada para não ficar turva —, este *Abismo* faz pelo filme de ficção científica o mesmo que *2001* conseguiu há 20 anos: estabelecer uma nova fronteira, um novo padrão para cinematografia, efeitos e roteiro; e instaura a água, de vez, como um novo "espaço sideral" para a imaginação humana, para aventuras tanto emocionantes quanto metafísicas. É claro que já foram feitos, antes, grandes filmes subaquáticos — *O Fundo do Mar* (*The Deep*, de Peter Yates), *Imensidão Azul* (*The Big Blue*, de Luc Besson) ou mesmo *20 000 Léguas Submarinas* —, mas este *Abismo* supera todos eles: é um terrível pesadelo transmutado em profunda meditação e, finalmente, em inebriante êxtase.

Ainda se recuperando dos estafantes 18 meses de filmagem — quando trabalhava 12 horas por dia, seis dias por semana, muitas vezes passando nove,

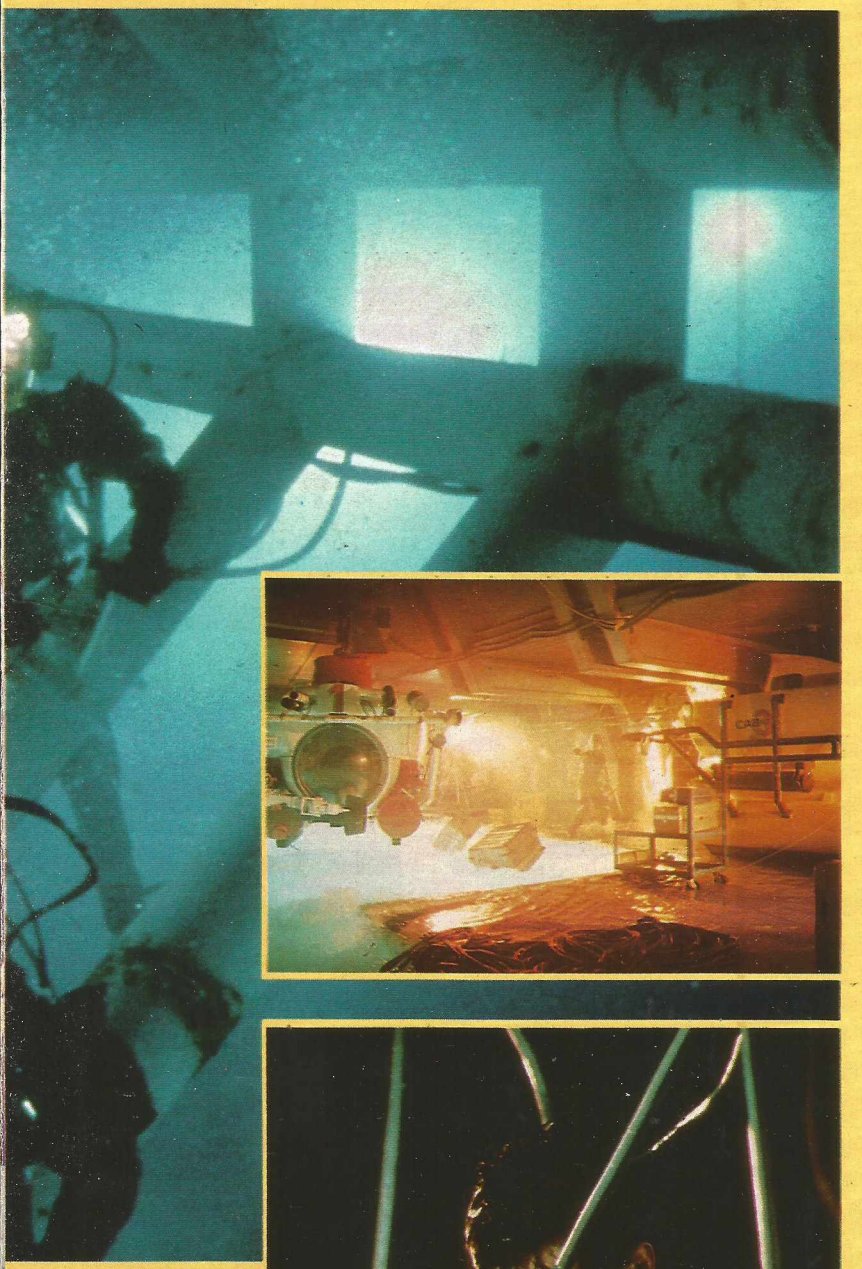
dez horas seguidas embaixo d'água —, James Cameron conversou sobre *O Segredo do Abismo* e sobre sua peculiar visão dos filmes de terror numa suíte do hotel Four Seasons, em Beverly Hills.

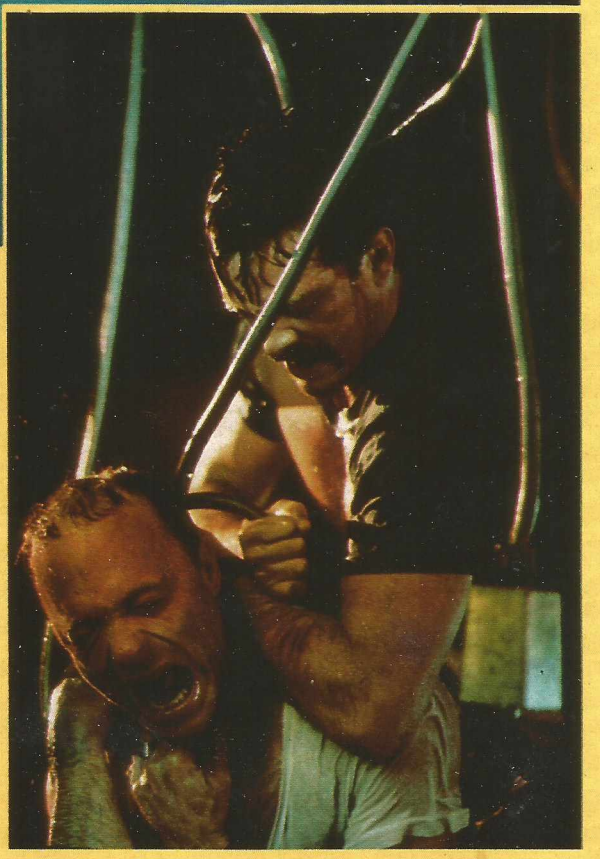
SET — *Como você começou a se interessar por mergulho, pelo mundo submarino?*
JAMES CAMERON — Acho que tudo começou com aqueles filmes de Jacques Cousteau na TV, no final dos anos 60. Vendo esses filmes não se tem a menor idéia de como é ficar embaixo d'água, mas as imagens ficaram vivamente impressas em minha mente. Por conta disso, tomei aulas de mergulho e descobri rapidamente que, na realidade, no início é uma experiência horrível! Mas, à medida que você se acostuma, torna-se algo fascinante e cheio de prazer, muito libertador, porque você está flutuando em três dimensões. É como voar ou deslizar pelo espaço, sem gravidade.
SET — *Existem algumas conexões óbvias entre* Abismo *e* Aliens *— o clima claustrofóbico de várias cenas e, depois, um espaço vazio como alternativa. Isso tem ligação com a sua descrição da experiência de mergulho?*
CAMERON — Sim, claro. Em *Aliens* você tinha uma jornada sombria, escura, claustrofóbica, que culminava no horror. Em *Abismo* você embarca numa longa, sombria, claustrofóbica jornada que, aos poucos, se abre para a luz e para a maravilha. Essa era a intenção de todo o filme.
SET — *Quando surgiu a decisão de fazer o filme realisticamente, debaixo d'água? Um filme como* Leviatan, *de George Pan Cosmatos, que também se passa no fundo do mar, foi fotografado a seco, com fumaça especial dando a idéia de água...*
CAMERON — Para mim não havia alternativa: eu queria fazer esse filme porque queria dirigir debaixo d'água. A primeira vez que dirigi alguma coisa embaixo d'água foi em *Piranha 2*, e logo aprendi a lição número um desse tipo de filmagem: é impossível dirigir debaixo d'água... Mas devo ter obliterado essa informação da minha mente porque, desde o primeiro momento, nesse projeto, o que eu mais queria era fazer um filme genuinamente subaquático.
SET — *Por quê?*
CAMERON — Pelo mesmo motivo que leva um alpinista a escalar montanhas cada vez mais altas e mais arriscadas. Porque você precisa fazê-lo! Porque ninguém mais fez antes. No caso deste filme, porque achei que ninguém nunca tinha levado o cinema subaquático até os limites possíveis, e era isso o que eu queria fazer.
SET — *Além do paralelo que você traçou entre* Aliens *e* Abismo, *que tipo de padrão ou tema recorrente você vê entre seus três últimos filmes, os que o tornaram famoso?*
CAMERON — Todos eles, esses dois e o *Exterminador*, envolvem temas constantes que gosto de investigar. As relações e os diferentes papéis entre homens e mulheres. O papel da tecnologia em nossas vidas. A questão das armas nucleares. As três histórias envolvem armas nucleares — acho que isso é uma preocupação que não sai da minha cabeça. Eu tento não ser um militante político escancarado, mas gosto de tecer esses temas de forma subtextual nos filmes que faço. E que, para





Fotos Fox





O lançamento de escafandristas, no exterior e no interior do* Deepcore. *À direita, Harris, como o tripulante Bug Brigman, tenta debelar um incêndio e é atacado pelo tenente Coffey, da Marinha (Michael Biehn)

mim, sempre começam, basicamente, como histórias — histórias sobre gente.

SET — *Nos seus três filmes também sempre há alguém que, num momento crucial da ação, faz um grande sacrifício. Isso também é intencional?*

CAMERON — É. Para mim, o amor só pode ser comprovado pelo sacrifício. Este é o único modo de pôr o amor à prova. Não que eu queira dizer que, na vida real, apenas o sacrifício valide o amor. Mas, como cineasta, no momento em que conduzo uma narrativa, para mim o sacrifício é a melhor maneira de mostrar claramente a intensidade e a qualidade do amor entre os personagens.

SET — *Seus filmes também têm ênfase muito grande na tecnologia do cinema. No, por assim dizer,* hardware *de fazer um filme. Isso é prioridade para você?*

CAMERON — Não. Para mim, toda a criatividade está no texto, no roteiro, e essa é sempre a minha maior preocupação. Isso e a concepção visual, o desenho. O *hardware* tem que vir a serviço disso, e é muito frustrante quando, depois de um trabalho exaustivo, você descobre que ainda não existe tecnologia suficiente para você fazer aquilo que imaginou no roteiro e no desenho. Isso aconteceu comigo em *Aliens* e em *Abismo*, mas acho que são coisas com as quais apenas eu, que sou obcecado com isso, me frustro. Eu sempre acho que acabo fazendo concessões em excesso, por não seguir tudo que eu imaginei para o filme. Mas o público, evidentemente, não tem a menor noção do que estava no meu original.

SET — *Você fez três filmes baseados em terror:* Piranha 2, Exterminador do Futuro *e* Aliens; *e agora* Abismo, *mesmo com todo o suspense e ação, não dá sustos nas pessoas. Foi decisão pessoal sua?*

CAMERON — Acho que é muito fácil dar sustos nas pessoas. O vocabulário cinematográfico para se fazer isso está absolutamente estabelecido. Você pode fazer um filme de terror, hoje, no "piloto automático", por assim dizer. Existem tantos filmes que já nos mostraram, em detalhes, como assustar as pessoas que hoje isso é relativamente fácil, não é um grande desafio cinematográfico. Agora, tocar em outras emoções das pessoas é muito mais difícil. Para mim, pelo menos. E era isso que eu queria fazer, depois de ter passado esse tempo todo dando sustos no público.

SET — *E também fazê-lo pensar, talvez?*

CAMERON — Ah, sim, e até além... Creio que existe uma espécie de impulso religioso primordial nas pessoas, que as leva a desejar um contato com a maravilha misteriosa do universo. Nós, os seres humanos, somos exploradores natos, e essa é a chave do nosso sucesso como espécie. Nós queremos acreditar que há algo lá fora que é desconhecido e maravilhoso, algo diferente de nós, algo que nos atemoriza, algo que nos inspira. Nós não queremos crer que tudo o que existe é o que podemos ver ao nosso redor. Religião e ficção científica proporcionam essa mesma idéia de modos diferentes. Espero que as pessoas reflitam sobre isso a partir de meus filmes, porque isso é intencional de minha parte.

por Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Diário de Gothan.

SET CINEMA & VÍDEO

Filme do Homem morcego é roubado por Coringa.

O terrorista, farsante e assassino Coringa, deixou Batman no segundo plano em seu próprio filme. O ladrão roubou a cena do cavaleiro das trevas e acabou se transformando na maior atração da fita.

Saiba como aconteceu o maior roubo da história do cinema na revista SET.

E ainda: o lançamento do vídeo "A GRANDE ILUSÃO", Quadrinhos no cinema, Histórias de Nova York e as últimas novidades do cinema no mundo. SET.

A sua revista de cinema e vídeo.

JÁ NAS BANCAS

EDITORA AZUL

100 VÍDEOS FANTÁSTICOS

POLTERGEIST — O FENÔMENO

Entre os últimos lançamentos do sempre agitado mercado de vídeos de terror, fantasia e ficção científica, fizemos um apanhado dos melhores títulos, sempre com indicação de gênero e cotação. Às locadoras!

VideoArte

ALÉM DO CÉU AZUL

(The Blue Yonder, EUA, 1985)
Direção: Mark Rosman. Com Peter Coyote, Huckleberry Fox, Art Carney, Denis Lipscomb. Abril Vídeo.
Um garoto viaja no tempo para encontrar seu avô, um Leonardo da Vinci dos anos 20 que sonha ser o primeiro homem a cruzar o Atlântico num avião. Diversão infanto-juvenil na linha de *De Volta para o Futuro*. Também disponível em cópias dubladas.

ARLEQUIM

(Harlequin, Austrália, 1980)
Direção: Simon Wincer. Com Robert Powell, David Hemmings, Carmen Duncan, Broderick Crawford, Gus Mercurio. Herbert Richers.
Instigante *thriller* de horror psicológico. Um homem misterioso se aproxima da família de um político em ascensão — cura seu filho, que sofre de leucemia, seduz sua esposa e revela uma conspiração para transformá-lo no próximo presidente dos EUA.

ASSASSINOS DA RUA MORGUE

(The Murders in the Rue Morgue, EUA, 1986)
Direção: Jeannot Szwarc. Com George C. Scott, Rebecca DeMornay, Ian McShane. LMP.
Quarta versão do clássico conto homônimo de Edgard Allan Poe. Um misterioso e violento assassinato na rua Morgue abala Paris. E quem decide resolvê-lo é um velho detetive da polícia aposentado. Vale pelo elenco.

O BEBÊ DE ROSEMARY

(Rosemary's Baby, EUA, 1968)
Direção: Roman Polanski. Com Mia Farrow, John Cassavetes, Ruth Gordon, Sidney Blackmer. CIC.
Num clima de suspense e terror, em que não se define muito bem realidade e fantasia, Rosemary espera um filho. O terror é instaurado a partir de pequenos detalhes do cotidiano. Ela passa a ser sufocada por vizinhos, desprezada pelo marido e traída por seu médico. Pressionada, começa a acreditar que todas as pessoas, do médico ao próprio marido, fazem parte de uma grande conspiração que quer roubar seu filho. Polanski joga com seus temas prediletos: terror girando sobre um fato mais ou menos banal (a gravidez), ambientes fechados até a claustrofobia, um perigo sempre ligado à sexualidade, e a identificação do personagem com um crescente clima de paranóia. A consagração trazida pelo filme, baseado em uma novela de Ira Levin, que acabou ganhando uma seqüência feita para TV, transformou Polanski, por um curto período, no menino de ouro de Hollywood.

VideoArte

OS CAÇA-FANTASMAS

(Ghostbusters, EUA, 1984)
Direção: Ivan Reitman. Com Bill Murray, Dan Aykroyd, Harold Ramis, Sigourney Weaver, Rick Moranis. Columbia/LK-Tel.
Primeira comédia de horror multimilionária. Um trio de investigadores paranormais entra no negócio de caçar fantasmas e espíritos em Nova York — e, quem diria, encontra uma mina de ouro! Até que um demônio ancestral resolve dominar o mundo. Profusão de efeitos especiais. Gags hilárias. Trilha sonora de Ray Parker Jr.

O CEMITÉRIO

(The Graveyard, Inglaterra, 1974)
Direção: Don Chaffey. Com Lana Turner, Trevor Howard, Ralph Bates. DIV.
O melhor fica por conta do elenco. Turner é uma mulher sinistra que exerce forte domínio sobre seu filho, Bates. Muitos clichês.

CHERRY 2000

(EUA, 1987)
Direção: Steve de Jarnatt. Com Melanie Griffith, David Andrews, Ben Johnson. Globo Vídeo.
Melanie Griffith é a única *tracker* capaz de conduzir um homem através das terras devastadas, dominadas por gangues violentas, onde podem ser encontrados os raros modelos Cherry 2000, andróides femininas programadas para o prazer. Interessante ficção apocalíptica pós-*Mad Max*.

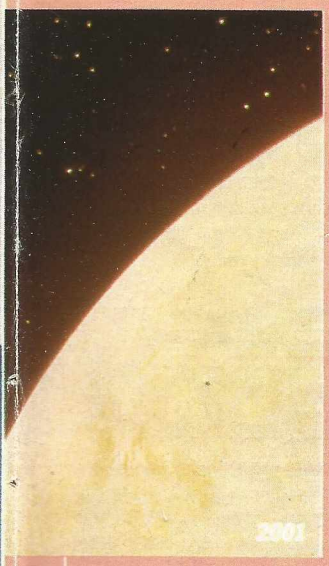
COM 007 SÓ SE VIVE DUAS VEZES

(You Only Live Twice, Inglaterra, 1967)
Direção: Lewis Gilbert. Com Sean Connery, Donald Pleasence, Akiko Wakabayashi, Tetsuro Tamba, Bernard Lee. Warner.
Primeira aparição do arquivilão Blofeld. O agente 007 combate a Spectre no Japão, para impedir que EUA e URSS iniciem a Terceira Guerra Mundial. Um dos mais fracos da série. Depois deste filme, Connery resolveu abandonar o papel.

COM 007 VIVA E DEIXE MORRER

(Live and Let Die, Inglaterra, 1973)
Direção: Guy Hamilton. Com Roger Moore, Yaphet Kotto, Jane Seymour. Warner.

OS CAÇA-FANTASMAS
LK-tel/Columbia



Fraca estréia de Roger Moore no papel de 007, enfrentando o dr. Kananga, primeiro-ministro da ilha de San Monique, no Caribe, envolvido com tráfico de drogas e vodu. Perseguições em lanchas dominam boa parte do filme, mas o melhor é mesmo a trilha, de Paul e Linda McCartney.

O CONDE DRÁCULA

(Scars of Dracula, Inglaterra, 1971)
Direção: Roy Ward Baker. Com Christopher Lee, Dennis Waterman, Jenny Hanley, Christopher Matthews. VTI.
Jovem casal se aventura nos domínios de Drácula em busca de seu irmão desaparecido. O último filme do famoso vampiro situado na Transilvânia do século passado e produzido pela Hammer.

CONVITE À MORTE

(The Legacy, EUA/Inglaterra, 1979)
Direção: Richard Marquand. Com Katharine Ross, Sam Elliott, John Standing, Roger Daltrey. Mundial Filmes.
Um casal vai parar numa mansão onde ocorrem misteriosas mortes e a reunião de uma seita satânica. Sem conseguir escapar, a mocinha (Ross, de *Butch Cassidy e Sundance Kid*) descobre que sua presença não é casual, mas parte de um elaborado plano, que premiará os sobreviventes com poderes sobrenaturais. Roteiro de Jimmy Sangster, diretor de *Luxúria de Vampiros* e *Um Grito na Noite*. Roger Daltrey, vocalista do grupo de rock The Who, faz uma ponta como um dos seguidores do diabo.

2001 — UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

(2001 — A Space Odyssey, EUA, 1968)
Direção: Stanley Kubrick. Com Keir Dullea, Gary Lockwood, William Sylvester. Video Arte.
Há um consenso de que o filme perde muito de seu impacto quando visto no vídeo. Mas isto não basta para abalar o seu status de uma das melhores ficções que o cinema já produziu. O filme foi feito com a intenção de gerar muitas interpretações, provocando mais perguntas do que respostas. Começa na Pré-História, onde atores maquiados como macacos — com assustadora perfeição — lutam entre si. E passa, através de uma das fusões mais clássicas do cinema, para a Conquista do Espaço. A história, baseada num conto de Arthur C. Clarke, se desdobra na descoberta de um monolito negro na Lua, e na viagem para Júpiter da nave Discovery (que acabou batizando um dos ônibus espaciais americanos), onde quase toda a tripulação é morta por um enlouquecido computador. O filme, que cedeu sua trilha para a transmissão do primeiro pouso na Lua, é também uma excepcional experiência visual e sonora. Uma obra-prima muito além do seu tempo.

O CRISTAL ENCANTADO

(The Dark Cristal, EUA, 1983)
Direção: Jim Henson, Frank Oz. VTI.
Mistura do universo mágicc de Tolkien e as fábulas dos irmãos Grimm, elaborada pela equipe dos Muppets, com imaginativo — e às vezes grotesco — elenco de bonecos encenando uma busca clássica: um pedaço perdido de um poderoso cristal negro precisa ser encontrado ou o mal tomará conta do mundo.

DELÍRIOS DE UM ANORMAL

(Brasil, 1978)
Direção: José Mojica Marins. Com José Mojica Marins, Jorge Peres, Magda Miller, Jaime Cortez. Mundial.
Um psiquiatra tem pesadelos recorrentes com Zé do Caixão. Eis a deixa para o diretor/ator/criador lançar na tela uma série de imagens, algumas, inclusive, passagens censuradas de seus filmes anteriores, todas de extremo sadismo. O falecido Jaime Cortez, aqui improvisado como ator, é mais conhecido por suas histórias em quadrinhos.

DO ALÉM

(From Beyond, EUA, 1986)
Direção: Stuart Gordon. Com Jeffrey Combs, Barbara Crampton, Ted Sorel. VTI.
Gordon utiliza o mesmo elenco e fórmula de *Re-Animator*, seu filme de estréia, novamente baseando-se num texto de H. P. Lovecraft. Um cientista pirado inventa uma máquina capaz de estimular a glândula pineal. Como resultado da experiência, ele se transforma numa criatura gosmenta e seu assistente vai parar no hospício. O detalhe é que este é apenas o início da história.

A FERA DEVE MORRER

(The Beast Must Die, Inglaterra, 1974)
Direção: Paul Annett. Com Calvin Lockhart, Peter Cushing. Globo Vídeo.

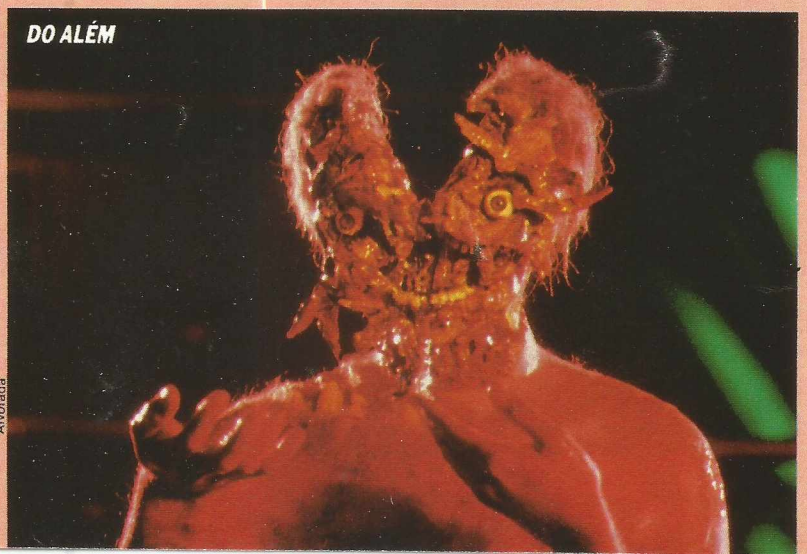
E.T. — O EXTRA-TERRESTRE

(E.T. — The Extra-Terrestrial, EUA, 1982)
Direção: Steven Spielberg. Com Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote, C. Thomas Howell. CIC.
O amor fraterno entre um garoto americano e um extra-terrestre perdido na Terra arrancou lágrimas de milhões de espectadores no mundo inteiro — foi visto por mais de 350 milhões de pessoas. A cena em que os heróis infantis voam sobre uma colina, com a Lua ao fundo, entrou para a história do cinema. Trata-se de uma autêntica fábula contemporânea, em que os vilões são os adultos, representados pelos cientistas da NASA, e os mocinhos são as puras criancinhas. O filme comove e encanta, com um apelo descarado às emoções infantis — a câmera se posiciona sempre à altura dos olhos de uma criança. Enquanto a maioria dos filmes de ficção se baseia em paranóias espetaculares, *E.T.* se concentra na amizade, em que a verdadeira estrela é o amável, assustado e saudoso E.T. O filme marcou profundamente a carreira de Spielberg, estigmatizando-o como um diretor juvenil. Oscar de trilha sonora (John Williams) e efeitos visuais.

CLASSIFICAÇÃO

- ●●● ÓTIMO
- ●● BOM
- ● REGULAR
- TERROR
- FICÇÃO
- FANTASIA
- ANIMAÇÃO
- AVENTURA
- SUSPENSE
- COMÉDIA
- POLICIAL
- DRAMA
- ERÓTICO
- MUSICAL

DO ALÉM



Alvorada

Novas variações sobre o tema lobisomem. Um milionário convida várias pessoas para sua mansão superequipada, com circuito interno de TV e computadores, para desmascarar um lobisomem. Peter Cushing está assustador e excelente, como sempre.

OS FILHOS DO MEDO

(The Brood, Canadá, 1979)
Direção: David Cronenberg. Com Oliver Reed, Samantha Eggar, Art Hindle, Cindy Hinds. Top Tape.
Cronenberg (*A Mosca, Videodrome, Scanners*), especialista em mutações biológicas repulsivas, ataca novamente. Neste filme grotesco, Samantha Eggar vive uma paciente sob os cuidados de um psiquiatra bizarro (interpretado por Oliver Reed). Ela dá à luz crianças estranhas que assassinam diversas pessoas, inclusive os próprios pais.

Top Tape

EXCALIBUR

(Inglaterra, 1981)
Direção: John Boorman. Com Nicol Williamson, Nigel Terry, Helen Mirren, Nicholas Clay. Warner.
Boorman partiu de um livro de sir Thomas Malory, o primeiro a compilar, no séc. 15, as lendas do rei Arthur. Esse universo lendário é recriado com imagens de beleza e magia. O centro da história é o mago Merlim, aquele que torna possível o nascimento de Arthur e que o orienta para ser um rei justo e pacificador. Mas nem tudo é paz neste épico, graças à presença malévola de Morgane Le Fey, meia-irmã de Arthur e discípula de Merlim. O filme narra uma versão bastante completa do ciclo arthuriano, do nascimento de Arthur à sua morte, passando pela espada mágica Excalibur, os cavaleiros da Távola Redonda, Camelot, o amor de Guinevere e sua traição com sir Lancelot, a procura do Santo Graal, e o ódio de seu filho bastardo, Modred. Um espetáculo inesquecível.

OS FANTASMAS SE DIVERTEM

(Beetlejuice, EUA, 1988)
Direção: Tim Burton. Com Michael Keaton, Alec Baldwin, Geena Davis, Winona Ryder. Warner.
Numa inversão dos típicos contos de assombração, um casal de simpáticos fantasminhas suburbanos começa a ter problemas quando uma estridente família pós-moderna se muda para sua casa. Ainda inexperientes e sem obter ajuda junto à burocracia do Além, o casal apela para Betelgeuse, um tresloucado fantasma *free-lancer*, especialista em caretas e comportamento infernal. Mal sabem eles que estão se metendo em uma grande confusão. Essa comédia — de orçamento modesto — foi a grande sensação do verão americano de 1988, projetando o quase desconhecido diretor Tim Burton ao estrelato (seu próximo filme foi *Batman*). A criatividade está tanto na trucagem das marionetes — Burton começou como diretor de desenho animado — quanto no insólito de cenas como a do jantar, em que os convidados são "possuídos" por Harry Belafonte e começam a cantar e dançar o calipso "Banana Boat Song". Vencedor do Oscar de melhor maquiagem.

FIREFOX — A RAPOSA DE FOGO

(Firefox, EUA, 1982)
Direção: Clint Eastwood. Com Clint Eastwood, Freddie Jones, David Huffman, Warren Clarke, Ronald Lacey, Stephan Schnabel. Warner.
Clint Eastwood é um espião americano que vai à URSS roubar o mais avançado supersônico do planeta, capaz de disparar mísseis com um simples pensamento. O filme começa como uma aventura de 007, com um pouco mais de suspense, e termina com acrobacias aéreas à *Top Gun*.

FLASH GORDON CONQUISTA O UNIVERSO

(Flash Gordon Conquers the Universe, EUA, 1940)
Direção: Ford Beebe, Ray Taylor. Com Buster Crabbe, Carol Hughes, Charles Middleton, Frank Shannon. Master.
Terceiro e último seriado de aventura do personagem dos quadrinhos Flash Gordon. Flash, Dale e Zarkov descobrem um novo plano de Ming para controlar a Terra — o raio da morte púrpura — e retornam mais uma vez ao planeta Mongo. O mais fraco da trilogia, mesmo assim uma diversão histórica.

GUERRA DOS MUNDOS — A RESSURREIÇÃO

(War of the Worlds — The Resurrection, EUA, 1988)
Direção: Colin Chilvers. Com Jared Martin, Lynda Mason Green, Philip Akin, Richard Chaves. CIC.
Pretensa continuação do clássico de H. G. Wells (filmado em 1953), piloto de uma série para TV. O título pode atrair o consumidor incauto. A função desta resenha é justamente evitar que isto aconteça. Não perca seu tempo.

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS III

(Amazing Stories, EUA, 1986)
Direção: Joe Dante, Robert Stephens, Tom Holland. Com Hayley Mills, Stephen Geoffreys, Dennis Lipscomb, Mary Ellen Trainor, Kristen Vigard, Jon Cryer, Joan Willette, Jeffrey McDowell. CIC.
Três episódios da série de TV idealizada por Spielberg como um evento histórico. Um vídeo-sonho, reunindo cineastas e atores do primeiro time, numa tentativa de capturar o espírito de teleséries clássicas como *Além da Imaginação* e *5.ª Dimensão* — numa recente votação, críticos e fãs-clubes americanos elegeram esse esforço como a 6.ª melhor série de ficção para TV de todos os tempos. O primeiro episódio, do diretor de *Gremlins*, apresenta um simpático bicho-papão que devora a casa de uma irritada mamãe. O segundo, fraco, trata de um garoto cuja família é alienígena. E o último e melhor, do diretor de *A Hora do Espanto*, traz uma divertida descoberta, um produto capaz de dar vida às fotografias, que cai nas mãos de um adolescente tarado. Péssima legendagem em toda a série.

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS IV

(Amazing Stories, EUA, 1986)
Direção: Brad Bird, Thomas Carter, Matthew Robbins. Com Joe Seneca, Lone Smith, John Scott Cloah, Lisa Persky. CIC.
Os episódios mais divertidos. O primeiro é um desenho animado sobre um cachorrinho que passa o inferno nas mãos de uma família. Curiosidade: o designer de animação é Tim Burton, um especialista em desenhos que acabou virando um diretor de sucessos (*Batman, Os Fantasmas se Divertem*). O destoante segundo episódio apresenta a fraca história de um homem em coma há 40 anos, que retorna à vida para salvar uma garotinha. E, no último, o gostosão da escola passa a atrair objetos metálicos, vítima de um meteoro que caiu em seu quarto, criando situações engraçadíssimas.

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS V

(Amazing Stories, EUA, 1986)
Direção: Philip Joanou, Mick Garris, Todd Holland. Com John Lithgow, Patrick Swayze, Hector Elizondo, David Carradine, Kyra Sedgwick. CIC.
No primeiro episódio, num drama nada sobrenatural dirigido pelo jovem Joanou (do musical *U2 — Rattle and Hum*), um homem solitário encontra companhia numa boneca. No segundo, um assassino condenado à cadeira elétrica ganha poderes miraculosos. E, no último, uma adolescente e seu padrasto descobrem que seu poço d'água é habitado por criaturas misteriosas, ávidas por comida e cheias de ouro.

Warner

Histórias nem tão maravilhosas assim.

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS VI

(Amazing Stories, EUA, 1986). Direção: Martin Scorsese, Paul Michael Glaser, Donald Petrie. Com Sam Waterston, Helen Shaver, Max Gail, Kate McNeil, Sid Caesar. CIC.
No primeiro episódio, um escritor de histórias de terror começa a ver monstros em espelhos. No segundo, um policial ganha como companheira uma loirinha fantasma. E, para fechar a coletânea, um mágico em decadência encontra um baralho de cartas voadoras. Tudo tão fraco quanto parece, inclusive o episódio dirigido por Scorsese.

A HORA DO PESADELO II

(Nightmare on Elm Street Part 2: Freddy's Revenge, EUA, 1987) Direção: Jack Sholder. Com Robert Englund, Mark Patton, Clu Gulager. Warner.
O primeiro subproduto a tentar repetir o sucesso de Craven. A história foge completamente ao conceito original. Freddy é retratado como um demônio que possui um adolescente para poder realizar seus crimes hediondos. Os fãs vão encontrar pelo menos uma curiosidade: o ator Robert Englund, que interpreta Freddy, sem maquiagem na cena final.

A HORA DO PESADELO

(A Nightmare on Elm Street, EUA, 1985) Direção: Wes Craven. Com John Saxon, Heather Lagenkamp, Robert Englund. Warner.
Adolescentes da rua Elm descobrem estar tendo o mesmo sonho com um homem desfigurado, de chapéu e roupas imundas e garras de metal: Freddy Krueger, um molestador de crianças queimado até a morte, há anos, pelos familiares dos jovens que agora são assassinados em pesadelos fatais. Suas técnicas são desconcertantes. O humor negro de Freddy lhe permite cortar o próprio dedo apenas para atormentar uma vítima. O filme acabou gerando cinco seqüências e uma série de TV, transformando o monstro-vilão em ídolo da garotada. O mérito da criação cabe ao veterano diretor Wes Craven, que conseguiu, com um pequeno orçamento, realizar um dos horrores mais significativos da década — misturando massacres tipicamente B, de filmes como *Sexta-Feira 13*, e o acabamento de produções ambiciosas como *Poltergeist*. Nenhuma das seqüências conseguiu sequer chegar perto do original. A melhorzinha, *Pesadelo III*, não por coincidência, foi co-roteirizada por Craven.

A HORA DO PESADELO — O TERROR DE FREDDY KRUEGER I

(Freddy's Nightmares. A Nightmare on Elm Street: The Series, EUA, 1988) Direção: Tobe Hooper, Tom McLoughlin. Com Robert Englund, William Frankfather, Ian Willians, Lar Park Lincoln, John Mitchell. Herbert Richers.
O sucesso de *A Hora do Pesadelo* inspirou essa série de TV americana, em que Freddy Krueger banca o anfitrião de histórias de horror envolvendo adolescentes. O primeiro episódio ainda tem ligação com a série do cinema, mostrando como Freddy foi queimado vivo pelos moradores de Elm Street. No segundo, um garoto que trabalha à noite numa lanchonete começa a ver fantasmas, e, então, inexplicavelmente, a história muda de maneira drástica e gratuita — regra em todos os episódios da série —, passando a enfocar o terror de sua namorada num hospital sinistro.

A HORA DO PESADELO: O TERROR DE FREDDY KRUEGER II

(Freddy's Nightmares — A Nightmare on Elm Street: The Series, EUA, 1988) Direção: Ken Wiederhorn, Mick Garris. Com Robert Englund, Mariska Hargtay, Darren Dalton, Daniel McDonald, Yvette Nipar, Lori Petty, Kane Picoy. Herbert Richers.
Mais dois episódios da série. Para "variar", muito fracos. No primeiro, Freddy afia suas garras nos pesadelos de uma garota. No segundo, um atleta é vítima de um talismã amaldiçoado.

Warner

A HORA DO PESADELO — O TERROR DE FREDDY KRUEGER III

(Freddy's Nightmares — A Nightmare on Elm Street: The Series, EUA, 1988) Direção: Ken Wilderhorni, Michael Lange. Com Robert Englund, Hili Park, Gry Park, Anne Curry, Byron Thames, Jill Whithlow, Elizabeth Savage. Herbert Richers.
As filhas gêmeas do homem que matou Freddy, no primeiro vídeo da série, passam a ter pesadelos... — e você sabe o que acontece a seguir. No segundo episódio, um garoto sonha que mata o padrasto, mas acaba, ele mesmo, sendo vítima de um acidente. O mais "terrível" é que a história não termina por aí, ela passa a abordar a vida de um radialista. Roteiro muito, muito confuso.

A HORA DO PESADELO — O TERROR DE FREDDY KRUEGER IV

(Freddy's Nightmares. A Nightmare on Elm Street: The Series, EUA, 1988) Direção: Tom de Simone, Lisa Gottlieb. Com Robert Englund, Siobhan E. McCafferty, John Demita, Susan Oliver, Shari Shattuck, Scott Burkholder, Joyce Hyser. Herbert Richers.
Freddy apresenta mais duas histórias de horror. Na primeira, uma dona de casa vê seu sonho de ganhar uma

O ILUMINADO

(The Shining, EUA, 1980) Direção: Stanley Kubrick. Com Jack Nicholson, Shelley Duvall, Scatman Crothers. Warner.
O filme que consagrou as caretas ensandecidas de Jack Nicholson. Tudo porque ele aceita trabalhar como zelador de um grande e isolado hotel, daqueles que fecham no inverno, levando a esposa e o filho. A solidão começa a mexer com sua mente, dando início a uma série de eventos inexplicáveis que o conduzem a extremos, num jogo de sangue, facas e fantasmas. O ator, especialista em papéis de psicopata (chegou a ganhar o Oscar por sua interpretação como o louco consciente de *O Estranho no Ninho*), abusou o quanto pôde, babando mesmo, o que irritou a crítica especializada. Stephen King, o autor da história, repudiou o filme. Mas Kubrick não fez um filme de terror banal, como os textos de King, que não exigem nada além de sustos, suor, gritos e um frio na espinha. *O Iluminado* é uma obra-prima.

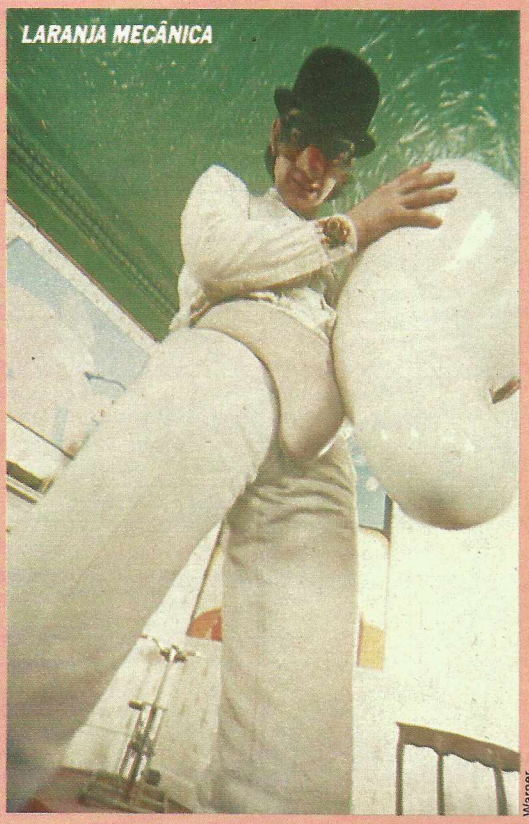
fortuna realizado, porém esse prêmio traz conseqüências malignas. Na segunda, um rapaz pobre descobre a garota de seus sonhos através de um serviço de encontros, mas, claro, nada é o que parece. A história, porém, como de costume, muda totalmente na metade do episódio, e a ação passa a se concentrar na amiga da tal garota, que realiza uma operação plástica diabólica.

JACK, O ESTRIPADOR

(Jack, the Ripper, EUA/Inglaterra, 1988)
Direção: David Wickes. Com Michael Caine, Armando Assante, Jane Seymour. Herbert Richers.
A história é famosa. Um psicopata retalha prostitutas na pobre East End londrina na era vitoriana — um caso que até Sherlock Holmes, na ficção, foi chamado a resolver. Esta co-produção das TVs britânica e americana pretende revelar a verdadeira identidade do criminoso. Segundo os produtores, a própria Scotland Yard teria aberto seus arquivos especialmente para essa gravação. Os investigadores do vídeo, ao menos, trabalharam de fato no caso: o inspetor Abberline (Caine, perfeito) e seu fiel assistente sargento Godley. Mas o mais curioso é a relação apontada entre o assassino e a célebre experiência do dr. Jekyll. Uma das melhores abordagens do tema.

LARANJA MECÂNICA

(A Clockwork Orange, Inglaterra, 1971)
Direção: Stanley Kubrick. Com Malcolm McDowell, Patrick Magee, Michael Bates. Warner.
Sombria visão de um futuro não muito distante dominado pela violência das gangues juvenis. O protagonista, Alex, vigorosamente interpretado por McDowell, é o líder de uma gangue de desordeiros que passa as noites bebendo leite drogado, estuprando mulheres e espancando velhos. A vívida adaptação de Kubrick da novela de Anthony Burgess foi muito forte para alguns estômagos, em 1971, e continua potente ainda hoje. A violência é mostrada sob seu aspecto mais chocante: é gratuita, injustificável e expressa um sadismo doentio. Contudo, a violência individual sequer se compara à violência do Estado. Quando Alex é preso, as instituições revelam sua face mais terrível, submetendo-o a um experimento behaviorista, que faz com que agressões e sexo lhe provoquem vômitos. Algumas cenas, como o estupro ao som de "Cantando na Chuva", e a admiração de Alex por Beethoven, desconcertam o telespectador de maneira contundente. O filme ficou proibido durante anos no Brasil, e só foi liberado, mais tarde, censurado por bolinhas saltitantes que ficaram célebres.



Warner

Warner

MAD MAX II

(Austrália, 1981)
Direção: George Miller. Com Mel Gibson, Bruce Spence, Vernon Wells. Warner.
O melhor filme da série estrelada pelo principal herói do cinema australiano. Anos após a morte de sua esposa e filha, num mundo em que a gasolina se tornou mais valiosa que uma vida e a munição, escassa, Max continua sua luta solitária. Relutante, ele acaba auxiliando uma pequena comunidade produtora de gasolina a se defender de um bando de motoqueiros sádicos, sedentos de seu precioso combustível. No combate entre as facções, não falta violência. O *look* punk-apocalíptico das filmagens virou escola e influenciou toda uma série de pesadelos futuristas. Mas o principal é que o filme possui algumas das melhores cenas de perseguição e destruição de carros já filmadas.

KRULL

(Krull, EUA, 1983)
Direção: Peter Yates. Com Ken Marshall, Lysette Anthony, Freddie Jones. Columbia/LK-Tel.
No planeta Krull, um jovem herói luta contra as forças do mal para salvar sua dama e seu reino. Recruta um exército *brancaleone* e inicia a busca de um ornamento mágico. Ficção futurista que lembra um conto de fadas.

O MÁGICO DE OZ

(The Wizard of Oz, EUA, 1939)
Direção: Victor Fleming. Com Judy Garland, Bert Lahr, Frank Morgan, Ray Bolger. Vídeo Arte.
Genuíno clássico americano, baseado nos contos de Lyman Frank Baum, sobre uma garota que sonha ir além do arco-íris e tem seu desejo realizado. Esta fantasia, que já faz parte do imaginário infantil, materializou imagens inesquecíveis como a estrada de tijolinhos amarelos que leva ao reino de Oz e os personagens que a pequena menina Dorothy, acompanhada por seu cachorrinho, encontra pelo caminho — um leão covarde que quer ser corajoso, um espantalho que quer se tornar inteligente e um homem de lata que quer ter coração. Juntos, eles partem em busca do maravilhoso mágico que pode realizar os seus desejos. O filme ganhou Oscar de melhor canção, "Over the Rainbow", de Harold Arlen e E.Y. Harburg, e melhor atriz, para a estreante Judy Garland, então com 16 anos.

MAGIA NEGRA

(Magic, EUA, 1978)
Direção: Richard Attenborough. Com Anthony Hopkins, Ann-Margret, Burgess Meredith, Ed Lauter. F.J. Lucas.
Nova versão (filmada pelo diretor de *Ghandi*) do conto de William Goldman, sobre um ventríloquo dominado por seu boneco — a história já foi filmada na clássica coletânea britânica *Dead of Night*. Passou no cinema como *Um Passe de Mágica*.

MARTIN

(EUA, 1978)
Direção: George A. Romero. Com John Amplas, Lincoln

Maazel, Christine Forrest, Elyane Nadeau, Tom Savini, Sarah Venable, George A. Romero. L.M.P.
Um garoto de 17 anos pensa ser um vampiro — na falta de presas, utiliza navalhas e seringas para sugar o sangue de suas vítimas — e, graças a telefonemas para um programa de rádio noturno, se torna uma espécie de celebridade. Filme intrigante que mistura sátira social com o excesso de sangue típico dos trabalhos de Romero.

MAXIE

(EUA, 1985)
Direção: Paul Aaron. Com Glenn Close, Mandy Patinkin, Ruth Gordon. Columbia/LK-Tel.
O fantasma de uma atriz do cinema mudo encarna numa mulher dos anos 80, transformando totalmente sua personalidade, para desespero do marido. Comédia à antiga, na qual o destaque é a interpretação de Glenn Close. Curiosidade: a "verdadeira" Maxie, que aparece num autêntico filme mudo, é a atriz Carole Lombard.

O MÁGICO DE OZ

A MALDIÇÃO DOS MORTOS-VIVOS

(The Serpent and the Rainbow, EUA, 1988)
Direção: Wes Craven. Com Bill Pullman, Cathy Tyson, Zakes Mokae. CIC.
Baseado em fatos verídicos, narrados no livro *A Serpente e o Arco-íris*, do antropólogo Wade Davis. Um antropólogo vai ao Haiti em busca de uma droga capaz de causar a catalepsia — e, talvez, transformar pessoas em zumbis. Mas, apesar de contar com a ajuda de uma bela psiquiatra (Tyson, de *Mona Lisa*), acaba se enredando com feitiçaria e os Ton Ton Macoute, a polícia sanguinária do ditador Baby Doc. Ao contrário da fantasia aterradora de seus filmes anteriores (*Pesadelo em Elm Street, Aniversário Macabro*), Craven mergulhou em uma história de horrores... verdadeiros.

O MÉDICO E A IRMÃ MONSTRO

(Doctor Jekyll and Sister Hyde, Inglaterra, 1971)
Direção: Roy Ward Baker. Com Ralph Bates, Martine Beswick. VTI.
Após inúmeras versões cinematográficas, baseadas no romance de Robert Louis Stevenson, esta produção da Hammer introduz uma variação inusitada: dr. Jekyll, pesquisando o elixir da vida através de hormônios femininos, transforma-se em mulher. E, para continuar com suas pesquisas, é obrigado a praticar assassinatos de prostitutas na madrugada — a referência a *Jack, o Estripador*, é explícita. A semelhança entre os atores Bates e Baswick é assombrosa.

MEU DOCE VAMPIRO

(I Was a Teenage Vampire, EUA, 1987)
Direção: Jimmy Huston. Com Robert Sean Leonard, Chery Pollak, David Warner, Cecília Peck. Hipervídeo.
Um tímido adolescente é seduzido por uma voluptuosa vampira e começa a se sentir ligeiramente indisposto — precisa usar óculos escuros durante o dia, repugna pizza de alho, não é refletido em espelhos e sente uma terrível atração por sangue de porco. Mas o pior de tudo é a paranóia de ser seguido por um cientista que quer enfiar uma estaca em seu coração. Sua única chance de salvação está num livro, presenteado por um desconhecido: um guia prático para vampiros urbanos. Sim, trata-se de uma comédia.

O MILAGRE VEIO DO ESPAÇO

(Batteries Hot Included, EUA, 1987)
Direção: Matthew Robbins. Com Hume Cronyn, Jessica Tandy. CIC.
Os últimos moradores de um prédio resistem às pressões de despejo de um inescrupuloso empresário. Mas somente um milagre poderia ajudá-los a permanecerem em seus lares. E ele vem sob a forma de uma família de pequeninos e simpáticos discos voadores. Previsível e melosa fábula bem produzida por Spielberg.

MARY POPPINS

(EUA, 1964)
Direção: Robert Stevenson. Com Julie Andrews, Dick Van Dyke, David Tomlinson, Glynis Johns, Karen Dotrice, Matthew Garber. Abril Vídeo.
Deliciosa fantasia dos Estúdios Disney, baseada no livro de P.L. Travers, sobre uma babá "praticamente perfeita", inclusive com poderes mágicos, que traz profundas mudanças à vida de uma típica família britânica do início do século. Andrews (*A Noviça Rebelde*), em sua estréia cinematográfica, também está "praticamente perfeita" no papel principal — acabou ganhando o Oscar de melhor atriz. O filme ainda ganhou os Oscar de efeitos visuais — o realismo obtido em sua combinação de desenho animado e atores de carne e osso só foi superado recentemente em *Roger Rabbit* —, montagem e melhor canção. Um filme imaginativo, a que todas as crianças devem assistir e que não vai entediar os adultos.

A MALDIÇÃO DOS MORTOS-VIVOS

CIC

1984

(1984, Inglaterra, 1984)
Direção: Michael Radford. Com John Hurt, Suzanna Hamilton, Richard Burton. Top Tape.
Provocativa versão cinematográfica da novela de George Orwell sobre um mundo sinistro, em que a liberdade é vigiada, o sexo proibido, o trabalho incessante, a guerra permanente, a história reescrita a cada instante, e todos vivem sob a vigilância do "Big Brother", um intrincado sistema de vídeo repressor. Hurt interpreta um burocrata que, ilegalmente, se apaixona e cai prisioneiro do Estado, materializado na figura de Burton — excelente em seu último filme —, um oficial que até parece humano, enquanto utiliza o rosto de suas vítimas para alimentar ratos. O brilho opressivo do filme é obtido por meio de uma fotografia granulada e esfumaçada, e de um *design* futurista antiquado. Orwell quis, com seu livro, fazer uma crítica ao stalinismo. Acabou criando, como o filme atesta, uma aterradora obra profética.

MOMO E O SENHOR DO TEMPO

(Momo, Itália/Alemanha, 1986)
Direção: Johannes Schaaf. Com Radost Bockel, Bruno Stori, Leopoldo Trieste, John Huston, Mario Adorf. F.J. Lucas.
Uma comunidade alegre se vê ameaçada pela presença de sinistros homens-cinza, que estão roubando o tempo de vida de seus habitantes. A única pessoa que pode impedi-los é uma órfã chamada Momo. Nesta luta, ela conta com o auxílio do místico sr. Hora, o último papel vivido por John Huston. Fábula infantil de Michael Ende, autor de *A História Sem Fim*, com belo visual.

O MONSTRO HUMANO

(The Human Monster, Inglaterra, 1940)
Direção: Walter Summers. Com Bela Lugosi, Hugh Williams, Greta Gynt, Edmond Ryan. Hollywood Classics.
Lugosi interpreta um corretor de seguros que enriquece através do assassinato de seus clientes. Seu elaborado plano criminoso envolve uma instituição de cegos como fachada. Baseado num conto de Edgar Wallace.

MULHER NOTA 1 000

(Weird Science, EUA, 1985)
Direção: John Hughes. Com Anthony Michael Hall, Kelly LeBrock, Ilan Mitchell-Smith, Bill Paxton. CIC.
Dois garotos usam computadores para conjurar a mulher de seus sonhos. O resultado é a *sexy* LeBrock (*A Dama de Vermelho*) e muita confusão. O diretor é um especialista em comédias adolescentes. Trilha sonora gravada pelo grupo Oingo Boingo.

NATAL DIABÓLICO

(Christmas Evil, EUA, 1980)
Direção: Lewis Jackson. Com Brandon Maggat, Jeffrey De Munn, Diane Hull, Brian Nevelle. Macvídeo.
Um psicótico vestido de Papai Noel sai pelas ruas distribuindo presentes para os bons meninos e machadadas para os maus. A carnificina de praxe só é salva pelo humor negro.

OUTLAND — COMANDO TITÂNIO

(Outland, EUA, 1981)
Direção: Peter Hyams. Com Sean Connery, Peter Boyle, Frances Sternhagen. Warner.
Uma onda de suicídios violentos abala os mineiros da terceira lua de Júpiter, no século 21. Sean Connery interpreta o delegado que tenta solucionar o mistério. As pistas acabam indicando uma conexão com o tráfico de drogas pesadas e revelando a existência de corrupção na própria divisão policial. O filme combina os tradicionais gêneros policial e western numa ousada tradução futurista, com direito, inclusive, a duelo final, nos moldes do clássico *Matar ou Morrer*. Os efeitos especiais evocam com perfeição os detalhes do meio ambiente e os rigores do trabalho no espaço. O filme acabou ganhando uma adaptação em quadrinhos, por Jim Steranko, um dos mais conceituados artistas da área.

OPERAÇÃO JÚPITER

(Operation Gaynimed, Alemanha, 1978)
Direção: Rainer Erler. Com Horst Frank, Dieter Laser, Jürgen Prochnow. Megavídeo.
Após anos no espaço, os últimos cinco sobreviventes do vôo espacial a Júpiter retornam à Terra. Entretanto, não há ninguém a sua espera. Eles só encontram o deserto, estradas abandonadas e cidades-fantasmas. O desespero, a fome e a sede se tornam mortais. Ficção em clima de *thriller* psicológico.

PARASITA

(Parasite, EUA/Itália, 1982)
Direção: Charles Band. Com Robert Glaudine, Demi Moore, Luca Bercovici, Patricia Welles, James Davidson. Office.
Filme Z dirigido pelo chefe da Empire (produtora de *Re-Animator* e *Do Além*). Numa cidadezinha do interior americano, um cientista fugitivo procura destruir um parasita que ele próprio criou, e do qual é hospedeiro. O curioso é ver Demi Moore, atriz de filmes *yuppies*, num dos papéis principais.

OS PÁSSAROS

(The Birds, EUA, 1963)
Direção: Alfred Hitchcock. Com Rod Taylor, Tippi Hedren, Jessica Tandy, Suzanne Pleshette, Veronica Cartwright. CIC.
Clássico de Hitchcock sobre uma mulher, Melanie Daniels, e o ataque massivo de pássaros que acontece após suas chegada a uma isolada comunidade na Califórnia. A antológica cena da chegada na propriedade do jovem que ela conheceu numa loja de animais, em San Francisco, ganhou dezesseis páginas na revista *Cahiers du Cinéma* (templo da crítica francesa), enriquecidas com gráficos e fotogramas das oitenta e quatro tomadas que compõem a seqüência. O filme foi precursor do gênero catástrofe e de uma verdadeira onda de filmes envolvendo ataques de animais. A modelo Tippi Hedren, estreando no cinema, curiosamente interpreta um personagem que tem o mesmo nome de sua filha — é ela a atriz Melanie Griffith. A história, baseada no livro de Daphne du Maurier, também pode ser encarada como uma parábola sobre o Juízo Final e apresenta um dos desfechos mais controvertidos de Hitchcock.

POLTERGEIST — O FENÔMENO

(Poltergeist, EUA, 1982)
Direção: Tobe Hooper. Com Craig T. Nelson, JoBeth Williams, Heather O'Rourke. Vídeo Arte.
Famosa parceria entre o sanguinário diretor de *O Massacre da Serra Elétrica* e o mago do novo cinema infantil, Spielberg, que produziu e ajudou a escrever o roteiro. *Poltergeist*, que significa espírito brincalhão, em alemão, é a história de uma família bem-sucedida, que se muda para um bairro onde antes havia um cemitério, fato ocultado pelo inescrupuloso dono da imobiliária. Revoltados, os espíritos raptam a filha caçula para o seu mundo escuro, desencadeando uma horripilante sucessão de aparições, monstruosidades e sustos, que se sucedem como numa montanha-russa, graças à trucagem da Industrial Light and Magic, a empresa de efeitos especiais de George Lucas. O sucesso do filme inspirou duas seqüências, uma pior do que a outra e ambas ligadas à mesma maldição — após cada filmagem, ao menos um ator morreu.

PATRULHEIROS DO ESPAÇO

(Zone Troopers, EUA, 1985)
Direção: Danny Bilson. Com Tim Thomerson, Timothy Van Patten, Art La Fleur. VTI.
Alienígenas desembarcam em plena Segunda Guerra Mundial e tomam o partido de quatro heróis americanos, sobreviventes de um massacre promovido pelos nazistas. Ficção engraçadinha da Empire, com trilha sonora chupada de *O Retorno de Jedi* e todos os clichês inevitáveis do cinema B.

O PESADELO DO SÉCULO

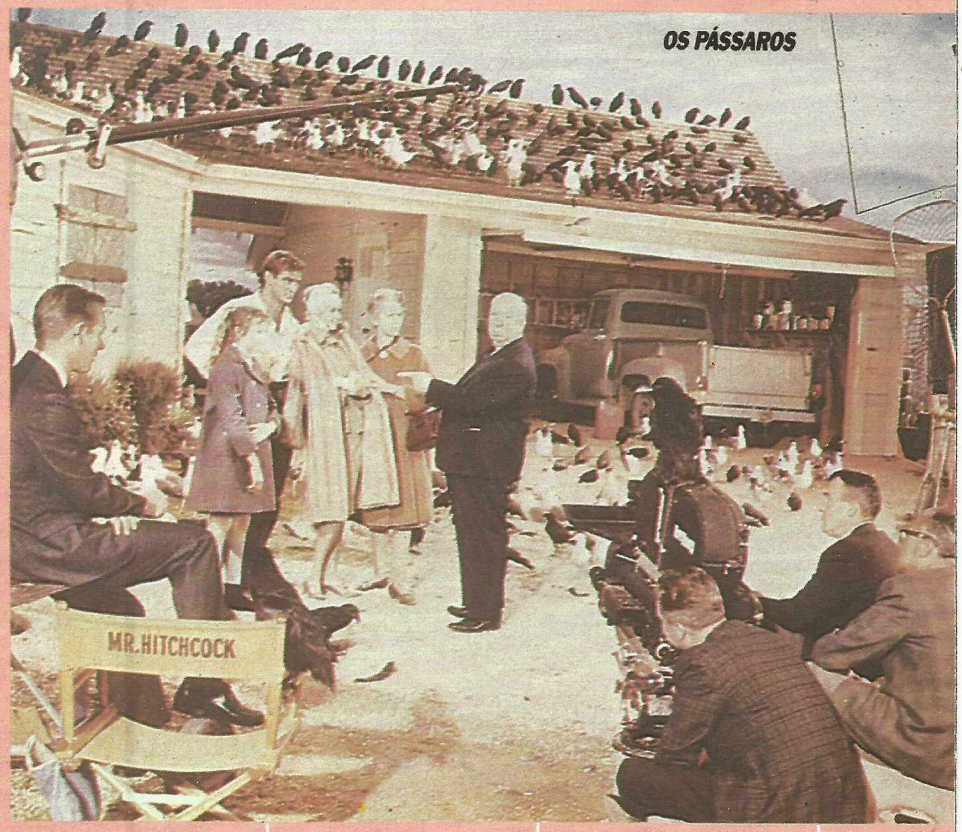
(Control, Itália, 1988)
Direção: Giuliano Montaldo. Com Burt Lancaster, Ben Gazzara, Erland Josephson, Andrea Ferreol, Ingrid Thulin. Look.
Quinze voluntários testam um abrigo nuclear, quando, de repente, recebem a informação de que um míssel atômico carrega várias ogivas em direção às principais cidades do mundo. A discussão sobre permitir ou não a entrada de outras pessoas no abrigo precipita um drama psicológico de conseqüências trágicas. O elenco de veteranos sustenta o roteiro, um pouco previsível.

PLANETA DOS VAMPIROS

(Planet of the Vampires, EUA/Itália, 1965)
Direção: Mario Bava. Com Barry Sulivan, Norma Bengell. Columbia/LK-Tel.
Filme Z realizado pela produtora de Roger Corman nos anos 60 e dirigido por um especialista em terror *spaghetti*, Mario Bava (pai de Lamberto Bava, diretor de *Demônios*). Duas naves caem num planeta lúgubre e seus tripulantes são dominados por parasitas alienígenas. A atriz principal — acreditem! — é Norma Bengell.

PLANETA FANTÁSTICO

(Fantastic Planet, França/Tchecoslováquia, 1973)
Direção: René Laloux. Animação: Roland Topor. Canal 3.
Desenho que apresenta um mundo dominado pelos gigantes Drogs, seres evoluídos tecnologicamente, que se dedicam à meditação, e que transformaram os selvagens Oms — últimos sobreviventes do planeta Terra — em bichinhos domésticos. O filme recebeu o Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes em 1973.



PODERES ERÓTICOS

(Wicked City, Japão, 1987)
Direção: Yoshiaki Kawajiri. Obra: Hideyuki Kikuchi. Produção: Tadao Masumiau e Kosuke Kurt. Top Tape.
Terror e erotismo em desenho futurista japonês. A longa guerra entre a humanidade e os seres do lado obscuro se aproxima do término. Mas uma facção radical de criaturas das trevas decide impedir a paz, ameaçando a vida de um líder dos demônios. Para evitar que os seres maléficos cumpram seu intento, um agente humano e uma *sexy* demoniazinha, capaz de transformar suas unhas em raios lasers mortais, unem-se como guarda-costas. A arte é estonteante.

POPEYE

(EUA, 1980)
Direção: Robert Altman. Com Robin Williams, Shelley Duval, Ray Walston, Paul Smith. Abril Vídeo.
Altman baseou este controvertido musical no Popeye pouco conhecido das tiras em quadrinhos do final dos anos 20 e não no personagem que ficou famoso nos desenhos animados. O marinheiro Popeye, encarnado com perfeição por Robin Williams *(Bom Dia, Vietnã!)*, com braços muito grossos e todos os tiques, está à procura do pai, quando conhece Olivia Oyl (o tradutor esqueceu que o sobrenome do popular personagem, aqui no Brasil, é Palito), interpretada de maneira ainda mais convincente por Shelley Duval *(O Iluminado)*. Depois de algum tempo, Popeye adota um bebê e começa a lutar com Brutus. Espinafre, entretanto, só na cena final. Crianças que esperam muita ação podem ficar desapontadas, mas os adultos, sem dúvida, acharão a estilização dos personagens encantadora. Roteiro do cartunista Jules Pfeuffer.

O PROGRAMA FINAL

(The Final Programme, Inglaterra, 1973)
Direção: Robert Fuest. Com John Finch, Jenny Runacre, Sterling Haydem. VTI.
No futuro, quando o mundo agoniza com a guerra e a fome, um grupo de cientistas realiza uma experiência para criar um novo messias. O roteiro nonsense vagueia entre humor negro e surrealismo.

O RAPTO DE ST. ANNE

(The Abduction of Saint Anne, EUA, 1975)
Direção: Harry Falk. Com Robert Wagner, E. G. Marshall, Kathleen Quinlan. Fox Home Vídeo.
Intrigante combinação de história de detetive e drama religioso. A Igreja quer descobrir se a jovem Anne, filha de um gângster, é realmente uma santa ou uma farsa e contrata um cínico detetive para raptá-la. Feito para TV.

O RETRATO OVAL

(The Oval Portrait, EUA, 1988)
Direção: Rogério Gonzales Jr. Com Gisele Mckenzie, Wanda Hendrix, Barry Coe. Tela Um.
Baseado no famoso conto de Edgar Allan Poe, sobre um amor impossível que consegue suplantar a própria morte. Não é tão feliz quanto as adaptações de Poe feitas por Corman nos anos 60.

ROBOTECH 1

(Japão, 1985)
Direção: Ippei Fuki. Animação original produzida por Tatsunoko. Transvídeo.
Desenho animado futurista. A chegada de uma nave alienígena à Terra coloca as nações em alerta diante de uma possível invasão extraterrestre. Inicia-se o projeto Robotech — a restauração da nave e utilização de sua tecnologia como arma contra os invasores. Este volume reúne os dois primeiros episódios da cultuada série, que possui, inclusive, versões em quadrinhos no Japão e EUA. O público alvo são os fãs de *Jornada nas Estrelas*. Inédito na TV.

ROBOTECH 2

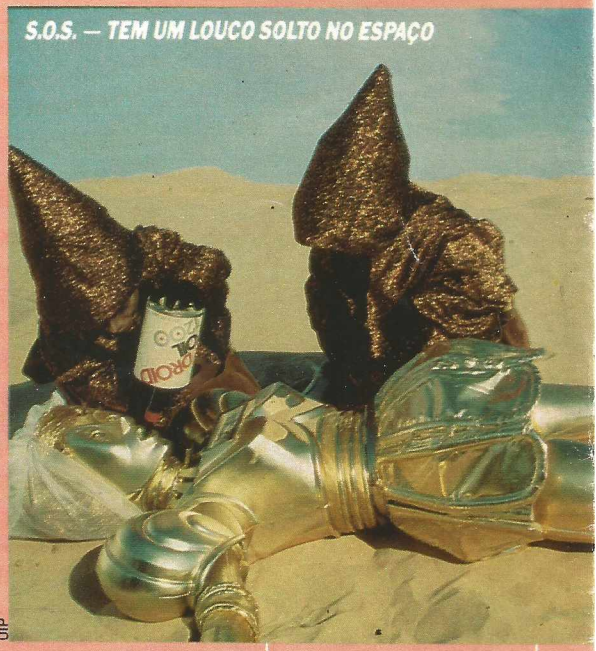
(Japão, 1985)
Direção: Ippei Fuki. Animação original produzida por Tatsunoko. Transvídeo.
O piloto Rick Hunter se torna o primeiro herói da série — o maior épico de animação japonesa, que inclui um total de 85 episódios e se estende por três diferentes gerações. Nos episódios três e quatro da primeira fase (conhecida como *The Macross Saga*, com 36 capítulos), o capitão da gigantesca nave Robotech realiza uma dobra espacial muito próximo da Terra, arrastando a ilha de Macross para a órbita de Plutão. Inicia-se, então, uma dramática operação de resgate, sob a ameaça dos alienígenas Zendraedi.

NOME DE CÓDIGO: ROBOTECH

(Japão, 1984)
Direção: Orlando Viviane. Transvídeo.
Resumo do primeiro ano da série de desenhos animados *Robotech*. A história é rodada em flashback pelo capitão da SDF-1, que retorna à Terra após vencer uma raça alienígena com pretensões de conquistas espaciais. Roteiro um pouco truncado, justamente por se tratar de um resumo. O melhor é ver integralmente os capítulos disponíveis em vídeo.

ROBUR, O CONQUISTADOR DO MUNDO

(Master of the World, EUA, 1961)
Direção: William Witney. Com Vincent Price, Charles Bronson, Henry Hall, Mary Webster, David Frankham. Globo Vídeo.
Boa ficção, baseada na história de Júlio Verne sobre um homem que pretende dominar o mundo a partir de um futurístico zepelim. O filme traça paralelos com *20 000 Léguas Submarinas* — Robur seria uma espécie de capitão Nemo humanizado. Produção da AIP, especialista em filmes de horror barato dos anos 60, a maioria estrelados, justamente, por Price.



UIP

UIP

S & M — A TV PIRATA

(The American Way, EUA, 1986)
Direção: Maurice Phillips. Com Dennis Hopper, Michael J. Pollard, James Aubrey, Nigel Pegram, Al Matthews. Jaguar Vídeo.
É um pássaro? É um avião? Não, é a TV Pirata de Dennis Hopper, instalada a bordo de um bombardeiro sobrevivente da guerra do Vietnã — assim como seus tripulantes hippies. Em sua "última" missão, os piratas do ar tentam impedir uma mulher, com o perfil bélico de Thatcher, de se tornar o próximo presidente dos EUA. O combustível deste *cult movie* é sexo, drogas e rock'n'roll — na trilha, de Kinks a Hendrix. Imperdível para os jovens e ininteligível para os mais velhos.

SEXTA-FEIRA 13 PARTE VII — A MATANÇA CONTINUA

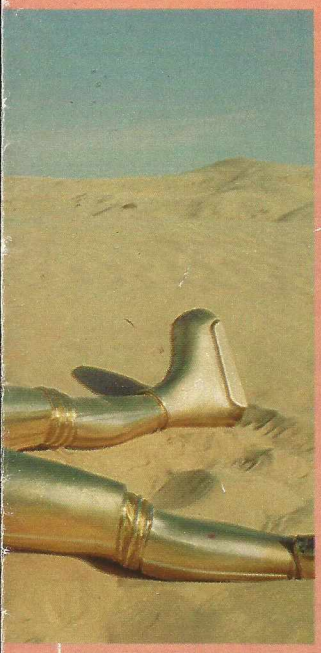
(Friday, the 13th — The New Blood, EUA, 1988)
Direção: John Carl Buechler. Com Jennifer Banko, John Otrin, Susan Blu, Lar Park Lincoln. CIC.
O título já diz tudo. É a marmelada de sempre, com Jason assassinando adolescentes no lago Cristal. Desta vez, entretanto, não há closes revoltantes e Jason tem que enfrentar uma menina com poderes paranormais.

SEXTA-FEIRA 13, O LEGADO

(Friday the 13th — The Legacy, EUA, 1987)
Direção: William Fruet, Atom Egyon. Com John D. LeMay, Robey, Christopher Wiggins. CIC.
Série de TV que nada tem a ver com a sanguinária *Sexta-Feira 13* do cinema. Os primos Mick e Ryan herdam uma loja de antigüidades onde todos os objetos são amaldiçoados. Toda a série se concentra na captura dos objetos vendidos — no primeiro episódio, uma boneca; no segundo, a estatueta de um cupido. Clichês tão antigos quanto as teias da loja.

SEXTA-FEIRA 13 — O LEGADO II

(Friday the 13th — The Legacy/Friday Curse, EUA, 1987)
Direção: Timothy Bond, Richard Friedman. Com John D. LeMay,



Christopher Wiggins. CIC.
Desta vez, os protagonistas da série têm que encontrar um bisturi pertencente a Jack, o estripador, e um par de luvas de boxe que mata pessoas por nocaute.

SEXTA-FEIRA 13, O LEGADO IV

(Friday the 13th—The Legacy, EUA, 1988)
Direção: Timothy Bond. Com John D. LeMay, Robey, Chris Wiggins. CIC.
Os priminhos Mick e Ryan saem à procura de uma colcha diabólica, que transforma pesadelos terríveis em realidade. Acabam em uma comunidade religiosa — idêntica à do filme *A Testemunha*. A semelhança, aliás, não pára por aí. Ryan apaixona-se pela filha do reverendo, com quem até dança e canta no celeiro — como Harrison Ford e Kelly McGillis. Apesar da pouca originalidade, é um dos menos inconsistentes da série.

O SORO MALDITO

(I, Monster, Inglaterra, 1972)
Direção: Stephen Weeks. Com Christopher Lee, Peter Cushing. VTI.
Outra versão da Hammer de *O Médico e o Monstro*. Desta vez, Jeckyll é Christopher Lee, um precoce estudante de Freud que desenvolve um soro para eliminar as inibições humanas. E que, conforme a tradição, transforma-se num monstro.

S.O.S. — TEM UM LOUCO SOLTO NO ESPAÇO

(Spaceballs, EUA, 1987)
Direção: Mel Brooks. Com Mel Brooks, John Candy, Rick Moranis, Bill Pullman, Daphne Zuniga. Vídeo Arte.
Um herói de aluguel, seu fiel companheiro não humano, um robô dourado e um sábio anão são as únicas esperanças para uma princesa em perigo. Sim, você já viu esse filme antes. Trata-se de uma sátira a *Guerra nas Estrelas*, que, de quebra, faz referências a *Alien* e *Planeta dos Macacos*, com Mel Brooks revezando-se em dois papéis.

SPLASH, UMA SEREIA EM MINHA VIDA

(Splash, EUA, 1984)
Direção: Ron Howard. Com Daryl Hannah, Tom Hawks, John Candy, Eugene Levy. Abril Vídeo.
Uma sereia apaixonada ganha um belo par de pernas e vai a Nova York procurar um garoto que salvou no mar. Acaba sendo perseguida por um desastrado cientista, que, para provar que ela é uma sereia, passa a jogar água em suas longas pernas, tentando transformá-las em rabo de peixe. Deliciosa comédia.

STALKER

(URSS, 1979)
Direção: Andrei Tarkovski. Com Alex Kaidanovski, Alice Friendlich, Anatoli Sononitsin. Taipan.
Tarkovski expõe, como em *Solaris* e *O Sacrifício*, suas terríveis angústias existenciais. *Stalker* (que significa "caçador de segredos") é um guia, que leva pessoas através da "Zona", uma região sinistra isolada pelo Estado, que guarda, em seu centro, uma sala capaz de realizar desejos. Sem efeitos especiais, e contando apenas com uma fotografia granulada, o filme consegue passar a sensação opressiva de uma terra sem vida.

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS

(Starman, EUA, 1984)
Direção: John Carpenter. Com Jeff Bridges, Karen Allen, Charles Martin Smith. Columbia/LK-Tel.
Mistura de *Contatos Imediatos, E.T.* e comédia romântica. Um alienígena chega à Terra, assume a forma de um homem morto e dá o maior susto na viúva, que acaba se tornando sua única aliada em uma louca corrida contra o Exército para chegar até sua espaçonave.

STAR TREK — A NOVA GERAÇÃO III

(Star Trek — The Next Generation III, EUA, 1987)
Direção: Richard Colla, Rob Bocuman. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes, Denise Crosby, Will Wheaton. CIC.
Mais dois episódios da nova geração de *Jornada nas Estrelas*. No primeiro, os tripulantes da nova Enterprise perseguem uma nave dos belicosos Ferengis, uma raça alienígena inimiga da Federação. No segundo episódio, um acidente leva a Enterprise, literalmente, onde ninguém jamais esteve — uma galáxia fantástica, onde os pensamentos se transformam em realidade. Um dos melhores da série.

STAR TREK — A NOVA GERAÇÃO IV

(Star Trek — The Next Generation IV, EUA, 1987)
Direção: Cliff Bole. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes. CIC.
Dois episódios centrados no capitão Picard. No primeiro, uma entidade alienígena invade a Enterprise e o leva a deslumbrar os limites do universo. No segundo, Picard é mentalmente dominado pelos Ferengis, assumindo o comando de uma velha nave e partindo contra a Enterprise.

STAR TREK — A NOVA GERAÇÃO V

(Star Trek — The Next Generation V, EUA, 1987)
Direção: James L. Conway, Cliff Bole. Com Patrick Stewart, Jonathan Frakes. CIC.
A tripulação da Enterprise decide descansar algumas horas num planeta bucólico, onde um de seus membros viola uma lei e é condenado à morte. No segundo episódio, Q, a entidade poderosa do primeiro volume da série, volta a atormentar nossos heróis, fornecendo poderes ilimitados ao capitão Ricker, para colocar à prova a integridade humana.

SUPER-HOMEM II

(Superman II, EUA, 1980)
Direção: Richard Lester. Com Christopher Reeve, Margot Kidder, Gene Hackman, Terence Stamp. Warner.
Três criminosos kriptanianos, fugitivos da Zona Fantasma, adquirem superpoderes ao chegar à Terra. Apenas Super-Homem pode impedi-los de conquistar o planeta. Mas onde está o nosso herói? Na cama (finalmente) com sua namorada, Lois Lane. Bons efeitos no combate entre os superseres garantem a diversão. A música de John Williams é das mais assobiáveis do cinema.

SUPERMOUSE

(Mighty Mouse, EUA, 1972)
Produção: Don Christensen. DIV.
Mistura de Super-Homem e Mickey Mouse, que inaugurou as histórias em quadrinhos em três dimensões. A primeira parte da fita apresenta histórias modernas, em que o super-rato enfrenta egípcios e piratas. A segunda, traz um clássico dos anos 40, muito mais divertido e sofisticado.

THIRST

(Austrália, 1979)
Direção: Rod Hardy. Com Chantal Contouri, David Hemmings, Henry Silva, Shirley

Tec Home

habitada por gigantes. Trata-se de uma parábola sobre a cegueira política, o conflito entre ciência e misticismo, os preconceitos culturais que comandam a vida dos homens. Bons efeitos especiais.

UMA NOITE ALUCINANTE — MORTOS AO AMANHECER

(Evil Dead II, EUA, 1987)
Direção: Sam Raimi. Com Bruce Campbell, Sarah Berry, Dan Hicks. Tec Home.
Não se trata exatamente de uma continuação mas de uma espécie de remake de *A Morte do Demônio*, levando o humor negro às últimas conseqüências. O filme dá, literalmente, um banho de sangue no ator Bruce Campbell. Tudo começa quando ele, não satisfeito em ter estrelado a primeira carnificina, retorna à mesma cabana isolada que serviu de cenário para os acontecimentos originais. O foco de todos os problemas é o *Livro dos Mortos*, encontrado por um arqueólogo e trazido até o local de descanso de nosso herói. O livro conjura demônios ancestrais e dá início a uma série de possessões — na mais engraçada delas, uma mão se revolta contra seu dono, quebrando pratos em sua cabeça. A velocidade dos travellings e os complicados movimentos de câmera, destruindo portas, janelas, perdendo-se em corredores e se aproximando de vítimas indefesas, são de tirar o fôlego. Filme para rir suando frio, vencedor do Grande Prêmio do Festival de Paris do Cinema Fantástico, em 1987.

TRON — UMA ODISSÉIA ELETRÔNICA

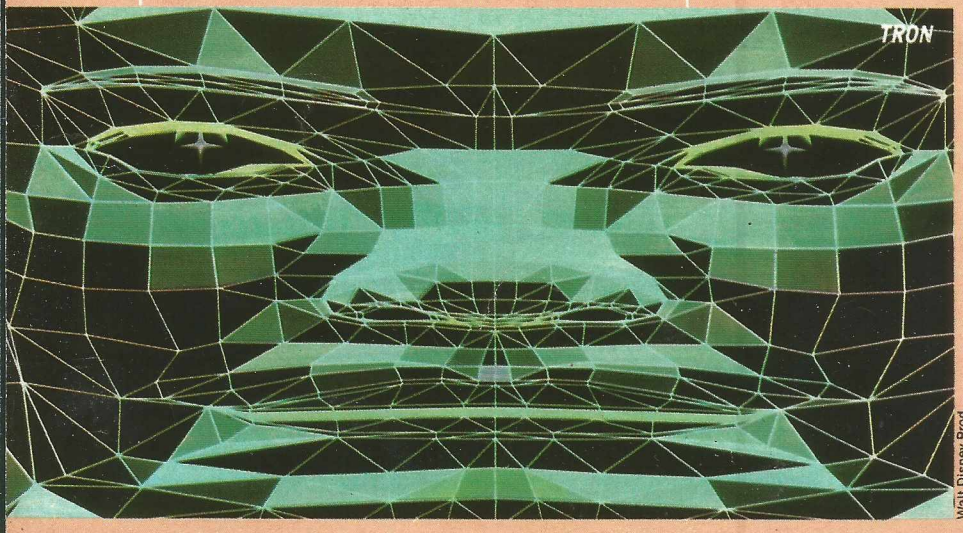
(Tron, EUA, 1982)
Direção: Steven Lisberger. Com Jeff Bridges, David Warner, Bruce Boxleitner, Cindy Morgan. Abril Vídeo.
Primeiro filme a se basear, radicalmente, na computação gráfica. Um *expert* em sistemas, autor de programas de *video-games*, é sugado por um computador, passando a fazer parte de um imenso jogo eletrônico, no qual precisa lutar por sua vida. Trata-se de uma fábula da idade da informática — atualmente, já estão em desenvolvimento pesquisas capazes de ligar a mente humana a um computador, criando ilusões de uma realidade semelhante à apresentada no filme. O grande trunfo do filme é o visual detalhista. Criou-se todo um mundo eletrônico, com auxílio de Moebius, o famoso desenhista de quadrinhos franceses, e de Harrison Ellenshaw (da equipe que recebeu o Oscar de efeitos especiais por *O Império Contra-Ataca*). Essa produção da Disney não agradou muito a crítica, na época de seu lançamento — a principal reclamação era o diálogo, que na maior parte não passa de jargão técnico —, porém, hoje, com o advento dos *cyberpunks*, gangues capazes de penetrar nos mais bem guardados sistemas computadorizados, o filme virou não apenas cult, mas premonitório.

OS TRÊS MUNDOS DE GULLIVER

(The Three Worlds of Gulliver, EUA, 1960)
Direção: Jack Sher. Com Kerwin Mathews, Jo Morrow, June Thorburn. Columbia/LK-Tel.
Pequena obra-prima baseada na história clássica de Jonathan Swift. O dr. Gulliver sobrevive a um naufrágio e vai para a terra de Lilliput, habitada por seres pequeninos. Mas ele ainda vai encontrar uma outra terra, *Cameron*. Macvídeo.
Estranho e estilizado conto de horror sobre uma sociedade secreta que tenta condicionar uma mulher a aceitar o papel de baronesa-vampira. Roteiro razoável, boa direção e muito suspense.

VIAGEM AO SOBRENATURAL

(Out of the Body, Inglaterra/EUA, 1987)
Direção: Brian Trenchard-Smith. Com Mark Hembrow, Tessa Humphries. Transvídeo.
Um rapaz tem pesadelos com as vítimas de brutais assassinatos. Variação de *Os Olhos de Laura Mars* pós-*Hora do Pesadelo*.



Walt Disney Prod.

20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

(20,000 Leagues Under the Sea, EUA, 1954)
Direção: Richard Fleischer. Com James Mason, Paul Lukas, Peter Lorre, Kirk Douglas. Abril Vídeo.
Um dos melhores filmes de ficção dos anos 50, baseado na mais conhecida viagem fantástica de Júlio Verne. No final do séc. 19, um monstro causa terror às embarcações marítimas. Disposto a investigar tal criatura, o professor Aronnax e seu assistente resolvem embarcar numa viagem pelo oceano. Um naufrágio acaba levando-os, com um marujo, a bordo da estranha criatura, que nada mais é do que um submarino: o Náutilus, do lendário capitão Nemo. O detalhe é que os submarinos ainda não haviam sido inventados em 1870, época em que o visionário Verne escreveu a história. O fundo do mar aparece como um mundo maravilhoso, cheio de riquezas e perigos — a cena em que uma lula gigante ataca o Náutilus é famosa —, valendo ao filme o Oscar de efeitos especiais e direção de arte. O elenco não fica atrás — só feras. E o Náutilus, verdadeiro símbolo do filme, emerge com um design gótico, em nada semelhante ao estilo funcional dos submarinos modernos — concepção de Ub Iwerks, o criador da aparência de Mickey Mouse. Um clássico.

Alvorada

A VISÃO DO TERROR

(Terror Vision, EUA, 1986)
Direção: Ted Nicolaou. Com Diane Franklin, Gerry Graham, Mary Woronov. VTI.
Um sanguinário monstro espacial é captado por uma antena parabólica e vai parar na residência de uma família moderninha — os pais são adeptos do *swing*, a filha é um clone de Cindy Lauper, com um namorado metaleiro, e o caçula e o avô, neuróticos, se preparam para a Terceira Guerra. "Terrir" escatológico, que tira sarro de *E.T.*, *Poltergeist* e *A Hora do Espanto*.

A VOLTA DOS TOMATES ASSASSÍNOS

(Return of the Killer Tomatoes, EUA, 1987)
Direção: John DeBello. Com Anthony Stark, George Clooney, Karen Mistal, Steve Landquist, John Astin. Canal 3.
Os infames tomates estão de volta. Agora, sob a forma humana. Conseguirá o cientista maluco que os criou dominar o mundo? Humor escrachado. Não perca a cena final, após os créditos — a mais engraçada do filme.

007 CONTRA A CHANTAGEM ATÔMICA

(Thunderball, Inglaterra, 1965)
Direção: Terence Young. Com Sean Connery, Claudine Auger, Adolfo Celi, Luciana Paluzzi. Warner.
Quarta aventura de James Bond. A organização Spectre seqüestra um avião da OTAN, carregado de bombas de hidrogênio, e ameaça explodir Miami e Cabo Kennedy. Armado de brinquedinhos espetaculares fornecidos pelo cientista Q, Bond vai a Nassau, nas Bahamas, seguindo a pista de um dos principais líderes da criminosa Spectre. Repleto de cenas submarinas e fugas mirabolantes, o filme ganhou o Oscar de efeitos especiais. O aparelho que Bond utiliza para voar, na primeira seqüência do filme, foi depois reutilizado na série de TV *Perdidos no Espaço*. Um dos filmes de 007 preferidos de Connery, a história foi refilmada, dezoito anos depois, como *Nunca Mais Outra Vez*, marcando a volta do ator ao papel que o consagrou.

007 CONTRA OCTOPUSSY

(Octopussy, Inglaterra, 1983)
Diretor: John Glen. Com Roger Moore, Maud Adams, Louis Jourdan, Kristina Wayborn. Warner.
A 33.ª aventura do superespião James Bond mostra nosso incansável herói novamente lutando para salvar o mundo. Desta vez, contra um general russo enlouquecido que tenta explodir uma bomba nuclear. Não faltam os tradicionais aparelhinhos mágicos e as belas garotas.

007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO

(Dr. No, Inglaterra, 1962)
Direção: Terence Young. Com Sean Connery, Ursula Andress,

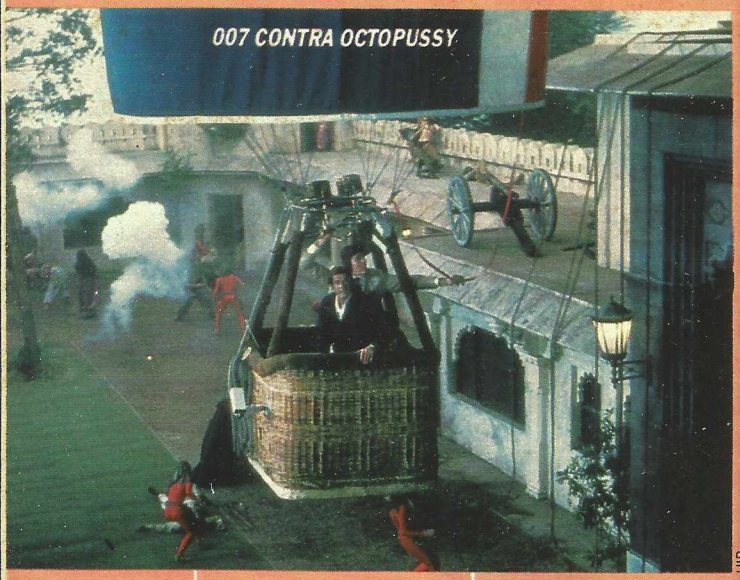
BROADCAST VIDEO SYSTEMS

CÂMERAS
CAMCORDES VHS PROFISSIONAIS
ÚNICA ESPECIALIZADA EM CONSERTOS DE CÂMERAS EM TODO BRASIL.
TODAS MARCAS E MODELOS

VÍDEOS
VHS
BETAMAX
U-MATIC
TRANSCODIFICAÇÃO
TODAS AS MARCAS E MODELOS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA E COMÉRCIO LTDA.

PROMOÇÃO: LIMPEZA GERAL GRATUITA NO SEU VÍDEO OU CÂMERA.
ORÇAMENTO SEM COMPROMISSO - ACEITAMOS CARTÕES DE CRÉDITO.
R. CLODOMIRO AMAZONAS, 1158 LOJA 64 CEP 04537 ITAIM BIBI - SP
SHOPPING CENTER ITAIM ESTACIONAMENTO NO 1º SUB-SOLO
TEL: 543-1595



UIP

Joseph Wiseman, Bernard Lee, Lois Maxwell. Warner.
Primeira versão para o cinema do personagem criado pelo escritor Ian Fleming. James Bond, interpretado por um magro Sean Connery com aparência de galã, vai para a Jamaica e, com auxílio da CIA, desbarata um plano para desviar foguetes do Cabo Canaveral. O filme não apresenta nenhum dos brinquedos e carrões envenenados que se incorporaram à mitologia do herói, mas, em compensação, traz a melhor de todas as *bond-girls*, Ursula Andress.

007 — OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

(Diamonds Are Forever, Inglaterra, 1971)
Direção: Guy Hamilton. Com Sean Connery, Jill St. John, Charles Gray. Warner.
Depois de um breve hiato (em que foi substituído por David Niven e George Lazenby), Connery retorna ao papel de 007 para impedir o já rotineiro fim do mundo — dessa vez por meio de um satélite a laser alimentado por diamantes. Mais próximo do espírito dos seriados de aventura do que das novelas de Ian Fleming, o filme é uma overdose de ação.

007 — O ESPIÃO QUE ME AMAVA

(The Spy Who Loved Me, Inglaterra, 1977)
Direção: Lewis Gilbert. Com Roger Moore, Barbara Bach, Curt Jurgens, Richard Kiel. Warner.
Em sua terceira e melhor aventura como James Bond, Roger Moore alia-se a uma sedutora agente russa para impedir a destruição do mundo. Diversão garantida. A trilha, com a voz de Carly Simon, fez muito sucesso na época.

007 MARCADO PARA A MORTE

The Living Daylights. Inglaterra, 1987)
Direção: John Glen. Com Timothy Dalton, Maryam D'Abo, Joe Don Baker, Jeroen Krabbé. Warner.
15.º filme do famoso agente secreto britânico e o primeiro estrelado por Timothy Dalton — é nesse filme também que a secretária particular de M, Moneypenny, passa a ser interpretada por Caroline Bliss, que, 25 anos depois, substitui a veterana Lois Maxwell. As paisagens exóticas continuam as mesmas. O filme começa em Gibraltar, passeia por Viena e vai terminar no Marrocos. Tampouco faltam as armas especiais inventadas por Q, como um radinho de pilha que dispara projéteis. O filme também traz de volta o famoso automóvel Aston Martin DB5, usado pela última vez em *007 Contra Goldfinger* (1964). Mas o ritmo da história é completamente diferente das aventuras anteriores. Nos últimos filmes, Roger Moore havia composto um personagem irônico e bem-humorado. Dalton é um James Bond dramático, mais violento, audacioso e sério. Apesar disso, o enredo é o de sempre, envolvendo a KGB, contrabando de jóias, armas, drogas, e o assassinato de agentes secretos. E, claro, belas mulheres. Alias, Maryam D'Abo, por quem Bond se apaixona; é uma das mais lindas da série. Canção-tema, desta vez, gravada pelo grupo A-Ha.

007 NA MIRA DOS ASSASSINOS

(A View to a Kill, Inglaterra, 1985)
Direção: John Glen. Com Roger Moore, Christopher Walken, Tanya Roberts, Grace Jones, Lois Maxwell. Warner.
Roger Moore interpreta 007 pela última vez. Um gângster com sonhos megalomaníacos pretende destruir o Vale do Silicone, na Califórnia. Nosso herói pretende impedi-lo. Mas, para tanto, precisa passar por cima de Grace Jones, que no filme interpreta uma superfêmea poderosa.

Seleção e resenhas por Agnes Melis (colaborou Marcel Plasse).
Vídeos cedidos pela locadora Rentacon (tel. 826-4399, SP).

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET TERROR E FICÇÃO

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Diretor de Redação: Eugênio Bucci
Editor: Carlos Volpato
Editor Executivo: Dilson P. Gomes
Editor Assistente: Mario Nery
Redação: Deborah Peleias, Walter de Silva
ARTE
Editor de Arte: Michel Spitale
Produção: Maria Amélia Azevedo
Diagramadores: Angelo de C. Asson, Izaú Norbertino, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa: Sandra Machado Alves
Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Jader de Oliveira (Londres), Adilson Nunes (Paris) e Celso Fioravante (Milão)
Colaboradores - SET Terror e Ficção
Editor: Alex Antunes
Texto: Agnes Melis, José Geraldo Couto, Marcel Plasse, Paulo Capuzzo, Sérgio Figueiredo
Arte: Fernando Morra, Mauricio Cavalcanti
Revisão e Preparação de Textos: Jorge A. de Jesus
Diretora Responsável: Liège de Lima Doria Castelli
PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
SP - Gerente: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: André De Napole Del Matto, Iracema Gil, Ricardo Mateoli
RJ - Gerente: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Eduardo Barros, Paulo Mesquita
Produção Gráfica:
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenador: José Soares A. Santos
Representantes:
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-9528 Porto Alegre — RS
Centro Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 — Brasília — DF
SP-2: Intermídia Repres. e Public. S.C Ltda. Fone: (016) 623-4262 623-4291 — Ribeirão Preto — SP
Serviços Editoriais
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972 **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 - Paris, Phone (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Departamento de Documentação - Dedoc - **Gerente:** Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco C. Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, Caixa Postal 60081, CEP 05096, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** NCz$ 150,00, à vista. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal do BTN verificada no período. Circulação desta revista: setembro/outubro de 1989. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

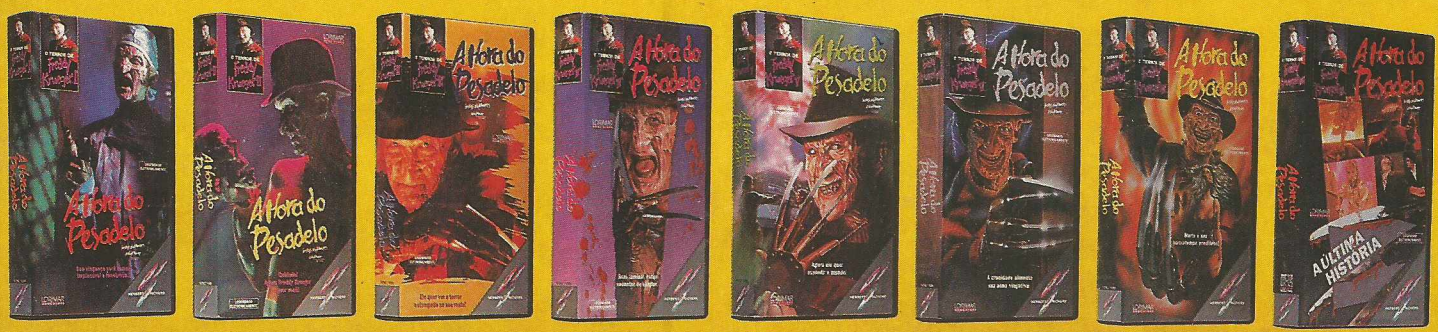
VENHA ME PEGAR

Aceite o convite de Freddy Krueger. Já estão no seu videoclube as oito fitas da série de terror mais badalada da década! São 16 histórias de tirar o fôlego, capazes de transformar seus sonhos em pesadelos arrepiantes
Todas com o padrão de qualidade da Herbert Richers
Não deixe de levar para casa a série completa do terror mais sarcástico do mundo. E viva momentos de tensão e pavor insuperáveis.

HERBERT RICHERS

A Hora do Pesadelo
O TERROR DE
Freddy Krueger
FREDDY'S NIGHTMARES. A NIGHTMARE ON ELM STREET: THE SERIES

NOS MELHORES VIDEOCLUBES E LOCADORAS DA CIDADE!



Top Models

Esta não é somente a mais completa linha de câmeras de vídeo existente no mercado. É também o que a tecnologia conseguiu produzir de mais avançado.

São vários modelos e formatos que fazem qualquer iniciante obter image tão perfeitas quanto um profissio

Mas a melhor coisa que elas tem em comum é o nome JVC, a marca de todos os que conhecem vídeo.

Escolher a melhor câmera é tão fácil r JVC.

m sistemas de vídeo HS.

2 SUPERPOSTERS GRÁTIS STARTREK E BATMAN

JVC

O inventor do VHS

*Produtos à venda na Zona Franca de Manaus.